



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Guilherme Amorim Cavalcanti

O capital simbólico em movimento: Premiações e arquitetura na América Latina

João Pessoa

2025

Guilherme Amorim Cavalcanti

O capital simbólico em movimento: Premiações e arquitetura na América Latina

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba na linha de pesquisa Projeto do Edifício e Cidade como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Linha de Pesquisa: Projeto do Edifício e Cidade

Orientador: Prof. PhD Luiz Manuel do Eirado Amorim

2º Orientador: Profa. Dra. Wynna Carlos Lima Vidal

João Pessoa

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C376c Cavalcanti, Guilherme Amorim.

O capital simbólico em movimento : premiações e
arquitetura na América Latina / Guilherme Amorim
Cavalcanti. - João Pessoa, 2025.
166 f. : il.

Orientação: Luiz Manuel do Eirado Amorim.
Coorientação: Wylenna Carlos Lima Vidal.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CT.

1. Arquitetura contemporânea - América Latina. 2.
Arquitetura - prêmios. 3. Capital simbólico. I. Amorim,
Luiz Manuel do Eirado. II. Vidal, Wylenna Carlos Lima.
III. Título.

UFPB/BC

CDU 72(043)

Aos quinze dias do mês de dezembro de 2025, às 14:00 horas, de maneira remota, houve a defesa do trabalho final cujo título é “**O capital simbólico em movimento: Premiações e Arquitetura na América Latina**”, vinculado à linha de pesquisa Projeto do Edifício e Cidade, pelo discente Guilherme Amorim Cavalcanti, matrícula 20231020599. A Banca Examinadora foi composta pelos professores doutores: Luiz Manuel do Eirado Amorim (Orientador – Avaliador Interno – PPGAU/UFPB), presidente da banca; Wylinna Carlos Lima Vidal (Coorientadora – Avaliadora Interno – PPGAU/UFPB); Mariana Fialho Bonates (Avaliadora Interna – PPGAU/UFPB); Hugo Massaki Segawa (Avaliador Externo – USP); e Cristiano Felipe Borba do Nascimento (Avaliador Externo – UFPE). Iniciados os trabalhos, o discente fez uma exposição oral, e em seguida houve arguição pelos examinadores. Ao final da defesa, a banca se reuniu reservadamente e considerou o trabalho:

(X) APROVADO () INSUFICIENTE () REPROVADO

Observação: O candidato deverá atender às recomendações dos membros da Banca examinadora quanto às correções e ajustes necessários.

Recomendado para concorrer premiação: (X) Sim () Não

Recomendado para publicação: (X) Sim () Não

Nada mais havendo, os trabalhos foram encerrados e em seguida foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Luiz Manuel do Eirado Amorim, pelos membros da Comissão Examinadora e discente.

Documento assinado digitalmente
 **LUIZ MANUEL DO EIRADO AMORIM**
Data: 16/12/2025 08:29:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luiz Manuel do Eirado Amorim
(Orientadora/Presidente – UFPB)

Documento assinado digitalmente
 **WYLNNA CARLOS LIMA VIDAL**
Data: 16/12/2025 08:45:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Wylinna Carlos Lima Vidal
(Avaliadora Interna – UFPB)

Documento assinado digitalmente
 **MARIANA FIALHO BONATES**
Data: 16/12/2025 11:34:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Mariana Fialho Bonates
(Avaliadora Interna – UFPB)

Documento assinado digitalmente
 **HUGO MASSAKI SEGAWA**
Data: 19/12/2025 20:18:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Hugo Massaki Segawa
(Avaliador Externo – USP)

Documento assinado digitalmente
 **CRISTIANO FELIPE BORBA DO NASCIMENTO**
Data: 16/12/2025 20:46:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Cristiano Felipe Borba do Nascimento
(Avaliador Externo – FUNDAJ)

Documento assinado digitalmente
 **GUILHERME AMORIM CAVALCANTI**
Data: 19/02/2026 20:47:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Guilherme Amorim Cavalcanti
(Discente)

AGRADECIMENTOS

À família em que nasci, as famílias que agora faço parte e a família que agora construo, isto não significaria nada sem vocês. Em especial à Elayne, com quem compartilho a vida, os devaneios e as reflexões, você me move todos os dias e me permite ir além.

Agradeço a possibilidade de me aprofundar e enxergar a riqueza e a diversidade da América Latina, de adotar esse recorte e seus temas que nunca deixam de me cativar.

Um agradecimento especial e em conjunto, pois não poderia ser de outra forma, aos professores Luiz Amorim, a quem admiro imensamente e sem o qual essa pesquisa não seria possível, e à professora Wynna Vidal, que, através de uma escuta atenta e de um cuidado que lhe é próprio, contribuiu imensamente com esta pesquisa e com meu processo formativo. Estendo ainda aos demais membros do Laboratório de Projeto, Pesquisa e Memória, Rui Rocha, Adriana Leal, Germana Rocha, Livia Nóbrega e Yane Diniz com quem compartilhei orientações, aulas e conversas de laboratório sempre muito cativantes.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão de uma bolsa de estudos que possibilitou dedicação à pesquisa. Ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba do qual fiz parte e que concedeu todo o suporte necessário a este processo. A professora Mariana Bonates e os professores Hugo Segawa, José Carlos Huapaya Espinoza e Cristiano do Nascimento pelo tempo e dedicação para a leitura e comentários pertinentes e cativantes ao desenvolvimento desta pesquisa.

“(...) justamente por isso, para aquilo que é
feito no Norte não seja diferente
do que é feito no Sul”

O Agente Secreto (2025)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar as premiações de arquitetura contemporânea da América Latina, a partir das teorias de capital e poder simbólico de Pierre Bourdieu. Utiliza como objeto empírico o Prêmio Latino-Americano de Arquitetura Rogelio Salmona e o Mies Crown Hall Americas Prize. Todo campo, definido por Bourdieu (1989 [2003]) como espaços estruturados que dão suporte para a disputa e acúmulo de capital, possui suas próprias regras de negociação e transação, limites e restrições e apresentam uma economia geral de práticas em que se disputa o poder para produzir valor. O cenário contemporâneo, marcado pelo consumo e a necessidade de constante renovação do gosto, coloca novos desafios para as ferramentas de movimentação do capital simbólico do campo arquitetônico como: as revistas, bienais, exposições, ferramentas da internet e premiações, instrumentos de distinção fundamentais para a representação da prática de arquitetura na América Latina. Nesse contexto, as premiações se particularizam pelo objetivo de sintetizar o universo ali considerado em uma obra, constituindo questões particulares para a conversão e ampliação do capital simbólico no contexto do certame. As aproximações e afastamentos presentes nos mecanismos de seleção, nos agentes e nos resultados das duas premiações aqui estudadas fazem delas exemplares que reproduzem dinâmicas comuns às premiações, mas que se posicionam a partir de seu local e se particularizam na tentativa de amplificar sua capacidade de conferir prestígio.

Palavras-chave: América Latina; Prêmios; Capital simbólico; Arquitetura Contemporânea.

ABSTRACT

This work aims to investigate contemporary architecture awards in Latin America, based on Pierre Bourdieu's theories of capital and symbolic power. It uses the Rogelio Salmona Latin American Architecture Prize and the Mies Crown Hall Americas Prize as empirical objects. Every field, defined by Bourdieu (1989 [2003]) as structured spaces that support competition and accumulation of capital, possesses its own rules of negotiation and transaction, limits and restrictions, presenting a general economy of practices in which power is contested to produce value. The contemporary scenario, marked by consumption and the need for constant renewal of taste, adds new challenges to the means for moving symbolic capital in the architectural field, such as magazines, biennials, exhibitions, internet, and awards, instruments of distinction for the representation of architectural practice in Latin America. In this context, awards are characterized by the objective of synthesizing the universe considered in a single work, constituting particular questions for the conversion and expansion of symbolic capital within the context of the competition. The similarities and differences present in the selection mechanisms, agents, and results of the two awards studied here make them exemplary in reproducing dynamics common to awards, but positioned from their specific context and particularized in an attempt to amplify their capacity to confer prestige.

Keywords: Latin America; Awards; Symbolic capital; Contemporary Architecture.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo investigar los premios de arquitectura contemporánea en Latinoamérica, a partir de las teorías del capital y el poder simbólico de Pierre Bourdieu. Se utilizan el Premio Latinoamericano de Arquitectura Rogelio Salmona y el Mies Crown Hall Americas Prize como objetos de estudio. Todo campo, definido por Bourdieu (1989 [2003]) como espacios estructurados que sustentan la competencia y la acumulación de capital, posee sus propias reglas de negociación y transacción, límites y restricciones, presentando una economía general de prácticas en la que el poder se disputa para producir valor. El escenario contemporáneo, marcado por el consumo y la necesidad de una constante renovación del gusto, plantea nuevos retos a las herramientas para la movilización del capital simbólico en el ámbito arquitectónico, tales como revistas, bienales, exposiciones, herramientas de internet y premios, instrumentos de distinción para la representación de la práctica arquitectónica en Latinoamérica. En este contexto, los premios se caracterizan por el objetivo de sintetizar el universo considerado en una sola obra, lo que plantea interrogantes particulares para la conversión y expansión del capital simbólico en el marco del concurso. Las similitudes y diferencias presentes en los mecanismos de selección, los agentes y los resultados de los dos premios estudiados aquí los convierten en ejemplos paradigmáticos de la reproducción de dinámicas comunes a los premios, pero situadas desde su contexto específico y particularizadas en un intento de amplificar su capacidad para conferir prestigio.

Palabras Clave: América Latina; Premios; Symbolic capital; Arquitectura Contemporánea.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - LOGO DA 4ª EDIÇÃO DO PRÊMIO ROGELIO SALMONA	64
FIGURA 02 - CATÁLOGO PARA A QUARTA EDIÇÃO DO PRÊMIO.....	70
FIGURA 03 - CERIMÔNIA DE ENTREGA PARA A QUARTA EDIÇÃO	72
FIGURA 04 - EXPOSIÇÃO DA QUARTA EDIÇÃO	73
FIGURA 05 – PRÊMIO ROGELIO SALMONA EM 2014, 2016 E 2018	79
FIGURA 06 - RECORRÊNCIA DE PAÍSES NO PRIMEIRO CICLO	80
FIGURA 07 - DISTRIBUIÇÃO DAS OBRAS NO PRIMEIRO CICLO	81
FIGURA 08 - RECORRÊNCIA DE PAÍSES EM 2024	85
FIGURA 09 - EDIFÍCIO PROJETO VIVER.....	88
FIGURA 10 - MERCADO 9 DE OUTUBRO.....	88
FIGURA 11 - CENTRO CULTURAL VALPARAÍSO	89
FIGURA 12 - UVA TANQUES EPM.....	89
FIGURA 13 - PARQUE EDUCATIVO SABERES ANCESTRALES.....	90
FIGURA 14 - LOGO DO MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE	92
FIGURA 15 - EXTERIOR DO S. R. CROWN HALL	93
FIGURA 16 - INTERIOR DO S. R. CROWN HALL.....	93
FIGURA 17 - CONVERSA COM O JÚRI DA QUINTA EDIÇÃO NO IIT	102
FIGURA 18 - PUBLICAÇÕES DECORRENTES DO MCHAP.....	103
FIGURA 19 - CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO BEYOND THE PRIZE.....	110
FIGURA 20 - CATEGORIA EMERGE EM 2014 E 2016.....	114
FIGURA 21 – CATEGORIA EMERGE EM 2022 E 2024	115
FIGURA 22 - CATEGORIA AMERICAS EM 2014 E 2016	116

FIGURA 23 - CATEGORIA AMERICAS EM 2018, 2022 E 2024	117
FIGURA 24 - RECORRÊNCIA DE PAÍSES NO MCHAP	119
FIGURA 25 - RECORRÊNCIA DE REGIÕES NO MCHAP	120
FIGURA 26 - RECORRÊNCIA DE ESCRITÓRIOS NO MCHAP	121
FIGURA 27 - EDIFÍCIO PARA A FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO	123
FIGURA 28 - 1111 LINCOLN ROAD	123
FIGURA 29 - GRACE FARMS	124
FIGURA 30 - EDIFÍCIO E, UNIVERSIDADE DE PIURA	124
FIGURA 31 - REFORMA E AMPLIAÇÃO DO MUSEU ANAHUACALLI	125
FIGURA 32 - THADEN SCHOOL	125
FIGURA 33 - CASA POLI	127
FIGURA 34 - PAVILHÃO EM ZÓCALO	127
FIGURA 35 - UNIDADE COMUNITÁRIA	128
FIGURA 36 - COLOSIO EMBANKMENT DAM	128
FIGURA 37 - CENTRO COMUNITÁRIO LAS TEJEDORAS	129

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - RELAÇÃO DOS PAÍSES E JURADOS DO PRÊMIO	69
QUADRO 02 - OBRAS PREMIADAS EM 2014, 2016 E 2018	82
QUADRO 03 - OBRAS PREMIADAS EM 2024	86
QUADRO 04 - JURADOS DO MCHAP	106
QUADRO 05 - OBRAS PREMIADAS NA CATEGORIA AMERICAS	126
QUADRO 06 - OBRAS PREMIADAS NA CATEGORIA EMERGE	129

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 DEFINIÇÕES PARA A PESQUISA	10
1.2 ESTADO DA ARTE.....	17
1.3 APRESENTAÇÃO DOS PRÊMIOS	22
1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
2. TEORIAS DE BOURDIEU	29
2.1 CONCEITOS	30
2.2 DISPUTAS	36
3. MOVIMENTAÇÃO DO CAPITAL SIMBÓLICO NA AMÉRICA LATINA	42
3.2 PREMIAÇÕES	49
4. ESTUDOS DE CASO	64
4.1 PRÊMIO ROGELIO SALMONA.....	64
4.2 MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE	92
4.3 SEÇÃO COMPARATIVA	132
5. CONCLUSÃO	144

1. INTRODUÇÃO

1.1 DEFINIÇÕES PARA A PESQUISA

Para o desenvolvimento deste estudo, parte-se da compreensão de que a arquitetura é um fenômeno social materializável por meio de uma obra, ativamente produzido por indivíduos, pelas estruturas sociais nas quais estão inseridos e pelos discursos em que participam (STEVENS, 1998). Essa construção pode ocorrer no sentido físico, na concepção e materialização de um objeto arquitetônico, ou no sentido figurado, nas publicações, exposições, seminários e premiações, por meio de textos, desenhos e imagens. Estas são fundamentais na construção da representação social, entendida por Bourdieu (1994 [1996]) como um processo que molda a forma como percebemos e avaliamos o mundo à nossa volta, em que têm centralidade figuras como críticos, comentaristas, escolas, revistas, editoras, museus e galerias.

Compreende-se que não somente a arquitetura enquanto obra construída é um fenômeno histórico ou, como destaca Forty (2000), suas representações bidimensionais e a linguagem empregada em sua comunicação, mas também os meios de difusão e círculos privilegiados de reconhecimento e divulgação. Entre as disputas que permeiam o campo arquitetônico, o conflito existente entre os diferentes grupos para perpetuar seus interesses dialoga com um cenário contemporâneo marcado pela pertinência das teorias de Pierre Bourdieu.

A arquitetura e os arquitetos estão inseridos no campo da cultura, um campo que tem sido uma das preocupações de Bourdieu. Seu interesse está em como a cultura é feita para servir a funções sociais. O argumento básico é que a cultura é usada para ocultar a verdadeira natureza das relações de poder entre grupos e classes. Bourdieu argumenta que a predominância é mantida pelo uso do poder simbólico, por meios culturais. A classe dominante mantém o fechamento social e transmite poder e privilégio através das gerações, erguendo limites simbólicos em torno de si. (STEVENS, 1998, p. 68, tradução nossa)

Assim, como apontam Carranza e Lara (2015) e Basyazici e Uluoglu (2017), para compreender um processo sociocultural como a disputa pela representação

arquitetônica, em que se consolidam mecanismos de perpetuação da arquitetura em um objeto distinto, é necessário levar em consideração os locais em que se desenvolvem, os períodos que representam e as pessoas que os integram. No território latino-americano, o “olhar estrangeiro”¹ é um fator incontornável na construção das narrativas historiográficas que sucessivamente colocaram a produção da América Latina às margens, e, que, quando observada, era tratada sob valores pertinentes à realidade europeia e norte-americana (BARBOSA, 2023).

Diante deste contexto marcado por um interesse em estudar a arquitetura contemporânea na América Latina, mas também em discutir as particularidades e tensões na sua representação, o presente trabalho tem como objetivo de investigar as premiações de arquitetura contemporânea a partir da América Latina e das relações que estabelecem com as teorias de capital e poder simbólico de Pierre Bourdieu. Dado o escopo e o tempo para o desenvolvimento da pesquisa, foram adotados como objetos específicos o Prêmio Latino-Americano de Arquitetura Rogelio Salmona e o Mies Crown Hall America Prize, duas iniciativas que abarcam o território, mas que, além de serem objetos ainda pouco explorados em pesquisas acadêmicas, possibilitam, a partir de sua estrutura, seus organizadores e seus recortes temáticos e espaciais, constituir uma reflexão mais aprofundada ao objetivo aqui proposto.

Constituem objetivos específicos apresentar os conceitos de capital, poder, campo, habitus elaborados por Bourdieu e seus pontos de contato com o campo arquitetônico da América Latina, conforme será abordado no primeiro capítulo; relacionar a pertinência das teorias de Pierre Bourdieu com o contexto contemporâneo da América Latina e com as premiações, reflexão enfatizada no segundo capítulo; identificar os mecanismos utilizados pelo Prêmio Rogelio Salmona e pelo Mies Crown Hall Americas Prize para conferir prestígio e legitimação, conforme o terceiro e último capítulo desta dissertação.

Ecoando as palavras de Santos (2006, p. 102), aquilo que parece não existir “é na verdade, ativamente produzido como não existente”. Desde a criação da narrativa de descoberta da América, passando pela invenção da chamada América Latina, até os dias atuais, os agentes europeus e os norte-americanos, associados mais recentemente, tentam conformar as antigas colônias abaixo dos Estados Unidos

¹ TINEM, Nelci. O alvo do olhar estrangeiro: o Brasil na historiografia da Arquitetura Moderna. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.

da América em um local de experimentação ou exploração, onde iniciativas como a modernização poderiam ser concretizadas. O problema dessa visão reside na tentativa de consolidar uma unidade cultural incapaz de representar, de modo consistente, qualquer realidade plural como a latino-americana.

Nesta pesquisa, como em Cunha et al. (2019) e Lara (2012), entende-se a América Latina como uma construção cultural apoiada em aproximações quanto à língua, à geografia, ao processo de colonização e na “simultaneidade de certos processos socioeconômicos de urbanização, industrialização, modernização e metropolização” (CUNHA et al., 2019, p. 3). Para Lara (2018), a construção da ideia de um continente vazio, pronto para ser conquistado, e o apagamento das experiências anteriores à chegada dos europeus são mecanismos essenciais do processo de colonização, que resultam em uma lacuna de conhecimento da própria história americana.

Observando de modo mais particular a América Latina não é à toa, como coloca Waisman (1990 [2013]), que uma escala de valores construída a partir dos centros colonizadores coloque a sua produção cultural e arquitetônica nas margens do sistema de valoração, entendido aqui como os meios de disseminação e reconhecimento das práticas e produções que, por sua vez, dispõem de mecanismos para a construção de narrativas.

O valor de um objeto cultural é um fenômeno complexo, voluntariamente construído, que depende de forças econômicas, sociais e institucionais, que se articulam para consagrar uma determinada narrativa (BOURDIEU, 1993, p. 113). Essas estruturas de poder que se apresentam como ferramentas de organização da sociedade moderna, utilizam as formas menos autoritárias e mais pessoais para a manutenção dos arranjos vigentes, como nos produtos culturais e as categorias sobre as quais são desenvolvidos e analisados (SWARTZ, 2013).

Para essa reflexão, é central o conceito de capital que, para Bourdieu (1994 [1996]), é um recurso social em disputa por diferentes agentes, relevante na hierarquia de uma sociedade estratificada, e que pode ser criado, acumulado, convertido e utilizado, material ou simbolicamente. Centrado nas questões de legitimação e prestígio, o capital simbólico designa a autoridade reconhecida socialmente para impor significados e classificações como adequadas e relevantes, configurando uma

espécie de poder sobre algo, que pode ser acumulado através do seu reconhecimento público e das posições ocupadas no campo pelos seus detentores (SWARTZ, 2013).

Nesse contexto, destaca-se a “expansão desenfreada da sociedade do consumo” (TEMPESTINI, 2025, p. 3), em que é marcante a constante necessidade de ampliação das fronteiras, a renovação dos produtos e o excesso de produtos, de modo que a percepção de valor passa a estar subordinada à aclamação pública. Diante disso, o papel do prestígio enquanto um filtro é realçado, atuando para selecionar aquilo que trará maior prazer pessoal ou benefício social, e que, portanto, merece tempo e atenção (KENNEDY-KARPAT E SANDBERG, 2017). No campo arquitetônico, esse cenário, impulsionado pela globalização e pela expansão do meio virtual, manifesta-se em uma maior midiatização, entendida aqui de acordo com Lipstadt (1989), como qualquer forma pública de representação arquitetônica que circule para além do processo de construção, conformando um cenário difuso que interfere na apuração crítica do público.

As lutas pelos capitais simbólicos são mais complexas, pelo seu valor ser uma construção arbitrária que pode mudar com o tempo, e, portanto, ser constantemente disputado dentro dos campos. Para Bourdieu, (1979 [2006]), estes são espaços autônomos estruturados em que instituições e indivíduos atuam para estabelecer posições de poder através do acúmulo e conversão de capital sob os demais agentes. Como afirma Martins (2023), as ideologias dominantes utilizam a arquitetura como uma ferramenta de disputa pelo capital simbólico que demarca e amplia sua posição hegemônica, para se expandir e capturar outros espaços, mas sem absorvê-los.

Além dos indivíduos, as instituições, entidades formadas por indivíduos ou grupos deles, tem um papel fundamental enquanto fornecedores-chave, consumidores de recursos e produtos e agências reguladoras que trabalham em conjunto na produção de mecanismos para perpetuar seus diferentes tipos de capital, como, por exemplo, a instituição escolar (BOURDIEU, 2006). “Dizer que alguém é arquiteto não é apenas dizer que se tem um determinado diploma, ou que se pode projetar edifícios, é dizer que se tem um certo conjunto de atitudes, gostos e disposições, todas as formas de capital cultural que distinguem um arquiteto de um mero construtor” (STEVENS, 1998, tradução nossa, p. 80).

De acordo com Devés Valdés (2007), nas últimas décadas tem sido notável a ascensão de novos agentes culturais que, concentrando sua atuação em

determinados nichos, disputam a produção de signos e consolidam novas redes internacionais, ampliando o cenário anteriormente dominado pelos Estados. Para esta pesquisa, destacam-se enquanto agentes de legitimação, as instituições culturais, ou seja, “formadores de opinião na mídia, no setor sem fins lucrativos e nas indústrias culturais que geram crença no valor e prestígio de certos bens culturais” (FRIEDMAN E REEVES, 2020, tradução nossa, p. 326).

Dentre as ferramentas pertinentes ao campo arquitetônico que colaboram na construção desses valores, destacam-se os livros, periódicos, exposições, catálogos, premiações e séries audiovisuais, que, como afirma Barbosa (2023), apesar de diferentes quanto ao formato e arranjo das informações, compartilham a presença de um mecanismo de seleção, uma curadoria que delimita os recortes temáticos, geográficos, temporais e os métodos, a fim de constituir um discurso coerente.

Nesse contexto contemporâneo marcado pela diluição das centralidades e das fronteiras, pelos movimentos de revisão histórica e pelo fluxo de informação em constante movimento acelerado, é notável a perpetuação de agentes de legitimação como o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), a Bienal de Veneza e o Prêmio Pritzker, destacados por Lima (2022), que, indissociáveis da dinâmica de capital colocada por Bourdieu, buscam expandir e adaptar seu capital simbólico, ao englobar recortes geográficos, temáticos e sociais antes vistos como periféricos. Ainda que não seja novidade, vide as exposições do MoMA, *Brazil Builds* (1943), *Latin American Architecture since 1945* (1955), *Architecture without Architects* (1965), a escolha do arquiteto mexicano Luís Barragán como segundo laureado do Prêmio Pritzker (1980), dentre outros, esse fenômeno tem encontrado mais espaços de reverberação.

Práticas como essas primeiro realizam a conversão do capital financeiro em simbólico ao criar e financiar eventos de distinção que agregam membros detentores de prestígio no campo, para em seguida utilizar desse capital simbólico adquirido com o tempo e a recorrência para perpetuar sua inserção, e, assim, canonizar práticas e discursos que servem tanto como um recado daquilo que deve ser valorizado pelo campo arquitetônico, quanto um aceno a práticas e temas que ganharam destaque com o passar do tempo.

Para Featherstone (1997, p. 31), “se existir uma cultura global, seria melhor concebê-la não como cultura comum, mas como um campo no qual se exerçam as diferenças, as lutas de poder e as disputas em torno do prestígio cultural”. O contexto

de globalização e a perpetuação do sistema de produção capitalista provocam a criação de novos campos para especular e promover a conversão entre diferentes formas de capital, que, para Basyazici e Uluoglu (2017), se manifestam dentro do campo arquitetônico em exemplos como: a prática especulativa dos “Starchitects” e seu papel na disputa pelo protagonismo; a repercussão midiática de biografias e documentários sobre a vida e carreira de arquitetos contemporâneos; a imersão de escritórios em estratégias de marketing; e o sistema de premiações arquitetônicas.

Para Bourdieu (1979 [2006]), a participação em qualquer campo de disputa pressupõe uma cumplicidade com as regras do jogo que definem o que é adequado e pertence àquele campo e aquilo que deve ser deixado de fora. O estabelecimento de regras é intrínseco à prática das premiações, em que os critérios de seleção e a forma como são aplicados para realizar a sua tarefa básica, reduzir um extenso universo de práticas a um número seletivo e, em última análise, a um único objeto, configuram um discurso constantemente reforçado em suas diferentes etapas.

Arango (2012a) considera que as premiações são concursos “a posteriori”, destinados a projetos ou obras arquitetônicas já realizadas, que devem ser avaliadas sistematicamente, dado que tal juízo é percebido como uma instância de validação e divulgação. Como apontado por English (2014) e demonstrado por Chupin et al. (2022), essas práticas, consolidadas no século XX, têm se expandido no campo cultural. Contribuem para isso a repercussão midiática e a participação de múltiplos agentes, visto que, além dos participantes e ganhadores, permitem que organizadores, juízes e promotores manifestem seus discursos (TEMPESTINI, 2025).

Assim, a disputa, marcante na teoria de Bourdieu, é um elemento fundamental das premiações, indo desde os participantes que efetivamente disputam o prêmio; passando pelo júri que deverá produzir um consenso através do debate, chegando até as iniciativas em si, que, dado a variedade de tipos, objetivos, recortes e condições de participação, se inserem em uma disputa pelo alcance e reconhecimento entre si (ARANGO, 2012a). Essa multiplicidade de dinâmicas e relações complexifica a análise dessa ferramenta, tornando relevante abordagens e perspectivas que perpassam pela estrutura estabelecida; pelos agentes que podem atuar como patrocinadores, organizadores, jurados ou participantes; os resultados do processo; a circulação e alcance da prática; a reverberação dentro do próprio campo, dentre outros. Repercutindo Kennedy-Karpat e Sandberg (2017), a concessão do prêmio é

apenas uma parte do sistema maior de prestígio, em que uma combinação de dinâmicas que apresentam pontos de contato com as teorias de Bourdieu, como o capital simbólico, se fazem presentes.

“De tempos em tempos, a Europa olha para a América, justamente em momentos em que necessita de reinvenção. Aqui a arquitetura ainda não foi totalmente dominada pela técnica ou pelo capital” (SAUER, 2019, p. 82). Para Arango (2012a), a produção latino-americana, que continuava sendo marginalmente abarcada nas premiações internacionais, encontrava-se carente de iniciativas que tivessem como base pautas e agentes do próprio contexto. Como afirmado por Friedman e Reeves (2020), é comum no processo de distinção que integra a cultura contemporânea a seleção e exibição pública de objetos que integram ou que apresentam interlocução com a prática dominante daquele campo, ao lado de práticas culturais distantes desses parâmetros, e, portanto, do prestígio, mas que, por integrarem o cotidiano dos indivíduos que compõem tal campo, possibilitam um ponto de contato e uma identificação com o público-alvo dessa prática de legitimação.

É marcante que no ano de 2013 tenham sido lançadas as primeiras edições de duas novas premiações, convergentes no interesse por obras construídas após os anos 2000, mas diferentes em suas metodologias, vínculos e recortes geográficos. Uma concentrada na América Latina, o Prêmio Latino-Americano de Arquitetura Rogelio Salmona, como um mecanismo de identificação e destaque da produção arquitetônica pautada nas questões pertinentes ao território, como a adequação ao contexto e a promoção de espaços públicos; e outra com olhar para as Américas, o Mies Crown Hall Americas Prize, que busca premiar a excelência da prática contemporânea de arquitetura nas Américas, independente da tipologia, uso, escala e a partir de critérios de avaliação variáveis em cada edição.

Essas construções narrativas, tanto endógenas quanto exógenas, que não são homogêneas, conformam a base para um cenário contemporâneo complexo de disputa por representação, no qual deslizamentos e manutenções das hegemonias históricas, sejam elas globais ou locais, podem ser percebidos. Torna-se necessário a reflexão acerca dos mecanismos de estudo e destaque da prática arquitetônica para a construção de leituras críticas capazes de por em perspectiva as motivações, intenções e ideologias que permeiam a sua existência e, portanto, a narrativa construída (WAISMAN, 1990 [2013]).

Diante desse panorama, pensando em como se manifestam as movimentações de capital simbólico no território latino-americano, quais as particularidades das premiações que se dedicam ao território americano? E do prêmio Rogelio Salmona? E do Mies Crown Hall Americas? Como eles se inserem no cenário global das premiações? Quais parâmetros estão sendo definidos pelos organizadores por meio de sua estrutura? Como o capital simbólico se movimenta em seu interior? Que agentes são relevantes nesse processo? Como isso reverbera sobre as obras destacadas?

Buscou-se responder essas perguntas ao observar as premiações como um instrumento central para a movimentação de capital no cenário contemporâneo, em que os impactos ultrapassam os agentes e redes imediatas ao atingirem o meio midiático de rápida difusão dominante, ampliando o alcance do prestígio. Para este trabalho, o estudo de duas premiações contemporâneas possibilitou visualizar o complexo sistema de valoração e circulação de ideias que auxiliam na construção de um discurso acerca da prática arquitetônica da América Latina. Como retorno à práxis, observa-se as obras destacadas pelos prêmios, não com a intenção de determinar seu valor ou critérios de qualificação para as iniciativas, mas a partir de onde se inserem, seus locais de circulação e no discurso expressado por tal seleção. O que se propõe, portanto, é utilizar as teorias de Bourdieu para refletir sobre as premiações de arquitetura no contexto latino-americano contemporâneo, observando questões como a movimentação de capital simbólico, a alocação do prestígio e a construção de narrativas.

1.2 ESTADO DA ARTE

Ao analisar a produção acadêmica que aborda esses temas, foi possível definir alguns recortes pertinentes à observação do estado da arte, como: os trabalhos que utilizam as teorias de Pierre Bourdieu, aqueles centrados nas premiações do campo cultural, arquitetônicas ou não, e trabalhos dedicados à prática de arquitetura na América Latina na contemporaneidade.

Central para este trabalho, o conceito de distinção aparece como uma preocupação fundamental para a sociologia da cultura, com estudos que abordam o tema desde o final do século XIX, como mostra Friedman e Reeves (2020), tendo

destaque o livro “A Distinção: Crítica Social do Julgamento”, de Pierre Bourdieu, publicado originalmente em 1979, e traduzido para o Brasil em 2007. O autor propõe uma reflexão sobre o gosto enquanto uma construção social, ou melhor, habitus, que, através do capital cultural, se manifesta na sociedade e contribui para a perpetuação da hierarquia entre as classes.

Essas temáticas seriam aprofundadas em diversos trabalhos posteriores do próprio autor, como “O Poder Simbólico”, publicado originalmente em 1989, com edição brasileira no mesmo ano, que aborda as formas pelas quais o poder é exercido através da imposição de significados, normas e classificações aceitas como legítimas e naturais, ressaltando o papel das instituições, da mídia e da educação nesse processo; e a “A Dominação Masculina”, de 1998, que dedica as ferramentas já apresentadas em estudos anteriores para uma análise sociológica acerca da perpetuação da dominação masculina na sociedade, através de estruturas culturais e sociais, dedicando-se também a refletir sobre o papel de quem sofre tal violência simbólica. Para o contexto brasileiro, é notável a publicação do livro “A Economia das Trocas Simbólicas”, ainda em 1974, organizado por Sérgio Miceli, trazendo para o Brasil alguns dos textos que contêm ideias centrais para as publicações citadas acima.

Os impactos das teorias de Bourdieu podem ser percebidos na utilização de seus pressupostos, como é o caso de “Symbolic Power, Politics and Intellectual” de David Swartz, publicado em 2013, reforçando a sua importância na composição e nos estudos do campo sociológico. No campo arquitetônico, destacam-se as publicações “Bourdieu for Architects” de Helena Webster, em 2011, que dedica grande parte do livro para situar o conceito de gosto, colocado por Bourdieu, dentro do campo arquitetônico; e “O Círculo Privilegiado” em 1998, de Gary Stevens, que examina as bases sociais para a distinção e perpetuação das elites dentro da prática arquitetônica, passando pela origem do arquiteto, pelo papel das instituições educacionais e as dinâmicas pertinentes à prática profissional.

Essa abordagem do elitismo na arquitetura encontra reverberação direta em estudos. Harwood, May e Sherman (2011), destacam o papel das elites em patrocinar a produção de arquitetura a partir de seus desejos e pautas de interesse; já Wijetunge et al. (2025) associa essa compreensão do papel das elites ao Prêmio Pritzker, a fim de destacar a correlação entre essa classe dominante e o resultado da premiação, para citar alguns pertinentes ao estudo aqui proposto.

Conjugando as teorias de Bourdieu com o campo das premiações, destaca-se a publicação do livro “The Economy of Prestige: Prizes, Awards and the Circulation of Cultural Value”, de James English no ano 2005, resultado das pesquisas que o autor vinha desenvolvendo. Centrado no campo cultural, o autor propõe um panorama geral sobre os mecanismos de distinção que operam no ato de premiar, utilizando a teoria de Bourdieu para aprofundar as reflexões. Desde o processo de construir uma premiação e a sua proliferação na contemporaneidade, passando pelos atores e as questões específicas da ferramenta, até uma reflexão sobre o impacto e associação com o cenário globalizado, o autor permeia o texto com exemplos, majoritariamente do campo literário, do cinema e da música, com espaço para pontuais aparições da arquitetura, sendo essas dominadas pelo Prêmio Pritzker.

Embora não tenha sido pioneira ao abordar o prestígio e distinção presentes nessas iniciativas, a publicação de English destaca-se por estar concentrada na teoria do capital simbólico e, na maior parte, no que acontece antes do resultado final, distanciando-se dos estudos amplamente realizados por economistas acerca do impacto de uma premiação na performance dos objetos indicados e vencedores. Dentre os trabalhos que antecedem a publicação de English, destaca-se Goode (1978) que vai além das premiações e observa a forma e os mecanismos utilizados para que o prestígio desempenhe um controle social.

Apoiados nessa produção, nas compreensões e no interesse de Bourdieu sobre como cultura, economia e suas respectivas formas de capital circulam e interagem entre si, são notáveis os estudos de Nelson et al. (2001), Valck (2007) e Valck e Soeteman (2010) acerca do cinema; Ginsburgh (2003), Anand e Watson (2004) sobre a indústria da música; English (2002), Norris (2006), Mack (2004), acerca do campo literário; Nelson (2005) e a extensa produção de Gallus e Frey (2010, 2016a, 2016b), com foco no mundo empresarial. Comum a todas essas iniciativas está a delimitação de um recorte dentro do campo cultural para o aprofundamento das análises em questão.

Quanto ao campo arquitetônico, percebe-se uma lacuna que, sobretudo na segunda década do século XXI, em continuidade na terceira década, vem sendo preenchida com trabalhos como Basyazici et al. (2017), Bomfim (2017), Wijetunge (2025), Biçer e Baki (2025) que buscam observar o Prêmio Pritzker a partir de diferentes abordagens e Tempestini (2025) cujo objeto são os prêmios de arquitetura

com voto popular. Apesar desse aumento, ao contrário dos trabalhos destacados para os outros campos culturais, os do campo arquitetônico atribuem pouca ou nenhuma relevância às teorias de Pierre Bourdieu, não sendo citadas na maior parte deles.

É exceção a esse cenário o livro “The Rise of Awards in Architecture”, coletânea organizada por Jean Pierre Chupin, Carmen Cucuzzella e Georges Adamczyk em 2022, que apresenta seus conceitos como base para diversos artigos. O livro apresenta artigos com diferenças temáticas como representatividade, crítica, impacto na educação e as questões de sustentabilidade, e um levantamento de cento e setenta premiações realizados ao redor do mundo, partindo do Grand Prix de Rome d’ Architecture de 1720. No entanto, nenhuma iniciativa da América Latina esteve presente neste recorte estudado.

Aproximando da América Latina, é notável a circulação que a produção local tem alcançado por meio das práticas de movimentação do capital simbólico da arquitetura, sejam elas locais ou globais, que abarcam a produção contemporânea e moderna da região. Para Liernur (2015), esse movimento está associado ao aumento de programas de pós-graduação e, conseqüentemente, de suas produções na região, o que resultou na transformação e complexificação do que antes era percebido como uma simples relação do norte para o sul.

São notáveis enquanto exemplos dessas práticas no século XXI: os encontros America[no] del Sud (2013 e 2015), o Fórum de Jovens Arquitetos Latino-Americanos (2011, 2013 e 2015), a consolidação da Bienal Panamericana de Arquitetura de Quito (BAQ), a fundação da Rede de Bienais de Arquitetura da América Latina (REDBAAL) em 2012; as exposições Latin America in Construction: Architecture 1955–1980 (2015) de Barry Bergdoll, Carlos Eduardo Comas, Jorge Francisco Liernur e Patricio Del Real realizadas no MoMA, YALA – Young Architects in Latin America (2018), enquanto evento colateral à Bienal de Veneza; os livros Beyond Modernist Masters: Contemporary Architecture in Latin America (2009) de Filipe Hernández, Modern Architecture in Latin America: Art, Technology, and Utopia (2015), de Luis E. Carranza e Fernando Luiz Lara; Total Latin American Architecture: Libretto of Modern Reflections & Contemporary Works (2016), de Ana de Brea; e Radical Cities: Across Latin America in Search of a New Architecture (2015), de Justin McGuirk; além das publicações RADICAL - 50 Arquitecturas Latinoamericanas (2016), de Miquel Adrià e Andrea Griporio, Harvard Design Magazine 34: Architectures of Latin America (2011),

PLOT 24: América Latina Hoje (2015), 2G Dossier: Iberoamérica. Arquitectura Emergente (2008)², Arquine 76, A+U 532: Latin America, 25 projects (2015).

Apesar dessa profusão, publicações centradas em premiações latino-americanas constituem um universo limitado, que, à exceção dos artigos de Arango (2012a), Bonates e Cavalcanti (2023), Barbosa (2025) e Avelar, Polizzo e Giroto (2025) conforma um cenário composto por comentários realizados pelas pessoas envolvidas no processo como jurados, organizadores ou participantes, que disseminam e inserem a iniciativa em novos locais como forma de publicidade. Acerca dos objetos específicos deste trabalho, para o prêmio Salmona, além da publicação dos catálogos com as obras e textos dos jurados e organizadores para cada edição, foi possível localizar artigos de autoria dos jurados, mas publicados em outros meios, como Zein (2018) e Díez (2015a), e trabalhos orientados pelos antigos jurados, como Zarpelon (2021).

Já para o MCHAP, foram possíveis localizar apenas os livros lançados para registrar a primeira e segunda edição do prêmio, em que se localizam textos dos jurados, bem como de outros autores, desde que alinhados com as temáticas propostas. Além disso, há também a aparição em periódicos como a edição 85 da Arquine e a Revista Plot número 32, dedicada à primeira edição do prêmio, e no qual se localizam outros textos dos jurados e dos organizadores acerca da própria premiação e dos temas que aborda.

Ainda que as premiações sejam objeto de diversas publicações, para English (2014), elas carecem de estudos que ultrapassem a dimensão econômica do retorno promovido. Para Moeran (2012), esse universo, rico em potencial teórico, necessita de um aprofundamento nos seus bastidores, com um olhar para os agentes e na manifestação dos interesses através da ferramenta. Reforçando esse caráter, Arango (2012a) ressalta que a publicização da estrutura e das reflexões geradas no processo de julgamento são fundamentais para a evolução da prática e da disciplina, possibilitando ir além do seu caráter midiático.

Esse panorama construído e as lacunas aqui percebidas foram essenciais para a estruturação da pesquisa que busca conjugar a teoria de Bourdieu e as reflexões construídas a partir dela, com o universo das premiações em arquitetura e da América Latina, indo além dos fatores econômicos e observando a manifestação

² Essas quatro edições foram objetos do estudo desenvolvido em Barbosa (2023).

dos interesses através da estrutura e dos resultados. Busca-se ainda, ao olhar para esse recorte, contribuir com em ampla discussão e disseminação da prática latino-americana, compreendendo, porém, que, como coloca Barbosa (2025, p. 5) que “a consolidação de um cânon se dá em diferentes camadas sobrepostas, e o enfrentamento de uma delas não nos livra da reprodução de outras.”

1.3 APRESENTAÇÃO DOS PRÊMIOS

A disputa para impor o modo legítimo de uma produção cultural, para definir os limites de um campo, quem pode ou não participar, quem é ou não um bom participante, seja na prática ou da teoria, só é possível por conta da arbitrariedade do gosto e dos bens culturais (STEVENS, 1998). Como mencionado anteriormente, apesar da distinção se fazer presente em diversas esferas do campo arquitetônico, o mecanismo de representação mais utilizado varia de acordo com o período em questão, sendo recorrente em todos os momentos o papel das instituições na promoção (BASIAZICI E ULUOGLU, 2017).

As premiações estão imbricadas numa disputa econômica em que o dinheiro não é a principal moeda, mas sim o mérito e prestígio cultural a serem utilizados para o reconhecimento e troca no futuro (ENGLISH, 2014). As premiações são eficazes na promoção de distinção no campo arquitetônico, particularmente, porque, diferente das demais iniciativas de movimentação do capital simbólico, há a atribuição do valor máximo a uma única figura ou objeto, amplificando a exclusividade e, ao menos em teoria, o prestígio.

Esta pesquisa examina dois exemplares como casos representativos do fenômeno mais amplo dos prêmios de arquitetura contemporânea que colocam a América Latina em papel de destaque. Eles foram escolhidos considerando como diferem em termos de abrangência geográfica, critérios de avaliação, estrutura de seleção e temas. Ambos se dedicam a projetos arquitetônicos possibilitando uma comparação mais direta entre seus mecanismos de seleção e, conseqüentemente, seus resultados.

Essa seleção se deu pela lacuna existente de trabalhos sobre essa produção e pela facilidade de acesso aos conteúdos, em sua maioria digitalizados. Foram levantadas as principais premiações de obras arquitetônicas contemporâneas com

foco na América Latina, que, em seguida, foram encaminhadas para uma pesquisa exploratória a fim de entender as particularidades de cada iniciativa.

Nesse levantamento inicial foram considerados o Prêmio Latino-Americano de Arquitetura Rogelio Salmona, os prêmios da Bienal Ibero-Americana de Arquitetura e Urbanismo (BIAU), os prêmios da Bienal Pan-Americana de Quito (BAQ), enquanto representante dos prêmios das demais bienais latino-americanas, o Mies Crown Hall Americas Prize (MCHAP) e o Prêmio Oscar Niemeyer, que congrega obras já premiadas nas bienais latino-americanas. Nota-se a presença de iniciativas com recortes geográficos que vão além da América Latina, como a BIAU, que considera a América Latina, Portugal e Espanha, e os prêmios da BAQ e o MCHAP, que consideram as Américas como um todo. Além disso, com exceção do Prêmio Oscar Niemeyer, os demais prêmios das bienais conformam um universo amplo, com uma multiplicidade de categorias e um longo histórico de premiações.

Compreendendo tais dinâmicas, o recorte foi afinado, restando as três premiações mais recentes desse recorte, todas lançadas na segunda década do século XXI, e com no máximo duas categorias em sua estrutura, como é o caso do MCHAP. Devido ao limitado tempo desta pesquisa, a compreensão de trabalhos em desenvolvimento acerca do Prêmio Oscar Niemeyer, e o interesse em abarcar uma maior heterogeneidade nos objetos, foram selecionados o Prêmio Rogelio Salmona e o Mies Crown Hall.

O Prêmio Latino-Americano de Arquitetura Rogelio Salmona (PLARS), criado pela Fundação Rogelio Salmona, entidade concebida para honrar a memória do arquiteto Rogelio Salmona, foi lançado em 2013 com o objetivo de destacar obras do território latino-americano “imersas em um contexto urbano particular, que tenham gerado de forma evidente espaços significativos, abertos e coletivos, contribuindo assim com à criação e ao melhoramento da convivência entre os habitantes” (FUNDAÇÃO ROGELIO SALMONA, 2015, p. 67).

A estrutura da premiação, aqui entendida como os critérios de seleção e métodos, idealizada a partir dos objetivos colocados pela fundação, foi elaborada por e para a realidade latino-americana, apoiada, ao menos nas três primeiras edições, em figuras relevantes no estudo dessa arquitetura, que possuem envolvimento com diversas práticas de pesquisa e divulgação da arquitetura, como: o ensino, em suas vinculações universitárias; a divulgação, pela participação na editoria de publicações

e revistas; e a reflexão, por elaborações críticas e participações em grupos e eventos de debates e compartilhando ideias acerca da temática.

Após a realização da terceira edição, a premiação passou por um hiato, retornando em 2023 com o lançamento da quarta edição e mudanças significativas em sua estrutura, que serão abordadas mais adiante. Assim, adotou-se o Prêmio Latino-Americano de Arquitetura Rogelio Salmona como objeto de estudo, pela criação de um espaço relevante para o debate e a crítica, a partir de seus critérios, estrutura e do filtro realizado pelo júri, que possibilitam reflexões pertinentes acerca das modalidades das premiações, o papel de seus agentes no processo e as particularidades no contexto latino-americano.

O Mies Crown Hall Americas Prize (MCHAP) é uma iniciativa norte-americana do Instituto de Tecnologia de Illinois (IIT) em Chicago, Estados Unidos da América, mais especificamente da sua Faculdade de Arquitetura, que tem como sede o edifício canônico da arquitetura moderna, o S. R. Mies Crown Hall do arquiteto Ludwig Mies Van der Rohe. Lançado em 2013 e com a proposta de ser um prêmio bienal, busca destacar a excelência de obras construídas no século XXI nas Américas. Para isso, apresenta uma divisão em duas categorias: o prêmio Emerge, concedido a obras construídas por uma prática com dez anos ou menos de atuação profissional, e o prêmio principal, chamado em matérias e transmissões da própria instituição de Americas, que, apesar de não estar explícito, dado o critério de seleção do emerge e a ausência de sobreposição entre seus objetos, compreende-se ser destinado a obras realizadas por práticas com mais de dez anos de atuação.

De acordo com o anúncio do prêmio, busca-se destacar obras que apresentem conexões com as comunidades e ambientes em que se inserem, integrando ecologias naturais, construídas e humanas para melhorar a qualidade dos lugares. Apesar disso, os critérios mais particulares de julgamento são definidos a cada edição pelo júri, conferindo um caráter mutável à iniciativa. Com um processo de seleção inicial abrangente, sucessivas etapas de seleção, visita in loco às obras finalistas da categoria principal e com a América Latina correspondendo à maior parte do seu território de abrangência, a premiação se apresenta como um objeto pertinente para o estudo proposto.

Desse modo, ao manter como objeto de pesquisa apenas duas premiações, foi possível estabelecer uma metodologia clara, unificando o trabalho de maneira

estruturada, abordando com maior profundidade os temas que se propõe debater, conforme metodologia que será descrita a seguir. As diferenças quanto ao recorte geográfico e temporal, os critérios de seleção, métodos e resultados entre as duas iniciativas enriquecem o debate e ampliam as perspectivas desse universo de premiações contemporâneas.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo essas iniciativas como mote central da pesquisa, a abordagem metodológica utiliza das ferramentas da genealogia das práticas a partir da compreensão do filósofo colombiano Santiago Castro-Gómez (1996 [2021]), que, por sua vez, aporta suas bases nos pressupostos de Michel Foucault (1969), para defini-la como uma análise de dispositivos. Busca-se ir além de observar o funcionamento particular de cada premiação, mas produzir um panorama das relações entre esses mecanismos, observando como se confrontam ou se articulam, onde se aproximam e onde se afastam, atento às relações de poder e às hegemonias que estabelecem nessas disputas.

A inserção das teorias de Pierre Bourdieu, fundamentais nos estudos das premiações, nessa abordagem utilizada por Castro-Gómez para pensar a construção da América Latina, sobretudo em seu livro "Crítica da Razão Latino-Americana", consolida a abordagem proposta neste trabalho ao conjugar esses dois universos. Desloca-se a ênfase dos sujeitos e suas intenções e a leva para as arenas em que participam, sem desconsiderar, porém, seus papéis nesse processo.

Para dar conta de tal tarefa, foi realizada uma revisão bibliográfica sistemática dos conceitos de capital, campos, poder e violência, sobretudo de suas dimensões simbólicas, presentes nas teorias de Pierre Bourdieu, bem como de trabalhos que utilizam seus conceitos. Junto a isto foram considerados trabalhos sobre as premiações nos campos culturais e questões pertinentes ao cenário contemporâneo da América Latina, de modo a construir um repertório sólido para a reflexão das práticas de movimentação do capital simbólico como as premiações, particularizando as questões que fazem do prêmio Rogelio Salmona e do MCHAP objetos relevantes para o estudo proposto.

A partir desse contexto, e tendo como base os procedimentos formais instituídos pelas premiações e um panorama geral dos seus resultados, foram elaboradas três categorias para delimitar as análises dos objetos empíricos, sendo elas: Distinção, Disputas e Poder Simbólico. Essa separação possibilitou maior clareza e delineamento na abordagem e descrição dos prêmios, ainda que tal separação não esteja presente na análise devido a interdependência desses conceitos. Acerca da Distinção, foi observado como as diferentes formas de capital se manifestam; os agentes envolvidos no processo, suas filiações, movimentações e seus capitais; e a propagação do prestígio nos discursos que manifestam.

Nas Disputas concentra-se sobre a relação com outras práticas que promovem a distinção como revistas, exposições e outras premiações; os pontos de contato e afastamentos que estabelecem com a representação dominante do contexto contemporâneo de arquitetura global e o posicionamento da prática da América Latina; e as continuidades e rupturas dentro das próprias iniciativas. Por fim, para o Poder Simbólico observa-se as hierarquias, se são reafirmadas ou se há a tentativa de consolidação de novas centralidades; as ausências, e como dialogam com os objetivos e discursos da iniciativa; e as posições que os agentes e a própria iniciativa ocupam no campo arquitetônico como um todo a partir do prestígio adquirido com o envolvimento na iniciativa.

A utilização e levantamento de dados com uma abordagem analítica em pesquisas do campo arquitetônico, possibilita “identificar dados comuns não estruturados ou ocultos em uma coleção de fontes, gerando conclusões que talvez os métodos tradicionais não pudessem ter alcançado” (BARBOSA, 2025, p. 7). Assim, a abordagem dos objetos específicos baseou-se em três principais momentos: 1) Descrição dos métodos e dos agentes envolvidos no processo; 2) Documentação de dados, das premiações em si e de seus resultados – com quadros e mapas; 3) Análise das premiações a partir das categorias de Distinção, Disputas e Poder Simbólico.

Primeiramente, realizou-se uma análise das estruturas do Prêmio Rogelio Salmona e do MCHAP, ou seja, dos critérios de elegibilidade, do método de seleção, das etapas, dos agentes envolvidos e das publicações decorrentes, como palco de um primeiro recorte e, portanto, discurso acerca da prática contemporânea e do interesse dos organizadores. Somou-se a isto um olhar para as chamadas dos prêmios, as divulgações dos resultados, as publicações e matérias decorrentes da

iniciativa e os demais textos produzidos por integrantes do prêmio, buscando verificar os temas recorrentes, particularidades do processo presente em relatos e as construções ideológicas associadas à movimentação do capital simbólico presentes no conteúdo, diante do contexto particular de cada prática.

Analisar esses padrões de informações possibilitou conjugar diferentes versões na constituição de um panorama de informações e perspectivas, identificando os pontos mais e menos reforçados no discurso. Sobretudo para o MCHAP, essa etapa contribuiu para o entendimento dos processos e dinâmicas das suas premiações, visto que as informações acerca da estrutura e das edições anteriores não se encontram organizadas e documentadas como nos catálogos do prêmio Rogelio Salmona.

A partir desse panorama introduz-se os organizadores e jurados dos prêmios como agentes relevantes na movimentação do capital e na reverberação para a prática arquitetônica contemporânea na América. Eles são responsáveis tanto pelas tarefas práticas, ao selecionar as obras e integrar o júri responsável pela seleção dos projetos premiados, quanto pelas simbólicas, ao compartilhar seu próprio capital com a iniciativa e com as obras. Para os resultados, foram coletados dados das obras e de seus arquitetos, espacializando os objetos de destaque na representação da arquitetura contemporânea na América. Foi possível identificar padrões entre as edições e os prêmios em si que apontam para a consolidação de algumas narrativas e a contraposição de outras.

Apesar do levantamento e análises posteriores desses dados serem capazes de fomentar diversas abordagens, como aponta Maluenda (2022), o trabalho se concentra no papel das premiações como uma ferramenta de movimentação de capital simbólico no campo arquitetônico. Assim, os dados, tanto do que está presente quanto ausente foram utilizados para aprofundar as análises frente ao proposto pelos prêmios, às teorias de Bourdieu e ao território latino-americano.

O trabalho está estruturado em introdução, três capítulos e a conclusão. O primeiro capítulo, Teorias de Bourdieu, possui duas subseções, a primeira, Conceitos, estabelece as bases para o pensamento de Bourdieu sobre o qual o trabalho se apoia, abordando os conceitos de campos, habitus, poder, distinção, violência e capitais, sua interdependência e aplicabilidade para aprofundar a dimensão simbólica desses processos na segunda subseção, Disputas.

O segundo capítulo, *Movimentação do capital simbólico* procura refletir sobre o cenário latino-americano contemporâneo, com particularidade para os prêmios. Particularizam-se essas iniciativas pela maior aproximação com as teorias de Bourdieu, apresentando com maior profundidade suas questões e relações e utilizando como base os prêmios de abrangência latino-americana - Prêmio Oscar Niemeyer, da Bienal Iberoamericana de Arquitetura e Urbanismo e os prêmios das Bienais Latino-Americanas, com destaque para a de Quito - sua estrutura e agentes, com olhar para as particularidades e a cronologia dessas iniciativas.

No terceiro e último capítulo, dividido em três subseções, aproxima-se dos objetos específicos de estudo dando foco para *O Prêmio Latino-Americano Rogelio Salmona* e *o Prêmio Mies Crown Hall Americas*, que são abordados, respectivamente, nas duas primeiras seções. Coloca-se o foco sobre a criação, estrutura, o papel dos agentes, refletindo sobre suas características diante do cenário global e local, sobre as aproximações com as teorias de Bourdieu e de estudos acerca de premiações em outras áreas; e os seus resultados, através do panorama delineado pelas diferentes edições de cada uma das iniciativas. Foram utilizadas ferramentas como mapas com a localização das obras, quantitativos, quadros e gráficos, enfatizando as obras destacadas e pontuando as questões mais notáveis desse recorte. Por fim na terceira subseção, é realizado um olhar comparativo para as duas iniciativas, a fim de tensionar as aproximações e afastamentos, mas também com a teoria apresentada.

Constituíram desafios para a pesquisa a contemporaneidade dos acontecimentos, que estão em pleno desenvolvimento e ascensão, dificultando o importante distanciamento histórico e tornando necessário realizar uma genealogia das práticas e reflexões do passado que as precederam; e a abundância de informações, que, apesar de possibilitar a mirada para novos horizontes, configura um cenário nebuloso em que se percebe, por um lado, um excesso de informação, por outro lado, uma carência de reflexão, a qual busca ser apaziguada nesta pesquisa através de conexões entre a teoria e os acontecimentos da atualidade.

2. TEORIAS DE BOURDIEU

Para Castro-Gómez (1996 [2021]), a existência de uma economia de mercado capitalista depende do fluxo de capital realizado através dos “dispositivos de mobilidade”, entendidos como o conjunto de tecnologias que possibilitam a movimentação de pessoas, ideias, objetos, desejos e saberes. O contexto atual, atravessado pela preponderância de uma “economia imaterial” impulsionada desde a década de 1970, tem no comércio de formas intangíveis de propriedade, como informações, notícias, números, opiniões ou entretenimento, as bases para formas de acumulação mais flexíveis e mais curtas, que necessitam de constante rotatividade e reafirmação (ENGLISH, 2005).

Ainda que indissociável do contexto físico e temporal de sua escrita, a França da segunda metade do século XX, as teorias de Bourdieu apresentam pontos que ultrapassam as fronteiras, para citar alguns: a compreensão da sociedade como um espaço relacional ocupado por pessoas e instituições, em que a mudança de posição de qualquer agente provoca uma mudança nos outros e, portanto, no espaço social, fazendo da disputa um elemento primordial da organização social; o olhar para a cultura e suas práticas como um meio para a manutenção da dominação; o entendimento econômico das práticas sociais, possibilitando esclarecer a lógica das ações e seus agentes, situando-os de acordo com suas lutas para o acúmulo de capital; e a sua ênfase nas relações de poder e dominação, sobretudo através da identificação dos diferentes mecanismos que as possibilitam.

Essa compreensão do poder como elemento constitutivo da relação entre cultura e sociedade faz do campo cultural o centro das contribuições de Bourdieu para a teoria sociológica, sendo ele responsável por “criar, legitimar e reproduzir a estrutura de classes, um sistema de desigualdade” (STEVENS, 1998, p. 60, tradução nossa), baseada no prestígio. Entendido como o reconhecimento ou atribuição de uma qualidade tida como excepcional a algo ou alguém, o prestígio depende, em primeiro lugar, de uma concordância coletiva e pública de agentes relevantes para o campo. Tomando o exemplo da indústria cinematográfica, utilizado por Kennedy-Karpát e Sandberg (2017, p. 3), o prestígio de *Cidadão Kane* (1941), de Orson Welles, só existe devido ao entendimento construído coletivamente por figuras como espectadores,

críticos, acadêmicos e instituições da indústria, em cima dos atributos existentes na obra.

2.1 CONCEITOS

Para Bourdieu (1979 [2006]), o gosto é uma ferramenta de exclusão e controle que se manifesta através da apropriação material ou simbólica de um conjunto de objetos ou práticas. Por ser percebido como algo pessoal e natural, despido de intenções de exclusão, e que não pode ser comprado, apenas adquirido lentamente, é o principal mecanismo utilizado pelos grupos privilegiados para manter sua coesão e promover uma distinção. Bourdieu argumenta que, dentro desse sistema de exclusão, as estruturas dominantes são internalizadas e orientam a compreensão e as ações dos indivíduos, de modo que as categorias, terminologias, concordâncias e discordâncias que estabelecemos são produtos dos meios e das vivências, ou seja, do habitus (BOURDIEU, 1979 [2006]).

A utilização desse conceito por Aristóteles para designar “características do corpo e da alma adquiridas em um processo de aprendizagem” (SETTON, 2002), e por Erwin Panofsky em seu estudo sobre as relações entre a arte gótica e o pensamento escolástico, mostraram para Bourdieu (1974 e 1980 [1983]) que a cultura não é apenas um código comum e compartilhado, mas sim produto de uma série de transmissões conscientes e inconscientes que objetivam produzir indivíduos dotados de um certo repertório. Estas considerações foram posteriormente sistematizadas em seus estudos sobre a região da Argélia e no interior da França em 1958 e 1964, respectivamente (GO, 2018).

Entendendo que os indivíduos são construções sociais, o habitus é o resultado dessas transmissões que perpassam por diferentes espaços como a família, a escola, o trabalho e os convívios sociais, e são mediadas pelas condições sociais, que impactam os indivíduos de modo diferente a partir de sua posição dentro do campo e das experiências individuais (SETTON, 2002). Ainda que o habitus esteja em constante construção, o passado tem papel fundamental na sua constituição, visto que as práticas cujo acesso está disponível dependem da posição atual, mas também de como se chegou lá. Para Stevens (1998, p. 57, tradução nossa):

O habitus é um conjunto de disposições internalizadas que inclinam as pessoas a agir e reagir de certas maneiras (...) Em grande medida, não escolhemos ser o que somos, mas recebemos de nossa família uma maneira de ver as coisas e de fazer as coisas, um habitus, transmitido pelas gerações anteriores. (...) Essa identidade é modificada à medida que passamos pelo sistema educacional e ao encontrarmos outros indivíduos ao longo de nossas vidas. No entanto, as possibilidades de mudança são circunscritas por nossa própria história, pela história de nossa classe e pelas expectativas dos grupos com os quais nos identificamos.

Assim, o habitus pode ser definido como um conjunto de disposições que estruturam as percepções, interpretações, atitudes e práticas que utilizamos para nos inserir e navegar no mundo. Essa compreensão encontra reverberação em filósofos e teóricos latino-americanos como Walter Mignolo (2003) e Rodolfo Kusch (1978) que, a partir de conceitos como o “Lócus de Enunciação” e a “A Geocultura do Pensamento”, respectivamente, colocaram a noção de que as paisagens, a condição periférica, as práticas culturais e as formas de socialização são fatores determinantes para a constituição do sujeito latino-americano, mais ainda, pela forma de se expressar e combater a opressão.

Fica claro a compreensão de que não existe um olhar “puro”, dissociado das condições materiais e intelectuais de cada local, que, dentro do campo artístico e arquitetônico, foi utilizado como argumento para estabelecer critérios do que deve ser percebido como bom. Ao demarcar a importância de levar em consideração, ao menos na mesma proporção, questões como a origem social e as estruturas sociais em que se está inserido, são enfraquecidas as figuras dos gênios de talento nato que alimentam narrativas dominantes (STEVENS, 1998).

Ainda que, ao apresentar esse conceito, possa parecer que habitus seja algo planejado e calculado, Bourdieu enfatiza que ele está mais próximo de um processo de construção prática, comparando-o a um jogo no qual se está envolvido, em que as regras são aprendidas apenas mediante a participação e, portanto, sujeitas à interpretação e experiência particular de cada um (STEVENS, 1998). Assim, desenvolve-se uma lógica individual que nos permite determinar quais jogos queremos jogar e que posições desejamos assumir diante das regras estabelecidas para acumular capital.

Para Bourdieu (1986, p. 15, tradução nossa), “é impossível explicar a estrutura e o funcionamento do mundo social a menos que se reintroduza o conceito de capital

em todas as suas formas e não apenas na forma reconhecida pela teoria econômica”, dedicada aos bens diretamente conversíveis em dinheiro. Central em sua teoria e apresentando ponto de contato com grande parte dos seus conceitos, o capital é entendido como o produto, não necessariamente material, do trabalho acumulado, determinante na reprodução das posições sociais. Ao longo de sua produção, diferentes formas de capital foram sendo abarcadas, algumas elaboradas por ele e outras utilizadas para aprofundar as reflexões. Para este estudo, destacam-se quatro delas: econômica, que envolve dinheiro e propriedade; social, que está ligado com as relações estabelecidas com outros agentes; cultural, relacionada com o conhecimento, envolvimento em práticas culturais e com titulações acadêmicas; e o simbólico (BOURDIEU, 1989 [2003]).

A noção econômica é bastante direta e se apoia em contribuições já estabelecidas no campo, como as de Karl Marx, denotando dinheiro ou aquilo que pode ser convertido em dinheiro, e, portanto, apresenta um valor monetário definido e características de transmissão direta que são semelhantes, como bens e ações (BOURDIEU, 1986). Esse primeiro tipo é central, pois, de acordo com Bourdieu (1986), ele está na raiz de todos os demais, que, por sua vez, se diferenciam a partir do esforço necessário para a conversão nesse tipo e são efetivos na medida em que escondem essas raízes. O capital social corresponde ao conjunto de relações duráveis, institucionalizadas ou não, entre indivíduos e grupos sociais que podem ser acionadas enquanto um crédito para acessar locais, conhecimentos e posições dentro de um determinado campo. A dimensão dessa forma de capital depende do tamanho da rede que pode ser mobilizada, mas também do capital que tais agentes possuem (BOURDIEU, 1986).

Já o cultural aparece como uma de suas principais contribuições. De modo abrangente, pode ser entendido como os bens e conhecimentos culturais e educacionais que um indivíduo ou grupo social pode adquirir, podendo ser categorizado em três formas: objetivado, institucionalizado ou incorporado (BOURDIEU, 1986). O valor cultural de um objeto passa a ser entendido como um fenômeno complexo, ativamente construído e dependente de agentes econômicos, sociais e institucionais.

Objetivado está vinculado à ordem material, sendo a posse de bens que possuem um valor cultural percebido socialmente, do qual são exemplos obras de arte

como pinturas e esculturas, edições especiais de livros, objetos notáveis, seja material ou simbolicamente, cujo valor econômico associado depende de sua importância enquanto bem cultural. Tratando-se da posse de um objeto físico, apresenta uma transmissão direta e um valor monetário, aproximadamente definido, o que facilita sua conversão em capital econômico. Já o institucionalizado foi concebido para abarcar, sobretudo, as titulações acadêmicas, mas pode ser expandido para as práticas que promovem a certificação de uma competência cultural e/ou intelectual. Diferente do objetificado, permite maior comparação entre seus portadores, e tem sua aquisição marcada por um processo e pela designação de figuras capazes de conferi-lo, de modo que não pode ser passado adiante simplesmente por possuí-lo. Sua conversão em capital econômico não se dá de forma direta, mas a partir dos cargos e locais que tais títulos possibilitam acessar.

Por fim, o incorporado é aquele que Bourdieu (1985) dedica mais tempo e que apresenta maior impacto em suas construções teóricas. Ao invés de adquiri-lo o indivíduo deve dispêndiar tempo e esforço para paulatinamente construí-lo enquanto parte integrante de si que, portanto, não poderá ser transmitido, mas compartilhado. De acordo com Stevens (1998, p. 63, tradução nossa) “A potência peculiar desse tipo de capital reside no fato de que os proprietários das outras formas são apenas o que possuem, enquanto os possuidores do capital incorporado só precisam ser o que são.”

A dimensão imaterial, sobretudo do capital cultural incorporado, levanta questões quanto à percepção de valor, dado que pessoas diferentes valorizam coisas distintas a partir de seus habitus. Deriva dessa compreensão o conceito de capital simbólico, que, apesar de ser um tipo de capital, se assemelha mais ao reconhecimento do capital acumulado enquanto distinto, sendo fundamental para isso, não ser reconhecido como algo adquirido, mas como uma competência legítima do indivíduo. A utilização dessa forma resulta no que Bourdieu chama de Poder Simbólico, e que, para Swartz (2013, p. 194, tradução nossa), significa:

(...) a capacidade de impor significados e formas simbólicas como legítimas. É uma capacidade de moldar percepções da realidade social impondo categorias cognitivas através das quais entendemos o mundo social. É a capacidade de conservar ou transformar a realidade social moldando suas representações através da inculcação de classificações, esquemas de percepções que escondem ou revelam o caráter

fundamentalmente arbitrário das relações de autoridade da ordem social. O poder simbólico é um poder imposto — uma expressão cultural de dominação. Também é um poder constitutivo, formador de identidades de grupos sociais e relações intergrupais. Além disso, é um poder contestado, sendo tanto o objeto quanto o instrumento da luta social entre grupos sociais.

Embora seja uma operação ativa de controle, Stevens (1998) afirma que, para seu melhor funcionamento, o poder simbólico deve ser percebido como desinteressado, natural ou objetivo, a fim de impossibilitar questionamentos que coloquem em xeque a legitimidade e abram espaço para alternativas. Assim, o poder simbólico é mais eficaz que o físico na promoção de distinção, pois convence aqueles negativamente afetados por ele - ou seja, aqueles que sofrem essa violência simbólica - a participar e reproduzir suas posições.

Assim, o capital simbólico é efetivo apenas na medida em que é apropriado pelos agentes e utilizado como ferramenta dentro das disputas do campo cultural e das classes sociais (BOURDIEU, 1986). Para Bourdieu (1979 [2006]), as elites utilizam esse capital para perpetuar seus gostos e interesses como detentores de um valor inerente, um prestígio que só é possível devido às posições e pelos agentes, ou seja, pelos capitais, que são capazes de mobilizar para perpetuar formas de distinção. Para Kennedy-Karpat e Sandberg (2017), o prestígio é o reconhecimento externo do valor interno de algo, que, se não for um atributo fixo ou uma propriedade objetiva, é uma validação consensual, ou seja, um status socialmente estabelecido.

Apesar das diferenciações de capitais propostas por Bourdieu, existem sobreposições e associações entre suas diferentes formas. Ao tratar de uma obra arquitetônica, podemos perceber a existência de: capital cultural objetificado em sua materialização e posse; capital econômico enquanto valor para a sua produção ou aquisição; o capital cultural institucionalizado ao ser selecionado para integrar uma publicação, premiação ou exposição; o capital cultural incorporado, que o indivíduo adquire por ter conhecido, visitado ou participado na sua produção; e do capital simbólico ao ser distinguido dos demais indivíduos por estar associado de alguma maneira à ela. O que se percebe, enquanto chave para o conceito de capital, em qualquer uma de suas formas, é a diferenciação entre aqueles que o possuem e os que não o possuem, sendo esta a base do conceito de distinção. Assim, determina-se a que práticas, círculos sociais e remunerações financeiras tais indivíduos poderão

ter acesso, sendo a sua distribuição desigual um elemento fundamental para manutenção dos agentes dominantes.

No entanto, para serem produzidos e obterem valor, o capital necessita dos campos, definidos por Bourdieu (1979 [2006]) como espaços autônomos estruturados de suporte ao acúmulo de capital, nos quais ocorrem disputas pela conversão de suas formas ou entre os próprios campos, para definir aquele que detém maior relevância, então, maior poder. Campos representam os locais para “a produção, circulação e apropriação de bens, serviços, conhecimento ou status, e as posições competitivas mantidas pelos atores em sua luta para acumular e monopolizar diferentes tipos de capital” (SWARTZ, 2013, p. 87, tradução nossa).

Os campos são essenciais para a compreensão econômica de Bourdieu, pois são neles que instituições e indivíduos conseguem delimitar o público, estabelecer regras e medir interesses, para que a aplicação do poder simbólico seja mais efetiva. Ao abranger o universo material e imaterial, podemos considerar como integrantes e elementos do campo da arquitetura os arquitetos, críticos, acadêmicos, as instituições dedicadas à arquitetura e seus discursos arquitetônicos, construtores, clientes, o Estado, como cliente, mas também como regulamentador das construções, as instituições financeiras, entre outros.

A própria palavra "campo" é marcante porque pode ser compreendida como o local de um jogo em que se compete ativamente pelos recursos ali valorizados, ou como um campo que exerce uma força sobre seus integrantes e no qual cada membro exerce uma força em resposta, a partir do seu capital acumulado, para navegar dentro dele (STEVENS, 1998). Esse segundo entendimento, ao configurar um local fechado de ações e reações, deixa mais claro que as posições não podem ser definidas em termos absolutos, mas apenas relacionalmente aos demais e ao próprio campo. Para Stevens (1998), o campo cultural é a principal arena de competição entre as classes, pois é nele em que as formas imateriais de capital, como o capital cultural incorporado e o capital simbólico, se fazem mais presentes, limitando a ascensão através da conquista por meio de práticas que movimentem e convertam o capital.

Cada campo, por sua validação como um, apresenta particularidades alinhadas aos interesses das figuras que o regem, como as próprias formas de capital, regras de negociação e transação, limites e restrições (ENGLISH, 2005). Assim, Bourdieu (1989 [2003]) preocupa-se como e sob que condições os indivíduos e grupos

acumulam capital para manter ou melhorar as suas posições no mundo social e no interior dos campos. Essas associações se manifestam na perspectiva relacional que propõe para os estudos, em que a interdependência entre elementos como indivíduos, grupos e capitais conformam uma força catalisadora das ações, conscientes ou inconscientes (SWARTZ, 2013).

De acordo com Stevens (1998), é essencial para o funcionamento de um campo, enquanto um espaço social onde ocorrem disputas, que seus integrantes acreditem na integridade e nos louros que poderão ser colhidos ao colocar seu capital em jogo, o fazendo a partir das posições que ocupam e do habitus que possuem. O surgimento, resolução ou impasse numa disputa é, portanto, um processo-chave para a constituição de um campo, porque são a partir deles que os seus integrantes poderão mobilizar forças para converter seus capitais, e assim ampliar ou diminuir seu controle sobre ele.

2.2 DISPUTAS

Para a compreensão de Bourdieu, e ao objeto deste trabalho, é marcante que embora o capital funcione para elevar o valor de algo, sua principal característica reside na produção de uma relação social de poder que diferencia aquele que possui de quem não possui, estando a percepção de valor indissociável da exclusividade (SWARTZ, 2013). Configura-se uma disputa pelo controle do espaço social através da acumulação do capital cultural, em que estratégias de distinção são implementadas pelos grupos sociais dominantes para perpetuar seu “gosto”, também construído socialmente, como legítimo (SCRIVANO, 2024).

O ponto de partida para o modelo de sociedade de Bourdieu é a suposição comum de que todas as sociedades se distinguem pela competição entre grupos para promover seus próprios interesses. Essas lutas operam em muitos níveis diferentes: entre indivíduos, famílias, classes e todos os tipos de outras entidades coletivas. Também é óbvio que alguns grupos conseguem promover seus interesses melhor do que outros - eles controlam mais recursos. Eles não apenas têm controle, mas mantêm o controle, e isso só é possível negando esses recursos aos concorrentes. Este fato social fundamental significa que (...) alguns grupos são dominantes e outros são subordinados. (STEVENS, 1998, p. 59, tradução nossa)

Para que os produtos do capital simbólico sejam efetivos, é necessário que os indivíduos a quem se destinam possuam em seus habitus as ferramentas intelectuais adequadas à sua compreensão, possibilitando decifrar e assimilar esses símbolos, rituais e gestos. Ainda que o método e a origem pela qual se adquirem tais ferramentas possam variar, tem centralidade na teoria de Bourdieu o papel da instituição escolar. Através da inculcação e imposição de valores, saberes e práticas alinhadas com seus interesses, constituem-se indivíduos que carregarão esses aprendizados para além dos limites escolares, demarcando a instituição como agente central para a existência de uma cultura legitimada (BOURDIEU, 1979 [2006]).

Possibilitando acesso aos setores com melhor remuneração no mercado de trabalho, o sistema escolar se apresenta como uma das principais formas de conversão de capital cultural em capital econômico, tornando-o um objeto de constante disputa, tanto para acessá-lo quanto para ditar suas regras. A obtenção de um diploma funciona como um comprovante de que o indivíduo é dotado de um repertório de conhecimentos que não necessitam mais ser questionados. A origem desse diploma também apresenta implicações, visto que, nesse processo de diplomação, também ocorre a transferência de uma parte do capital da instituição para o indivíduo, garantindo mais do que apenas o conhecimento naquela área em que se foi diplomado (BOURDIEU, 1979 [2006]). Assim, instituições e indivíduos são agentes dotados de capitais que buscam expandir o seu alcance, criando ou participando em práticas culturais além de seus domínios, atuando em conjunto para estabelecer e personificar valores institucionais e agindo para fortalecer o papel do capital simbólico.

Para Basyazici e Uluoglu (2017), ainda que o objetivo de escolas como a Bauhaus e a Beaux-Arts não fosse promover a arquitetura como um fenômeno de distinção por si próprio, a utilização de suas ideias e de seus repertórios, sobretudo pelos indivíduos com quem compartilharam de seu capital, assim o fizeram, gentrificando a arquitetura e a sua representação. Nenhum arquiteto pode acreditar que a sua produção nasce exclusivamente do seu julgamento arbitrário ou traço de genialidade, especialmente porque, para ser reconhecido por tais características, é necessário disputar o jogo.

Para Friedman e Reeves (2020), a legitimação desempenha um papel importante na dominação e manutenção dos status. Os dominantes buscam registrar suas práticas e gostos em diferentes espectros, enquanto distintos e, portanto,

almejáveis, mas também como normais ou banais, para afastar as suspeitas morais de elitismo. Premiações, exposições e publicações seriam então mecanismos utilizados pelo campo, ou, pelos agentes capazes de defini-lo, para marcar posições e dar sentido a acontecimentos importantes, mas também para reconhecer, afirmar e se adaptar às mudanças inevitáveis (ANAND E WATSON, 2004).

Dada a necessidade de escassez para a efetividade e valorização do capital em qualquer campo intelectual, o espaço para a elite, aqueles detentores dos capitais simbólicos mais acumulados e prestigiados, é limitado (STEVENS, 1998). Devido a finitude dos indivíduos e de sua participação ativa, durante grande parte da história o campo arquitetônico, mas não apenas ele, contou com a transmissão de capital cultural e simbólico, sujeitos a diferentes taxas de conversão, entre mestres e pupilos. No entanto, a ampliação do campo no século XX e XXI, com uma maior quantidade de arquitetos no mercado e a aceleração e ampliação dos contatos possibilitados pela internet, conformam um contexto contemporâneo nebuloso, em que os recém-chegados, com dificuldade em obter reconhecimento, se utilizam de outras estratégias para demarcar suas posições dentro das disputas daquele campo.

Um exemplo da irradiação de conhecimento consolidado ao redor de instituições e indivíduos dentro do campo arquitetônico, são as chamadas "escolas" de arquitetura. Zein (2005) as entende como um conjunto de meios e recursos materiais e humanos que desenvolve e aplica um processo de inculcação de conhecimento, em que as diferentes posições estabelecidas pelo capital cultural acumulado, sobretudo em sua forma institucionalizada, e o simbólico que possuem tem um papel importante. Assim, escolas como a paulista (ZEIN, 2005), a do Recife (AMORIM, 2001) e a carioca, que de acordo com Segawa (1998) foi um rótulo criado fora do território brasileiro, são processos desenvolvidos através da disputa de agentes do campo arquitetônico, em que uma maioria alinhada coloca distinções sobre atitudes, gostos e modos de fazer que são passados a partir de posições como mestres, epígonos e discípulos (OLIVEIRA, 2024).

Grande parte do trabalho de Bourdieu se preocupa em mostrar como o gosto e a cultura são usados pelos dominantes para proteger seus privilégios, demarcando posições ou vínculos, evitando a intrusão de estranhos e buscando maximizar a homogeneidade. Para Bell (1997, p. 136), essas estratégias de moldar e reproduzir o meio social e cultural são realizadas, em grande parte, por meio de competições

ritualizadas, sendo estas um importante meio simbólico para moldar a evolução de um campo. São exemplos dessa categoria as premiações, exposições e publicações ao fornecerem uma compreensão encapsulada de uma realidade mais extensa, servindo como “modelo de” e “modelo para” a prática abordada (ANAND E WATSON, 2004).

Para Stevens (1998), os participantes dessas disputas no campo arquitetônico podem produzir objetos, edifícios, desenhos, críticas e exposições que endossem os valores e gostos dos membros dominantes, buscando compartilhar o capital simbólico deles, ou que questionem essas mesmas posições, estabelecendo as bases para um outro capital simbólico construído a partir dessa oposição. Assim, nenhuma dessas figuras de subversão da ortodoxia vigente buscam derrubar o sistema como um todo, apenas configuram subversões parciais que necessitam do sistema para acontecer e assim atingir seu objetivo de sinalizar ao campo sua definição de gosto. Ainda que o conflito possa ser uma fonte de coerência dentro do campo, à medida que a natureza e os valores do capital simbólico em seu interior mudam, não apenas o campo se reestrutura, mas seus limites mudam.

Observando os campos escolar e o arquitetônico, é possível perceber como operam e onde se situam os conceitos de Bourdieu apresentados anteriormente, com a atuação das instituições sendo fundamental no desenvolvimento de determinados habitus, na delimitação do campo para maximizar o retorno obtido em disputas e enquanto perpetradoras de um poder e uma violência simbólica. Stevens (1998), destaca o papel da Beaux-Arts em atribuir prestígio para determinadas práticas e indivíduos, e assim possibilitar o acesso a estudos, empregos, reconhecimento público, prêmios e honras formais, que retornavam como validação para a própria instituição e seus agentes notáveis. Essas estratégias de distinção através da competição eram incentivadas pela instituição como uma virtude em si mesma, fomentando um mercado simbólico onde os alunos poderiam demonstrar sua dedicação as doutrinas da instituição (STEVENS, 1998).

De acordo com Kennedy-Karpat e Sandberg (2017), a designação de prestígio, favorece algumas categorias e narrativas sobre outras, como a dos homens brancos do Norte e as narrativas épicas apoiadas em figuras geniais, das quais o campo arquitetônico não é exceção. Essas práticas de reprodução da cultura vigente trabalham ativamente para evitar a consolidação de uma contracultura, que, diferente das rebeldias internas do campo, só é possível quando a classe dominante se

encontra em algum tipo de crise (STEVENS, 1998). Castro-Gómez (1996 [2021]), a partir das leituras de Foucault e Sloterdijk, compreende que o poder é sempre uma ferramenta que existe em espaços mutáveis ao longo do tempo, tornando necessário desenvolver uma crítica das práticas que procuram homogeneizar a realidade a partir de uma narrativa.

Historicamente, as teorias que regem o campo cultural do ocidente, a partir do seu potencial normativo e explicativo, foram pensadas no Norte e para o Norte, criando centralidades pedagógicas que reproduzem relações de colonialidade nos territórios do Sul. De acordo com Ballestrin (2013), essa “periferia” foi capaz de reagir por meio da elaboração de outras teorias críticas e contra hegemônicas. Entra em questão o conceito de colonialidade do poder, elaborado por Aníbal Quijano e utilizado por Santiago Castro-Gómez em diálogo com as teorias de Bourdieu, que pode ser definido como a persistência das estruturas de dominância após o fim do período colonial formalizado. Configura-se uma disputa que engloba a economia, a natureza, a subjetividade e o conhecimento, a partir de hierarquias sociais, raciais, de gênero e do saber que perpetuam as desigualdades e exclusões em posições semelhantes à do período colonial (BALLESTRIN, 2013). Para isto, é necessário estabelecer o “outro” como uma construção unitária, facilitando a perpetração da violência simbólica ao delimitar contra quem as codificações e regras excludentes devem atuar (CASTRO-GÓMEZ, 1996 [2021]).

Embora eventos como exposições, prêmios e publicações tenham rapidamente se expandido em número e importância dentro do campo cultural (ENGLISH, 2005), é notável que a realidade latino-americana venha sendo marcada por uma maior inserção nessas disputas. Hernández (2009) ressalta esse ponto ao afirmar que os arquitetos latino-americanos foram contemplados nas mais importantes premiações entregues na primeira década do presente século, cenário que se mantém até os dias atuais. Como coloca Anand e Watson (2004), as aberturas para novas fronteiras em premiações podem ser vistas como resultado de negociações e reconfigurações controladas, promovidas pelo próprio campo em que se insere. É preciso lembrar que, como afirma Waisman (1990 [2013]), a história e a crítica são continuamente reescritas a partir da circunstância cultural de cada presente e das convicções de quem a produz, sendo o primeiro passo para o conhecimento trazer à tona as motivações e intenções que permeiam esse processo.

Entendendo o prestígio como um processo social complexo e as práticas de movimentação do capital simbólico como atribuições de juízos de valor, que promovem ideias, discursos e tendências que servirão de fios condutores à produção e representação arquitetônica (COSTA, 2015), utilizar as ferramentas conceituais presentes na sociologia de Bourdieu aqui apresentadas possibilita a análise de questões pertinentes a concessão de prestígio. Abordar os recursos específicos utilizados em sua busca (capitais), a sua concentração em esferas específicas de disputa sobre formas de capital (campos) e o prestígio como algo prático e dado como certo, aceitação das hierarquias sociais existentes (poder e violência simbólica), possibilita investigar as formas sutis e influentes e as relações complexas que, através de objetos culturais e classificações simbólicas, pautam a representação da arquitetura contemporânea da América Latina através dos prêmios.

3. MOVIMENTAÇÃO DO CAPITAL SIMBÓLICO NA AMÉRICA LATINA

A acelerada expansão urbana das cidades latino-americanas, a partir dos anos 1960, contribuiu com a conformação de um campo fértil de discussões acerca da produção desses lugares, onde os olhares endógenos e exógenos se fizeram presentes (GORELIK, 2003). A produção de arquitetura na América Latina durante o século XX esteve marcada por um cenário de contradição, onde, ao mesmo tempo em que obras e arquitetos pareciam se equiparar, e até ultrapassar, aqueles presentes na porção norte do globo, tal produção não encontrava reverberação nas historiografias canônicas do modernismo, como pode ser visto em Maluenda (2016).

Os estudos e perspectivas lançados a partir do território latino-americano oferecem, sobretudo a partir do século XXI, a possibilidade de construção de novas miradas. Embasadas nas postulações de pensadores como Edmundo O’Gorman e Aníbal Quijano, são ampliadas questões acerca da multidirecionalidade dos efeitos, como por exemplo no contato com a América enquanto uma experiência fundamental para uma transformação das compreensões, e, portanto, dos esquemas, elaborados na Europa, tornando necessário pensar as questões culturais como uma construção abrangente que envolve múltiplos agentes (LIERNUR, 2013).

Esse processo, alinhado com a descolonização e a conscientização da dependência cultural que percorre o mundo, sinaliza uma necessidade de revisão dos juízos emitidos sobre pautas de valoração consolidadas, majoritariamente elaboradas a partir do centro, e de afirmação dos valores próprios de cada lugar (WAISMAN, 1990 [2013]). O século XX esteve marcado por diversos movimentos de ação e reação, que ajudaram a consolidar o território latino-americano como um local onde as semelhanças sobressaem as diferenças, de modo que diálogos e influências se dão como parte do tecido que compõe o seu interior.

Para isto, colaboram fatores como o estabelecimento do Mercosul, em 1991, que criou intercâmbios econômicos e intelectuais, além de ter facilitado as viagens (LIERNUR, 2015), e a estabilidade política e crescimento econômico no final do século XX e da primeira década do século XXI. Nesse mesmo início do século XXI também foi marcante o “giro à esquerda” de diversos governos latino-americanos, o que

possibilitou o investimento em pautas progressistas e socialmente plurais, utilizando a estrutura do Estado para criar deslocamentos que favoreceram às visões contraculturais e a introdução de valores associados às posições socialmente marginalizadas, como os povos originários e escravizados, na luta pelo capital cultural, simbólico e econômico.

No entanto, os mecanismos de reprodução pertinentes a uma sociedade contemporânea pautada pelo consumo, como o alcance e velocidade dos novos meios de comunicação e a aceleração da história, decretam obsolescências e proclamam novos valores que, muito brevemente, serão submetidos ao consumo (WAISMAN, 1990 [2013]). A informação se torna um elemento chave na disputa pela representação, em que a quantidade e o alcance dos conteúdos colocados a partir dos centros, e elaborados sob seus parâmetros, representam novas dinâmicas de dominação, conformando um jogo de espelhos complexo, em que os reflexos ofuscam compreensões mais abrangentes (WAISMAN, 1990 [2013]).

As redes sociais, subjugadas aos algoritmos seletivos e indutores de consumo, têm sido peça fundamental na formação de “tendências” e gostos que, para Imani e Zafarmandi (2017), são fundamentais na constituição de disputas no campo arquitetônico. A dominação desses meios de comunicação, seus algoritmos e estrutura, pelo norte global configura um descompasso que serve para alimentar e propagar suas ideologias e interesses de consumo, contribuindo para a manutenção do poder. O problema desse raciocínio nos países fora do norte global, parte da compreensão de que os valores mais utilizados estão impregnados das questões e modos de pensar da realidade onde foram formados, os centros, sendo constantemente impostos e necessitando de adaptações que possibilitem contemplar as diferenças presentes em outras realidades (WAISMAN, 1990 [2013]).

É exemplo disto a origem do conceito de América Latina, no século XIX, proposto pelos franceses a partir de uma perspectiva colonizadora com o propósito de reafirmar seu papel de destaque sobre o novo mundo. O teor colonial já presente no “descobrimento” e no batismo do continente, em homenagem a Américo Vespúcio, também foi levado para a linguagem, quando os portugueses e espanhóis utilizaram o latim para colonizar as línguas nativas (MIGNOLO, 2007). De acordo com Castro-Gómez (2007), a tentativa de redução em uma unidade representável homogênea de latinidade constrói a figura de um “outro” possível de conhecer, classificar e, enfim,

controlar. Castro-Gómez e Grosfoguel (2007) destacam ainda que para superar o peso desse colonialismo é necessário ir além da construção de uma identidade autêntica desse sujeito, que operando dentro da lógica imposta pelos que dominam apenas reforçaria o sistema, e confrontar a ideia de unidade, reconfigurando os signos impostos a partir de descentralizações e heterogeneidades e da elaboração de leituras críticas sobre as fontes responsáveis por consolidar essas narrativas de opressão.

Assim, tal ideia de latinidade foi ressignificada sob a luz de leituras críticas, esforços e apropriações locais, designando camadas diversas que compreendem língua, geografia e economia da América “abaixo do paralelo 30N” (LARA, 2012). Na esteira de processos endógenos como esse, tem origem a teoria decolonial, base para o “movimento decolonial”, cujo objetivo está em propor novas perspectivas do conhecimento acerca da produção e dos processos nos territórios colonizados alheios ao sistema, majoritariamente enquadrados dentro do “sul global” (MUNIZ-REED, 2019). Em cima desses interesses colonizadores, está fundamentada a geopolítica de divisão continental que permite compreender por que a América Latina foi incluída no “Ocidente”, mas em uma posição periférica, inferior e dependente (MIGNOLO, 2007).

A colonialidade sempre se fez presente. Mesmo após terminado o período formal de colonização, ela persistiu por meio de formas estruturais de privilégio e de enviesamento. Para além de suas manifestações econômicas e sociais mais óbvias, essas hierarquias opressoras também se manifestam no domínio da cultura. Como muito do que conhecemos e experimentamos do mundo moderno foi construído a partir das categorias imperiais ocidentais, a colonialidade do conhecimento talvez seja o mecanismo mais difícil de discernir e ainda o mais pérfido de se superar (MUNIZ-REED, 2019, p. 4).

Movimentos como esses são identificados por Bourdieu (1994 [1996]) como uma luta que ocorre no nível subjetivo, que consiste na tentativa de mudar as categorias de percepção e avaliação por meio da manipulação ou invenção de termos, símbolos e novos significados que moldam realidades sociais de acordo com os interesses. Essas questões que extrapolam os limites da disciplina arquitetônica reforçam a inviabilidade do seu entendimento como algo fechado em si mesmo e, portanto, das suas obras, representações e discursos como objetos isolados (SAUER, 2019). Para Bourdieu (1979 [2006]), é intrínseco à existência de uma instituição ou grupo social a adoção de meios que perpetuem suas realizações para além da finitude

dos agentes individuais que os integram, de modo que buscam diferentes mecanismos para delegar, representar e perpetuar seu capital.

Esse movimento é possível através das escolas de arquiteturas, periódicos, exposições, mídias sociais, que, invariavelmente, operam através da distinção de determinadas práticas arquitetônicas e seus objetos (BASYAZICI E ULUOGLU, 2017). Para Stevens (1998), a função essencial do sistema de ensino superior é conservar e transmitir a cultura da sociedade através das gerações, isto resulta no recorte das partes que o sistema considera dignas de transmissão, que, em muitos pontos, se sobrepõe com a cultura das elites dominantes.

No contexto contemporâneo marcado pelas revisões historiográficas e críticas, alguns movimentos pedagógicos do campo arquitetônico buscam romper a perpetuação dessa prática dominante, como pode ser observado no livro “Radical Pedagogies” editado por Colomina, Galán, Kotsioris e Meister e publicado no ano de 2022 e nas propostas de “Por um ensino insurgente de arquitetura” organizado por Andrea Moassab e Leo Name também publicado em 2022. Assim diferentes partes do globo se alinham para repensar o papel, a forma e o resultado do ensino de arquitetura e urbanismo. No entanto, a circulação do conhecimento arquitetônico atual ainda depende da implementação exitosa, ou não, de estratégias de distinção, cujo componente fundamental é a exibição pública de algo ou alguém (SCRIVANO, 2024).

São amplas as possibilidades para a realização desses recortes de uma porção da realidade que, invariavelmente, incorrerão em omissões ou exclusões, mesmo que motivadas por parâmetros pré-estabelecidos e explicitados. Ainda que a produção e transmissão desses materiais seja uma operação coletiva capaz de abarcar diferentes realidades, como afirma Barbosa (2023, p. 71), “todo panorama é inacabado e destinado à incompletude, mas é preciso escolher quais omissões são aceitáveis e quais são aquelas que são melhores evitar”. De acordo com Waisman (1990 [2013], p. 42), a escolha da ferramenta para realizar essa tarefa é uma operação que deriva da circunstância histórica e é a etapa mais significativa pois:

O instrumento atua no próprio núcleo da operação, penetrando em determinadas fissuras, evitando outras, abrindo perspectivas ou ignorando conflitos. A escolha do instrumento, portanto, constitui uma decisão muito delicada, uma vez que assim como pode ajudar a descobrir problemas, pode contribuir para encobri-los. De modo

que se utilizamos instrumentos surgidos e refinados em relação a uma realidade diferente daquela que pretendemos conhecer, é quase certo que, em vez de revelar os problemas reais, eles permaneçam escondidos, e problemas fictícios sejam "descobertos", problemas próprios das culturas originárias dos instrumentos em questão.

Exposições, catálogos, livros, premiações, concursos, viagens, trabalhos em equipe são apenas alguns exemplos de "práticas de movimentação do capital simbólico", entendidas aqui como estratégias e ações que os indivíduos e grupos utilizam para acumular e exercer reconhecimento e prestígio em um campo. Tem centralidade nesse processo a conversão de suas formas de capital - econômico, cultural, social - em poder e legitimidade percebidos por outros. Isto envolve a construção de reputações, o uso de símbolos, a participação em discursos e práticas que legitimam valores específicos e a navegação em hierarquias para ganhar influência e assegurar a manutenção do poder, muitas vezes de forma naturalizada.

A pertinência das teorias de Bourdieu e dessas práticas para o contexto latino-americano pode ser percebido na posição que a prática de arquitetura moderna do território foi colocada na historiografia canônica. Ainda que a tarefa de descrever ou encapsular de forma totalizante a história e os limites de qualquer disciplina ou território seja impossível, esta tarefa foi continuamente desenvolvida por diversos agentes do campo arquitetônico que privilegiaram a canonização de certas ideias, tradições e formas de ler o mundo que na verdade se baseavam em um recorte limitado de fatos e conhecimentos de quem as produziu (CARRANZA E LARA, 2015).

Assim, podemos perceber a manifestação do poder simbólico no enquadramento da América Latina como periferia dos grandes acontecimentos arquitetônicos ocorridos na Europa e América do Norte, teoricamente, local de circulação e atuação de agentes relevantes no desenvolvimento do campo. Pesquisadores como Ruth Verde Zein (2022), Ana Estebán Maluenda (2016) e Fernando Luiz Lara (2018) ao estudar os conteúdos dos livros canônicos demarcam as ausências como traço marcante da abordagem sobre o território. Mesmo em movimentos de revisão e novas edições, a produção latino-americana foi em muitos casos tratado como algo a parte, em um capítulo ou seção específica, como se fosse um parêntese que não contribui com o desenvolvimento da arquitetura moderna.

Zein (2018) destaca que toda narrativa é uma sequência de fatos que são escolhidos e posicionados para se contar uma história. Orbita nesse ato de selecionar, questões que perpassam o habitus de quem escreve, o capital social que possui, e com quem possui, e o capital cultural e simbólico dos fatos e das narrativas que possibilitam a repercussão e a publicação. A historiografia é apenas uma das ferramentas utilizadas para a perpetuação desse capital simbólico, e que, como nas demais, tem os agentes como elemento central para o seu sucesso.

A compreensão dessas disputas e do papel que os agentes desempenham contribui para a consolidação de um movimento de revisões historiográficas, que a partir de questionamentos e contraposições buscam examinar os avessos e as ausências (BARBOSA, 2023). A condição de prestígio para uma obra está em constante negociação, podendo ser revisitada sob novos olhares e deposta das posições de referência que ocupam (KENNEDY-KARPAT E SANDBERG, 2017).

Esse movimento de questionar ou preencher uma lacuna deixada por outra obra também se configura como uma disputa pelo capital simbólico, em que, ao mesmo tempo que busca tomar para si parte do capital da obra, também reafirma o capital já adquirido por ela ao colocá-la como relevante o suficiente para que se elabore uma resposta. Portanto, o prestígio é uma construção realizada por diferentes agentes, em diferentes arenas, e espaços temporais e geográficos, que necessita de constante reafirmação para obter um status de permanência de um cânone.

No final do século XX, houve um crescimento na participação de muitos países latino-americanos no contexto global, facilitando as trocas de produtos, processos e conhecimentos, o que repercutiu em tentativas de conectar culturas e países para estabelecer um movimento panamericano (SAUER. 2019). Essas mudanças provocadas pela globalização, pelas mídias digitais e sociais, repercutiram na cultura arquitetônica internacional e, conseqüentemente, na crítica, em sua forma e conteúdo. De acordo com Tempestini (2025), a ascensão do potencial comunicativo da internet provocou mudanças significativas na crítica, enfraquecendo o discurso acadêmico que a embasava e conferia rigor, mas também a separava do público situado fora da profissão e da academia.

Esse cenário repercute na ampliação de eventos como exposições e premiações enquanto lócus para a manifestação da crítica acadêmica (GADANHO, 2015), e nos sites e redes sociais como local para um maior diálogo com o público

(JANNIERE E SCRIVANO, 2020). O sucesso desses meios se deve pelo seu trabalho de síntese, pelo apelo midiático e fácil acesso, sendo compartilhada por todos a construção de uma espécie de linguagem que ultrapassa as barreiras dos idiomas e as fronteiras nacionais devido ao apoio das imagens (SCRIVANO, 2024).

Como afirma Hernández (2009), é marcante que no século XXI a arquitetura produzida na América Latina voltou a ter um destaque mais abrangente nas revistas de arquiteturas, livros, periódicos, indo além dos edifícios e planos urbanísticos do período moderno já amplamente reproduzidos ou apoiados nos nomes já canonizados”. Esses acontecimentos repercutem a colocação de Zein (2022, p. 24), de que “cânones não brotam: seu estabelecimento se dá por mecanismos de prestígio e a sua consolidação por mecanismos de reiteração”.

Todas essas ferramentas de distinção, mesmo os prêmios que buscam destacar uma única prática, ao legitimar um discurso, produzem efeito sobre aqueles que compartilham, ou pareçam compartilhar, de bases semelhantes ao destacado (RESCHKE et al, 2018). Contudo, esses movimentos de reconhecimento em arenas de disputa e de prestígio internacionais da prática contemporânea realizada na América Latina, não significam uma derrubada do sistema colonizador que atua sobre a constituição do gosto, mas uma rebeldia convidada ao interior do sistema, que, como aponta Castro-Gómez (2007) pouco operam para transformá-lo. Isto não diminui sua relevância, mas demanda um posicionamento adequado do seu significado e impacto, para que possa ser melhor utilizado no enfrentamento desse sistema de dominação.

Embora um dos objetos de estudo aqui explorados abarque as Américas como um todo, a teorização e reflexão sobre esse espaço latino-americano têm relevância em duas frentes: primeiramente pela sua pertinência no panorama contemporâneo da produção arquitetônica, com contribuições teóricas e projetuais que ultrapassam a fronteira do território, e em segundo enquanto fonte de interesse e objetivo deste trabalho ao observar a prática e a representação da arquitetura contemporânea da América Latina, fator esse associado pelo território ser o lócus de enunciação do autor da pesquisa, e portanto constituinte de seu habitus, tendo isto sido relevante em todo o delineamento das reflexões propostas.

3.1 PREMIAÇÕES

A proliferação dos prêmios desde o final do século XX (CHUPIN et al., 2022), pode ser vista como um dos sintomas da sociedade pautada pelo consumo que, com dificuldade em distinguir aquilo digno de atenção, dependem cada vez mais de um reconhecimento prévio, um capital simbólico acumulado. Avaliar e distinguir fazem parte da prática arquitetônica desde que foi constituída formalmente como sistema pedagógico-profissional. A limitação na capacidade de consumo e conhecimento do público colocam as premiações como faróis que orientam a alocação da sua escassa atenção na grande variedade existente (RESCHKE et al, 2018).

Esse prestígio, que, para existir pressupõe o reconhecimento e a validação do próprio campo, e, portanto, depende de um sistema e de uma rede de agentes, fazem das premiações um objeto de estudo pertinente para o desenvolvimento de uma abordagem sob as teorias de Bourdieu, ao se apresentarem como uma prática que congrega diferentes formas de capitais que perpassam pela estrutura, pelo júri, os participantes até os premiados. Como afirma English (2005, p. 47, tradução nossa), a razão para existência dos prêmios nos campos artístico e cultural:

(...) reside em parte no desejo de alargar o controle burocrático sobre os indisciplinados campos da arte, de alargar a quota do controle no poder de produzir valor artístico (de canonizar, de consagrar, de determinar quais os autores que serão reconhecidos) como dignos de distinção especial – autores que, em virtude desse reconhecimento, terão, o poder de conferir valor a outros autores ou obras.

Para Bourdieu (1994 [1996]), essas iniciativas de movimentação do capital simbólico possuem o potencial de moldar os campos ao perpetuar estruturas de avaliação, regras, problemas, técnicas e instituições capazes de conferir reconhecimento. Nos prêmios também se manifesta a compreensão de Swartz (2013) de que é imprescindível a um campo dispor de uma lógica social que envolve participantes interessados, com seus portfólios de capital, na luta por interesses definidos coletivamente e, acima de tudo, na luta pelo poder de conferir valor a algo.

Sociedades e associações de artistas, círculos acadêmicos, críticos individuais, patrocinadores corporativos e filantropos utilizam as premiações como ferramenta para demarcar suas posições dentro do campo pela sua eficácia na

conversão entre os capitais cultural, econômico e social (ENGLISH, 2005). A celebração pública aumenta a autoridade e poder das figuras envolvidas ao reafirmar a ordem hierárquica existente e atrair a atenção da mídia para a reprodução e autocelebração (GALLUS E FREY, 2016b).

Esses rituais promovem uma oportunidade para a reunião de agentes do campo, constituindo um ponto focal para a ação coletiva e a transmissão de mensagens sobre atitudes, comportamentos e gostos apropriados. As próprias premiações necessitam de uma validação do campo, utilizando o capital simbólico de seus integrantes e participantes e da continuidade e consistência para constituir uma tradição. Zuckerman (1977) destaca que o prestígio do prêmio Nobel foi socialmente construído a partir dos seus homenageados, como Einstein e Bohr, que, ao aceitarem participar do ritual, criaram uma transferência reversa do seu prestígio para o prêmio. A partir disso, a iniciativa tornou-se conceituada o suficiente para elevar o prestígio das figuras independente de sua posição social dentro do campo.

Apesar disso, receber um prêmio não é uma etapa obrigatória nem uma garantia para que alguém obtenha um status permanente de prestígio, uma canonização. O prêmio em si é apenas uma parte da ferramenta, complementada pelos esforços de publicidade do evento, a cerimônia de entrega, os rituais de surpresa e gratidão encenados, os discursos de aceitação. Esses sinais que partem dos promotores, ao organizar premiações, e dos receptáculos, ao se inscreverem e aceitar, rejeitar ou manifestar indiferença, transformam a percepção do público em direção à iniciativa e os efeitos nos não-participantes (GALLUS E FREY, 2016a).

Isto não significa que as premiações sejam necessariamente reprodutoras do discurso dominante, desprovidas de crítica e autorreflexão, mas, como colocou Arango (2012a), são mecanismos de reiteração e consolidadores de reputação que procuram ter a palavra final quanto à qualidade. Premiações de objetos culturais sujeitos ao gosto, como é o caso da arquitetura, são essencialmente contestadas, porque a mesma arbitrariedade que possibilita a competição também é a base para controvérsias. Waisman (1990 [2013], p.135) afirma que “o significado de uma obra não se esgota na instância de sua criação, pois não existe significado se este não é percebido por alguém”. Essa constante transformação e acúmulo de diferentes significados, em que são indissociáveis as circunstâncias históricas e sociais de sua existência, é a base para a vigência das premiações no campo arquitetônico.

Diferente dos concursos de projetos, cujo as regras estão colocadas antes que qualquer traço seja realizado pelos participantes, e, portanto, apresentam tipologias, localização, programa, escala semelhantes entre os objetos que concorrem, as premiações apresentam desafios na comparabilidade de lugares e edifícios com propostas e escopos diferentes (CHUPIN, 2022). Na competição entre projetos estão em julgamento as ideias manifestadas através da arquitetura e que se baseiam na realidade e em experiências anteriores, já nos prêmios, os aspectos qualitativos podem ser observados e mensurados a partir da realidade, complexificando os debates e as decisões.

No campo arquitetônico, os prêmios apresentam grande abrangência e variabilidade a partir de seus critérios, recortes geográficos, tipologia, sistema de construção, uso e materiais. A apresentação de um dossiê cuidadosamente preparado pelos arquitetos, a partir da solicitação do prêmio, busca nivelar as bases para o julgamento. Para Chupin (2022), as premiações reverberam amplamente nas disciplinas do ensino de arquitetura ao fornecerem um repertório de casos exemplares que podem ser estudados ou contestados dentro do meio acadêmico. Para Barbosa (2025, p. 3) (...) os modos de premiar, ou seja, quem, o que e como são os premiados, são importantes, tendo em vista o poder das premiações em constituir modelos a serem seguidos, seja pela própria classe profissional, seja pela geração de estudantes a qual os resultados impactarão”.

Ser destacado por uma premiação, organizá-la ou ser convidado para integrar o seu júri promove o contato com uma rede de agentes, um capital social, em que ocorre uma dinâmica de reconhecimento e valorização do capital simbólico mútuo (ENGLISH, 2014). Essas redes intelectuais são entendidas por Devés Valdés (2007) como um conjunto de pessoas que produzem conhecimento e compartilham canais de comunicação e trabalhos a fim de ampliar o alcance e a profundidade de um determinado tema, sendo essencial a reciprocidade e a manutenção do contato. Para Arzu (2007, p. 22, tradução nossa), as redes intelectuais se apresentam “como estruturas geradoras de discurso e poder na América Latina, mas também como redes criativas de pensamento forte e de criação de uma identidade nacional, regional”.

Os primeiros agentes na realização de um prêmio são os organizadores, responsáveis por estabelecer as bases, definir um recorte, elaborar um método, obter patrocínio, convidar os jurados, organizar os eventos públicos e gerenciar a

divulgação da iniciativa. De acordo com Gallus e Frey (2016a), os organizadores devem instituir critérios amplos que possibilitem ir além de parâmetros mensuráveis, como eficiência e economia, para sinalizar as qualidades e intenções que desejam perpetuar, refletidos na produção alheia.

Para dar conta da profusão e variedade de objetos e levando em conta a principal limitação dos prêmios de serem considerados apenas os projetos que se conhece (ARANGO, 2012a), os critérios de elegibilidade ao julgamento são impostos em primeiro lugar pela necessidade prática de limitar o leque de possíveis vencedores. Esses mecanismos de seleção reforçam o discurso manifestado pelos organizadores, convertendo as ideias e conceitos em realidade com a seleção de uma obra.

A concessão de um prêmio simboliza a disposição dessas figuras, e, por consequência, daqueles envolvidos no processo que foram trazidos por eles, de estabelecer um vínculo de cumplicidade com o destinatário. De acordo com English (2005), os organizadores devem encontrar formas de exercer seu controle sobre os processos de seleção e avaliação de forma oculta, aparentando ser facilitadores das decisões, ao invés dos responsáveis por elas. Assim, as suas intenções precisam ser percebidas como autênticas e consistente com outros sinais que essas figuras, e suas formas de capital, emitem ao participarem ativamente daquele campo.

Outros critérios que envolvem os organizadores e que contribuem para a percepção de valor, positivo ou negativo, de um prêmio são: a quantidade de prêmios que estabelecem, pois mesmo que não haja sobreposição nos universos observados, a excessiva distribuição de reconhecimento pelas mesmas figuras coloca em xeque o comprometimento e a distinção que os premiados esperam; e a quantia da recompensa financeira, que se for alto demais pode comprometer o valor honorífico do prêmio, atuando como uma compensação pelo capital simbólico que ele não será capaz de atribuir, e um valor baixo pode ser percebido como um demérito ao campo em questão (GALLUS E FREY, 2016a). Já a não existência de uma recompensa financeira coloca toda a expectativa sobre as outras formas de capital que ele pode conferir e pode sofrer da mesma percepção que um valor baixo, mas também impede a colocação de uma quantia financeira exata sobre ele, o que facilitaria a comparação com outras recompensas.

Em uma época em que os prêmios de arquitetura se multiplicam até ocupar completamente o calendário, a enxurrada de obras premiadas que só podemos ver de maneira fragmentada e distante nos obriga a acreditar em virtudes que com muita dificuldade podemos constatar através das poucas fotos, geralmente espetaculares, que nos oferecem. Em parte, por esta razão, mas também pela própria generalidade dos prêmios e a consequente ambiguidade dos critérios de escolha, a boa vontade com que os consideramos acaba se transformando em ceticismo. Como a maioria não premia um aspecto específico, mas geral e difuso, é difícil discernir as razões das suas decisões (DIEZ, 2017, p. 139).

De acordo com English (2015), na sua fase inicial, quando ainda não estão consolidados e dotados de capital simbólico, os prêmios dependem do capital social para obter reconhecimento na disputa pela autoridade de conferir valor, sendo vital nesse processo garantir a participação de artistas e críticos prestigiados para servirem como jurados e, assim, fomentarem a movimentação do capital. A crítica é um aspecto inerente ao processo de qualquer premiação, porém algumas dependem exclusivamente da experiência dos jurados e sua capacidade em estabelecer um consenso e, conseqüentemente, um discurso, enquanto outras combinam essa ação com critérios específicos para a qualificação (TEMPESTINI, 2025).

Para realizar o julgamento, tais figuras podem fundamentar seu posicionamento em critérios objetivos e mensuráveis, diretamente comparáveis, ou subjetivos, que irão variar de acordo com o objetivo do prêmio, seu recorte temático e geográfico e no panorama geral dos objetos em questão (CHUPIN, 2022). O reconhecimento por um júri não é o mesmo que a medição real de um parâmetro de qualidade. Edifícios e projetos avaliados e destacados por uma premiação possuem uma série de qualidades, mas isso não significa necessariamente que elas tenham sido medidas ou avaliadas em todas as instâncias. Levando em conta que o julgamento não ocorre de forma isolada, portanto, não tem como se dissociar do modo social de entender o mundo pertinente ao dado momento histórico, que, como afirma Waisman (1990 [2013]), é algo essencialmente subjetivo, ele será mais um reconhecimento dado à melhor inscrição do que um valor absoluto de qualidade.

Assim, o prestígio de um prêmio passa pela crença coletiva no seu valor, em que a figura dos jurados tem protagonismo, dependendo não apenas do seu prestígio ou dos seus portfólios, mas da própria crença aparente na operação e na sua vontade de investir nele pessoalmente (ENGLISH, 2005). A crença no comprometimento

desses agentes coloca em risco todo o ciclo de virtude da iniciativa se eles forem percebidos como parciais. Apesar disso, o júri não possui liberdade para tomar qualquer decisão, havendo uma negociação com os organizadores e sua vontade, manifestada pelos critérios ou nas características dos jurados (ENGLISH, 2014).

Para Chupin (2022), a prática dominante, ao invés de estabelecer um universo de referências comparáveis e mensuráveis, prioriza a construção de uma visão disciplinar e sintética do que é entendido como qualidade ao: privilegiar as imagens no processo de julgamento, utilizar critérios amplos, não realizar avaliações pós-ocupação e não explicitar os debates que ocorrem no processo, resultando em atas superficiais do júri. Essas condições colaboram com a distinção ao colocar a disciplina como um assunto altamente especializado, restringindo o seu entendimento a uma parcela pequena de especialistas e à parte de interferências do público.

Apesar disso, a ascensão das mídias digitais, das redes sociais e engajamento como réguas do prestígio, destaca prêmios cujo poder de decisão está nas mãos do público. Embora não sejam novidade, eles existem de forma independente ou como subcategorias dentro de prêmios convencionais, configurando uma prática marginal por não utilizarem do capital cultural e simbólico de figuras relevantes como moeda de transferência para os receptáculos, sendo percebidas mais como concursos de popularidade do que como instâncias de validação. Outro cenário para a participação do público é a associação com uma seleção preliminar realizada por um júri, correlacionando a contribuição intelectual e simbólica dessas figuras com o alcance e o engajamento do voto popular (TEMPESTINI, 2025).

Diferente das premiações de produtos de entretenimento, como cinema, música e literatura que são consumidos pelo público, a realização e a repercussão dos resultados e discussões dos prêmios de arquiteturas encontram-se mais limitados ao próprio campo. Mesmo aqueles públicos são limitados a plataformas ou instituições cuja abrangência é, em sua maioria, de seus próprios agentes. Seja pela ideia de que se trata de uma prática complexa e que, portanto, necessita de um habitus capaz de realizar tal julgamento, ou pelo desinteresse do público em geral, isso enfatiza a endogenia da prática, repercutindo em controvérsias mais pontuais que não procuram invalidar o sistema, mas sim alargar os seus limites (CHUPIN, 2022).

Ao delimitar a uma única obra o poder de representação dentro de um campo heterogêneo, colocando-a como propriedade de toda a sociedade quando é apenas a

oportunidade dos grupos dominantes fortalecerem sua posição distinta, as premiações se configuram como uma arena de disputas pela representação em que podem ser expressas as atitudes e valores alternativos, posições não oficiais (ANAND E WATSON, 2004). Para Bourdieu (1979 [2006]), essa diferença de posições é fundamental para a manutenção do poder ao colocar as críticas e contradições como parte do prêmio, e, portanto, do seu capital simbólico e de seus envolvidos.

Fundado em 1979, o Prêmio Pritzker é frequentemente mencionado na grande mídia e na especializada como o principal prêmio de arquitetura, ou “Prêmio Nobel” da arquitetura, apresentando pontos de contato com este ao propor um prêmio internacional anual que busca destacar um indivíduo ou, mais recentemente, duplas ou trios, que tenham apresentado contribuições significativas para o campo durante sua carreira e que ainda estejam vivos. Esse critério de ainda estar vivo, e na maioria dos casos, ainda em atividade, é uma escolha que busca maximizar a repercussão ou retorno de investimento do capital simbólico alocado, dado que o destinatário continuará a atuar e produzir levando sempre consigo esse título como traço distintivo dos demais profissionais.

Outra aproximação com o Nobel é a origem do prêmio como uma iniciativa da elite financeira para expandir seu capital cultural e simbólico. Com sua primeira edição em 1979, o Pritzker foi criado e financiado pelo casal de magnatas norte-americanos inseridos na lista de famílias mais ricas da América desde 1982 (BRITANNICA, 2016), Cindy e Jay Pritzker, já inseridos no campo arquitetônico como clientes notáveis a partir dos projetos para sua rede hoteleira. A premiação se consolida, ou se autodenomina, como “a maior honraria da arquitetura” ao apresentar longevidade, consistência, figuras notáveis do campo como laureados e a conversão do capital financeiro e cultural que possibilita ampla cobertura midiática e espaços de repercussão dentro e fora do campo que ajudam a promover a arquitetura como algo distinto, e, portanto, digno de valor.

A tarefa de julgamento, seleção e anúncio dos laureados no início de cada ano é realizada por um júri, geralmente formado por diferentes profissionais, como filantropos, empresários, arquitetos e até um juiz da Suprema Corte norte-americana. Buntrok (2022) destaca que, nos primeiros anos, os arquitetos representavam menos da metade do júri, servindo em média seis anos, enquanto os demais jurados

permanecem em média dez anos, seguindo uma lógica semelhante à dos primeiros anos do Prêmio Nobel, que só passou a ter um cientista como jurado em 1960.

Essa característica na formação e experiência dos jurados demarca, implicitamente, a intenção em movimentar um capital simbólico mais abrangente, que ultrapassa os limites do campo. Buntrok (2022) destaca que as mudanças nessas características ocorreram ao longo do tempo, de modo que, em 2021, o júri de oito integrantes contou com seis arquitetos. Em teoria, todos os arquitetos atuantes no mundo que possuam obras executadas estão aptos a concorrer ao prêmio, visto que o sistema não se baseia em inscrição ou indicação, porém, como aponta Adamczyk (2022), sequer são considerados aqueles que já não possuam uma série de outros reconhecimentos e prêmios que garantam uma inserção no cenário internacional e em determinados círculos sociais.

Essa influência de outras práticas de movimentação do capital simbólico sobre o Pritzker pode ser percebida no estudo realizado por Buntrok (2022), ao observar os investimentos do governo japonês, através da Fundação Japão, em publicações, palestras e exposições nos Estados Unidos e a correlação com os primeiros vencedores japoneses. A mais marcante, a exposição “Uma Nova Onda de Arquitetura Japonesa” em 1978, contou com quatro arquitetos posteriormente laureados: Fumihiko Maki, Tadao Ando, Toyo Ito e Arata Isozaki. Nessa questão de nacionalidade, outro traço marcante das primeiras edições do Pritzker, bem como do prêmio Nobel, foi um certo favoritismo regional, que, no caso arquitetônico, destacava os arquitetos norte-americanos ou imigrantes que lá desenvolveram sua prática.

Como afirma Chupin (2022), ainda é muito cedo para os estudos de premiações dentro do campo arquitetônico, ainda pouco desenvolvido, estabelecer uma classificação a partir do prestígio, valor e confiabilidade para essas iniciativas a partir dos efeitos e críticas que geram. A necessidade de circulação do capital simbólico consagra os prêmios como agentes da economia cultural, nos quais os jurados centralizam a movimentação de capital. Não à toa, as polêmicas ao redor de uma premiação, em grande medida, recaem sob essas figuras, se manifestando na parcialidade ou conflito de interesses não declarados de algum juiz (ENGLISH, 2005).

Os efeitos provocados por um prêmio são diversos e variam de acordo com a posição que os agentes ocupam antes e após a realização do prêmio. No entanto, eles não se limitam aqueles diretamente envolvidos com o ritual, mas como coloca

Bourdieu (1989 [2003]), a alteração na posição de qualquer indivíduo inserido no campo afeta a dos demais. Assim, o destaque para uma determinada prática pode gerar atenção sobre práticas que compartilham das mesmas bases ou recortes de atuação, ainda que com intensidades diferentes.

É paradigmático nesse contexto a premiação do chileno Alejandro Aravena na edição de 2016 do Pritzker. O arquiteto que havia servido como jurado entre os anos de 2009 e 2015, posição em que não é possível ser laureado pela iniciativa, foi em 2016 o arquiteto mais jovem a receber o prêmio, com sua produção marcada pelo comprometimento social, econômico e humano a partir de projetos como habitações populares, parques, edifícios institucionais e propostas urbanas, todos destacados no discurso do júri durante o anúncio da sua escolha.

Além da curiosa dinâmica de movimentação do capital simbólico presente nesse caso, em que, ao invés do movimento comum destacado por English (2005) e percebido em diversas premiações do campo arquitetônico, Aravena serviu primeiro como jurado, para depois ser premiado, ou seja, participou da atribuição de um prestígio que ainda não havia adquirido, o que acabou gerando controvérsias. A principal e mais repercutida dessas, não esteve associada a essa condição, mas sim com a característica da sua produção, que levou o arquiteto e crítico alemão Patrik Schumacher a criticar a escolha, colocando-a como um ponto num movimento global de elevar critérios como impacto social enquanto a fronteira do que a arquitetura pode ser, em detrimento de questões como avanços tecnológicos.

Fica claro nesse acontecimento as dinâmicas de disputas que diferentes indivíduos e instituições envolvem seus capitais culturais e simbólicos para exercer, ainda que mínimo, algum controle dentro do campo a partir de seus *habitus*. Confirma-se que os questionamentos e controvérsias são partes intrínsecas e fundamentais para a iniciativa, que inclusive são utilizadas para alimentar o seu capital simbólico, dado que alcançam novas repercussões a partir delas.

Reschke et al. (2018) ressalta que as premiações também podem ser responsáveis por encerrar debates dentro do campo ao direcionar o holofote para uma figura, o que pode repercutir na diminuição de interesse sobre aquele grupo, ofuscar aqueles que estão próximos e acabam posicionados na sombra do vencedor ou, à medida que o público alcançado por ela se amplia e passa a incluir indivíduos com gostos mais diversos, pode deixá-lo sujeito a avaliações mais negativas.

(...) na maioria dos casos, abrir e variar não é necessariamente questionar: pode ser apenas (ou querer ser apenas) contribuir educadamente, sem pôr em risco o status quo. Permite-se aberturas, claro - mas sempre quando se limitem a ser superficiais e epidérmicas. Pode-se pensar outras coisas, claro - sempre quando não se chegue a provocar nenhuma convulsão importante. A diversidade, bem-comportada, está admitida e, ademais, gosta de sua posição secundária, porque aspira ser aceita pela hierarquia vigente; e é bem-vinda por esta porque é politicamente correta. É permissível porque refresca a arena com novos temas e pautas e sugere que o campo é livre, até porque está sendo enriquecido com outras visões geográfico-culturais (ZEIN, 2018 p.135).

Essa abertura condiz com a necessidade de expansão que o capital apresenta em todas as suas formas, estimulando a ampliação das fronteiras para atingir novas fontes de prestígio. Friedman e Reeves (2020) ressaltam que diante de um cenário de ascensão das pluralidades, os dominantes buscam se adaptar, diversificando seus perfis culturais a partir de uma mescla entre gostos intelectuais e populares, que, ao serem colocados na arena pública, expandem seus domínios. Transformações nas estruturas, e, por consequência, no resultado, podem ser percebidas em todo o sistema de premiações. Atendo-se ao campo arquitetônico, a ampliação da abrangência geográfica, étnica e social dos discursos manifestados pelo Pritzker, a partir do final da primeira década do século XXI, relaciona-se com uma mudança no corpo de jurados e, portanto, em suas pautas de valoração (SEABRA, 2016).

Reforça-se o poder simbólico dessas iniciativas, que, como definido por Bourdieu (2003), são uma força constitutiva do mundo social capaz de formar identidades coletivas a partir do destaque, trazendo forma para algo que era apenas uma série de elementos ou indivíduos percebidos separadamente. Como colocado por Arango (2012a), ao contrário do que se pensa, a forma mais acabada da crítica envolvida num prêmio não está na emissão de sua ata, mas no seu processo, tornando necessário uma transparência e reflexão crítica quanto aos debates que pautam as decisões. De acordo com Zein (2018), esses mecanismos seriam fundamentais para evitar uma das principais consequências presentes no âmbito da premiação em arquitetura, “a emulação arquitetônica vazia da crítica”.

A linguagem do poder simbólico de Bourdieu destaca que a cultura não reflete apenas as relações econômicas e sociais subjacentes, mas também é constitutiva delas. A nomeação, a classificação e a capacidade de usar formas simbólicas para

criar associações e divisões ajudam a dar existência e identidade a grupos sociais e a definir suas inter-relações. O que se percebe nas premiações panorâmicas mais repercutidas no campo arquitetônico é o reforço, ou a reapresentação em uma arena mais ampla, de hierarquias culturais existentes em uma determinada realidade, emprestando poder simbólico para uma narrativa já consolidada.

Esse fator repercute numa submissão do prêmio às dinâmicas e questões culturais de cada país, de modo que há mais uma etapa que pode limitar a representatividade de uma iniciativa. No início da década de 1990, o júri do Pritzker teve que adiar a entrega da medalha a Tadao Ando, premiado em 1995, até homenagear primeiro Fumihiko Maki, laureado em 1993, atendendo aos protocolos japoneses de antiguidade e sucessão, com ambos reconhecidos por uma banca de jurados semelhante (ENGLISH, 2005).

As premiações, por integrarem o campo, não estão isoladas das outras práticas de movimentação do capital simbólico, por vezes repetindo e repercutindo discursos e obras já destacados em outros locais e, portanto, dotados de prestígio. Uma associação relevante para o campo arquitetônico e a América Latina foi a entrega do Pritzker ao arquiteto mexicano Luís Barragán no ano de 1980, na segunda edição do prêmio. Esse pioneirismo no reconhecimento da obra de Barragán esteve associado à exposição realizada no MoMA no ano de 1976 “The Architecture of Luis Barragán”, com curadoria do argentino Emílio Ambasz, e a posterior publicação do catálogo que, segundo Carranza e Lara (2015), posicionava a sua produção, dentro de uma lógica de propaganda que representava um ideário de México, a partir de fotografias cuidadosamente pensadas para esse fim.

Observando as premiações em que a América Latina apresenta protagonismo enquanto recorte geográfico dos objetos, Arango (2012b), destaca o pioneirismo do V Congresso Pan-Americano, realizado em 1940 em Montevideo, no qual ocorreu a V Exposição Pan-Americana de Arquitetura e Urbanismo e a distribuição de diversos prêmios como as Medalhas de Ouro e Prata, o Grande Prêmio de Honra, dentre outros. Essa iniciativa que não obteve prosseguimento dentro dos congressos, encontraria espaço nas Bienais de Arquitetura, eventos que promovem balanços periódicos, construção de panoramas, revisões a partir de mostras, encontros, debates e premiações. Como destaca Arango (2008), elas são formas institucionalizadas de registros, divulgação e de juízos públicos sobre arquitetura a

partir de processos de avaliação e atribuição de valor daquilo entendido, ao menos naquele momento, como qualidade arquitetônica.

Nesse cenário, quem organiza e o local em que se realizam tais iniciativas têm papel fundamental na delimitação temática, geográfica e de alcance. Romero (2017) destaca que apesar desses eventos terem se estabelecido, majoritariamente, como uma prática disciplinar, do campo para o campo, com a maior parte das informações restritas ao seu interior, as transformações na divulgação e circulação da arquitetura, sobretudo com as mídias digitais, tem tornado as práticas mais acessíveis e expansivas, sendo fundamental nesse processo a repercussão das premiações.

Sem dúvida, cada Bienal, tem trajetórias diferentes, que dão conta das suas próprias transformações; algumas mantêm-se em determinadas linhas temáticas, quase de forma tradicional, enquanto outras, ao longo do tempo, vão adaptando-se, provavelmente como produto das mesmas transformações da produção arquitetônica. Os processos de registro e divulgação têm um lugar fundamental dentro da figura institucional das Bienais, representando um importante suporte documental dessas práticas. Assim, as publicações, via revistas, catálogos ou livros sobre o evento, matérias em jornais, cartazes, submissões e regulamentos etc., representam um valiosíssimo registro historiográfico das Bienais de Arquitetura. (ROMERO, 2017, p. 61).

A primeira bienal dedicada a arquitetura na América Latina ocorreu em 1973, na cidade de São Paulo, com apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO – e da União Internacional de Arquitetura – UIA. Ainda que a arquitetura tivesse integrado as edições anteriores da Bienal de Arte de São Paulo, inclusive com premiações, a instituição de uma bienal dedicada a esse campo criou aberturas para um maior alcance internacional, tornando-se um espaço de congregação e estabelecimento de tendências para a arquitetura (ROMERO, 2017). No entanto, a iniciativa só se repetiria vinte anos depois, em 1993. Nesse interim, outras bienais surgiram na América Latina, algumas com recortes locais e outras internacionais, merecendo destaque nesse período a primeira edição da Bienal Internacional de Arquitetura de Buenos Aires, em 1985, palco para a realização do primeiro Seminário de Arquitetura Latino-Americana – SAL -, e o surgimento da Bienal de Arquitetura de Quito em 1978, iniciativa local que se tornaria a Bienal Panamericana de Arquitetura de Quito (BAQ) em 1994, em sua nona edição.

Para Barbosa (2025), esta tem se consolidado como uma das mais tradicionais do mundo, em que, apesar das transformações, tem notoriedade suas diferentes categorias de premiação, abarcando um recorte nacional e um panamericano. Essa prática de movimentação do capital simbólico, que se repete no mesmo local, consolida Quito como centro influente no debate de arquitetura e urbanismo. A profusão de bienais e de prêmios que compõem esse universo levou a formação da Red de Bienales de Arquitectura da América Latina (RedBAAL) em 2012, com sede no Equador e apoio da BAQ e do Colegio de Arquitectos do Equador, para promover e apoiar a realização e documentação das bienais latino-americanas e possibilitar a integração entre si e com outras bienais ao redor do mundo, ampliando o alcance do capital social e simbólico que possuem.

No ano de 2015 anunciaram a criação do Prêmio Oscar Niemeyer, tendo periodicidade bianual e com a primeira edição sendo realizada no ano de 2016, se autodenominando como “o prêmio mais importante existente na América Latina para valorizar o melhor da produção arquitetônica dos nossos países” (RED BAAL, s. d., tradução nossa). Após a inscrição, são selecionadas pelo júri vinte obras premiadas anteriormente nas outras bienais que integram a RedBAAL para compor a exposição, catálogo e a fase final de julgamento, com a definição, pelo mesmo júri de um primeiro, segundo e terceiro prêmio e menções honrosas para obras.

Em 2024, a premiação chega à sua quinta edição com a mesma premissa e estrutura destacando cerca de cem obras executadas entre 2011 e 2023 de onze países diferentes, havendo mudanças apenas nas bienais filiadas à rede ao longo do tempo (AVELAR et al., 2025). O que se percebe nessa iniciativa é a constituição de uma câmara de repercussão para o capital simbólico das bienais, que, por conta da quantidade de iniciativas e categorias, configura uma atribuição de prestígio difusa. A instituição de um “prêmio dos prêmios” demonstra os sintomas já apontados anteriormente de uma sociedade pautada pelo consumo e com dificuldade em distinguir aquilo digno de atenção, de modo que, para alguns casos, ser premiado apenas em uma instância não é suficiente. Além disso, a associação com a fundação responsável pelo legado de Oscar Niemeyer e a utilização de seu nome para batizar a iniciativa colocam camadas de distinção.

Fora desse recorte de bienais abrangido pela RedBAAL, tem destaque a Bienal Iberoamericana de Arquitectura e Urbanismo (BIAU), cuja primeira edição foi

realizada em 1998 em Madrid, Espanha, com um recorte territorial que abrange a América Latina e a Península Ibérica. Criada e mantida por uma fundação subsidiada pelo governo espanhol, ela difere das iniciativas destacadas anteriormente por deslocar a tarefa de organização e financiamento para fora do território latino-americano. Esse traço é minimizado pela itinerância do local de realização do evento, que pode ocorrer em qualquer um dos países que fazem parte da região geográfica abrangida, com a temática e objetivos sofrendo alterações a partir do mesmo. Para Barbosa (2025), essa itinerância possibilita intercâmbios mais elaborados, que alargam as concepções consolidadas no campo e oferecem a possibilidade de novas descobertas. Essa mudança geográfica também funciona para fortalecer a movimentação de capital simbólico da iniciativa, que atinge os locais de modo mais efetivo, mediante o contato físico, do que apenas a repercussão midiática de seus resultados e discussões.

Ainda que, como coloca Maluenda (2016), as compilações de obras e os prêmios não sejam o interesse principal dessa iniciativa, eles se fazem presentes desde a origem e continuam até os dias atuais, como pode ser percebido na repercussão midiática que alcançam, nos catálogos publicados para cada uma das edições e na descrição presente no site do evento que destaca a função de reconhecer carreiras profissionais e obras significativas de arquitetura através de competições. Com surgimento posterior às bienais dos países latino-americanos, ela corrobora a colocação de Arango (2014, p. 63) de, mesmo que esse sistema de bienais derive do campo das artes, e, portanto, do contexto europeu, o enfoque para arquitetura, dedicada a produção e temáticas locais, é uma invenção latino-americana, pois foi primeiro neste local que as associações de arquitetos se organizaram para bianualmente debater e avaliar a produção através de conferências, exposições, prêmios e publicações.

Para Barbosa (2025), os prêmios principais da BAQ, da BIAU e do MCHAP destacam-se das demais iniciativas que abordam a arquitetura produzida na América Latina por construírem um panorama da produção arquitetônica recente da região, o que ocorre pela amplitude dos critérios de seleção e por abarcar a produção dos dois anos que antecedem as edições sem fazer distinção de tipologia, escala, orçamento e a presença de determinados usos, como é o caso do Prêmio Rogelio Salmona. Todas três apresentam um recorte que vai além da América Latina, englobando

também Estados Unidos e Canadá no caso da BAQ e do MCHAP, e Espanha e Portugal no caso da BIAU, sendo a BAQ, a mais longeva, a única dessas organizadas desde a América Latina.

Ao comentar sobre o processo de julgamento para a BIAU, o Prêmio Rogelio Salmona e o MCHAP, Zein (2023) ressalta a importância dos organizadores, chamados por ela de clientes, em definir as diretrizes e os caminhos possíveis para o processo de julgamento que nem sempre estavam explicitados nos materiais de divulgação da iniciativa. Para a BIAU, um dos critérios para submissão de qualquer obra era informar o seu custo, o que dialoga diretamente com o envolvimento do Ministério de Obras Públicas da Espanha na promoção do prêmio, gerando uma expectativa, nunca explicitada de que fossem destacadas obras públicas capazes de gerar repercussão e capital simbólico para a o ministério (ZEIN, 2023).

Arango (2012a), coloca que um critério implícito ao julgamento que particulariza o recorte latino-americano é o fator “correção econômica”, destacando o impacto social como um valor arquitetônico que pode desempenhar um papel de influência, positiva ou negativa, sobre a decisão do júri. Outra discussão pertinente a esse recorte latino-americano, em que são reproduzidas relações de poderes entre os países, e, portanto, na sua representação dentro dessas práticas, é o estabelecimento de cotas nacionais. Se por um lado, essa prática, adotada por algumas premiações e bienais, pode limitar o papel da crítica e do júri em concentrar as "melhores" arquiteturas da região, dado o número limitado de objetos que devem manejar, ela possibilita ampliar a representatividade dos países, abarcando diferentes realidades econômicas, culturais e arquitetônicas.

Uma comparação entre essas iniciativas latino-americanas aponta para a diversidade de cenários, problemas e respostas que permeiam o território, em que aproximações e distanciamentos podem ser percebidos. Coloca-se um impasse para o mecanismo das premiações, entre reforçar o reconhecimento da hegemonia local vigente, com aberturas oportunas que não perturbem o predomínio ou oferecer um quadro que reconheça as diferenças e valorize distinções, que nem sempre são capazes de construir uma narrativa clara, como é pertinente a práticas de movimentação e divulgação do capital simbólico, do qual o Prêmio Rogelio Salmona e o Mies Crown Hall Americas não são exceção.

4. ESTUDOS DE CASO

4.1 PRÊMIO ROGELIO SALMONA

FIGURA 01 - LOGO DA 4ª EDIÇÃO DO PRÊMIO ROGELIO SALMONA



Fonte: (FUNDACIÓN ROGELIO SALMONA, 2024)

Criada em 2009, a Fundação Rogelio Salmons é uma entidade privada sem fins lucrativos concebida para honrar a memória do arquiteto Rogelio Salmons e, primeiramente, “conservar e recriar” suas obras e pensamentos. Pertencente à terceira geração dos modernos, de grande relevância na América Latina, sua produção esteve marcada por colocar no primeiro plano reflexões sobre o local de inserção e a materialidade construtiva, questões amplamente destacadas dentro a produção da América Latina após 1950 (LARA, 2012). Além disso, suas reflexões

sobre cidade e arquitetura permanecem relevantes na construção teórica do território, tendo como destaque a participação na origem e em outras ocasiões dos SAL e de outros eventos de abrangência latino-americana, como as bienais.

Rogelio Salmona foi uma pessoa notável por sua produção, mas também pela movimentação do seu capital, que permanece em circulação até os dias atuais, como na escolha de sua obra “As Torres do Parque” para integrar e ser a contracapa do catálogo para a exposição do MoMA “*Latin American Construction 1955-1985*” de 2015. Presidenta da fundação desde seu surgimento, a arquiteta, e esposa de Salmona, Maria Elvira Madriñan, comenta que o objetivo principal da instituição está em proteger e perpetuar o legado do arquiteto, o que perpassa por criar, melhorar e defender a arquitetura que proporciona espaços comuns e coletivos abertos à cidade que contribuam decisivamente na melhoria da qualidade de vida e na construção de um tecido social resiliente (MADRIÑAN, 2015).

Anunciado em 2013, durante a realização do XV SAL, em Bogotá, Colômbia, e com organização da Fundação Rogelio Salmona e outros colaboradores, o Prêmio Latino-Americano de Arquitetura Rogelio Salmona: espaços abertos/espaços coletivos herdou o nome da exposição, e posterior publicação em catálogo, que homenageava as obras do mesmo arquiteto realizada em 2007 na Colômbia. A última página do livro publicado acerca do XV SAL, “*Arquitectura y Espacio Urbano: Memorias del futuro*”, traz a apresentação do prêmio, descrevendo de forma breve sua estrutura, objetivos e os membros do júri para a primeira edição, referindo-se a eles como embaixadores do projeto. Destaca-se a intenção de dar continuidade à tarefa da fundação de pautar as ideias e compreensões manifestadas pelo arquiteto, agora observando a produção contemporânea.

Com este prêmio, o interesse da Fundação é contribuir com a arquitetura para a consolidação das nossas cidades, e através da exaltação de exemplos contundentes, abrir caminho para que os limites entre o público e o privado se desvançam, e promover que o espaço do setor privado se torne mais público e democrático, com o ideal de construir cidades mais abertas e tolerantes (FUNDAÇÃO ROGELIO SALMONA, 2014, p. 320, tradução nossa).

Essas bases da fundação têm proximidade com cinco pontos definidos por Devés Valdés (2007) como particulares de uma rede intelectual latino-americana ao desenvolver e divulgar estudos sobre a América Latina, são eles: estudar, pensar e articular a realidade latino-americana com a de outras partes do mundo; pensar o continente como uma entidade global na qual é possível uma integração; conhecer a nossa história, em particular a trajetória das nossas ideias para iluminar a tarefa intelectual do presente; desenvolver conceitos, categorias e métodos que nos permitam compreender e dar conta da nossa realidade. Estando o último manifestado através do prêmio.

A sua criação e lançamento também se baseiam no alcance midiático e político das práticas de reforma urbana e social realizadas na Colômbia, sobretudo em Medellín e Bogotá, em que a figura do espaço público tem centralidade. Perpassam dinâmicas de movimentação do capital, em que o cenário colombiano, diante do que foi realizado no seu espaço urbano, obtém o capital simbólico para conferir reconhecimento a práticas semelhantes. Como próprio desse processo, há um retorno para o local, que terá seu nome e seu histórico, divulgado junto com o prêmio. Soma-se a isto o interesse expresso em partilhar do capital simbólico obtido pelo SAL, como no anúncio da premiação em tal evento, na convergência em diversos de seus agentes e no texto que integra o catálogo da primeira edição (FUNDAÇÃO ROGELIO SALMONA, 2015).

Para realizar e supervisionar as questões operativas do prêmio, é definido o Comitê Científico, no qual a presidenta e dois membros eleitos pela diretoria da fundação, devem zelar pelo cumprimento dos objetivos e convidar o comitê internacional e as obras após a seleção. Para a primeira edição Silvia Arango, integrante do conselho diretivo da fundação durante a elaboração do prêmio, foi escolhida como membro e presidenta do júri, cargo esse que não está presente na descrição da estrutura do prêmio e que não voltou a se repetir nas edições posteriores. Preserva-se, assim, o interesse em fornecer reconhecimento as pessoas que melhor exemplificam as normas e objetivos defendidos pela organização, adicionando camadas nas atividades implícitas das premiações (FREY E GALLUS, 2016a).

De acordo com a presidenta da fundação, o prêmio estava sendo gestado desde 2011 com interesse em observar a América Latina a partir de questões próprias e a arquitetura como um acontecimento cultural e histórico, enfatizando o seu

componente poético e poder transformador de cidades e pessoas (MADRIÑAN, 2015). Zein (2018) coloca que o prêmio possui uma missão de estimular a disseminação de práticas que contribuem para o desenvolvimento de cidades mais inclusivas. Com caráter bienal e com o recorte espacial definido, foram estabelecidos critérios relacionados a tais anseios e que permaneceram em vigência durante todas as edições do prêmio Rogelio Salmona.

Centrado nas obras de arquitetura construídas na América Latina no século XXI, a organização delimitou o enfoque para edificações de qualquer uso e escala, de origem pública ou privada, sendo novas ou de intervenções significativas que apresentassem em seu programa um espaço público e que estivesse em funcionamento há pelo menos cinco anos da data de lançamento do edital, que ocorre no ano anterior a entrega do prêmio. As quatro edições realizadas até o momento abrangem as obras finalizadas entre 1 de janeiro de 2000 e 31 de dezembro de 2018.

A consideração do tempo traz especificidade e se relaciona com o interesse pelo espaço público, atuando como uma etapa de pré-seleção em que o poder de decisão está nas mãos das pessoas que o frequentam, ou não, e, portanto, qualificam tal arquitetura. “Convoca-se o tempo porque a grande prova do espaço público é seu uso. Se a vida fervilha em um espaço e o cuidam, então ele cumpre com seu fim primordial de integrar comunidades e possibilitar seu encontro” (CALISTO, 2017, p. 72). O destaque para o espaço público, fazendo dele um critério de elegibilidade, particulariza o prêmio diante de outros certames organizados no território latino-americano, mas também das premiações de maior dominância no meio, ao eximir-se da tentativa e consequente amplitude e subjetividade de premiar o melhor arquiteto ou a melhor obra de modo indiscriminado. Quanto aos termos mais subjetivos do recorte, as edificações devem ter o respeito pelo entorno como prioridade e ferramenta no desenvolvimento de espaços abertos coletivos, inclusivos e adequados ao encontro cidadão (ARCILA E SALMONA, 2007).

A premiação emprega uma seleção a partir de campos geográficos, chamados de regiões, definidos de forma ponderada a partir do tamanho populacional e físico e da proximidade geográfica dos países. Foram definidas quatro regiões: (i) Andina³, (ii)

³ Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela

Cone Sul⁴, (iii) Brasil, (iv) México, América Central e Caribe⁵, tendo em cada uma delas a formação de uma equipe, selecionada e encabeçada por um especialista em arquitetura latino-americana escolhido pela organização (ZEIN, 2018).

A divisão da América Latina em regiões possui base na construção intelectual desse território, sobretudo daquela apoiada no discurso de integração que propunha a compreensão de sujeitos regionais, que podem convergir a partir de diferentes critérios como geografia, etnia, questões econômicas e históricas (DEVÉS VALDÉS, 2007). Para Arango (2015), a estrutura, permeada pelas figuras e ideias de críticos e teóricos latino-americanos, qualifica a premiação enquanto um palco para discussões e debates. É possível perceber uma aproximação do prêmio com as reflexões propostas por Marina Waisman, figura marcante na consolidação da teoria e crítica arquitetônica na América Latina e na conformação do SAL, visto que, as bases e conteúdos presentes no seu livro, *O Interior da História*, são reproduzidos desde a origem e ao longo das três primeiras edições do prêmio.

Este trabalho nasceu da convicção de que, com os instrumentos de conhecimento forjados nos países centrais, corremos o risco real de nos equivocarmos ou de desconhecer nossa realidade histórico-arquitetônica e urbana. Daí surgiu a necessidade de reformular ou formular instrumentos historiográficos adequados para a compreensão e análise dessa realidade. E o segundo ponto de partida do trabalho é a firme crença de que a reflexão histórica é um dos meios mais completos para conhecer a própria realidade e, em consequência, projetar um futuro próprio, livre da limitação de modelos alheios (WAISMAN, 1990 [2013], p. 1).

Para a composição dos cargos de chefe de região, destacam-se figuras como Ruth Verde Zein do Brasil, Silvia Arango da Colômbia, Louise Noelle Gras do México e Fernando Díez da Argentina, com todos esses participando de pelo menos duas das três primeiras edições. Somam-se a esse grupo, a equatoriana Ana Maria Durán Calisto, que substitui Silvia Arango na segunda edição, e o chileno Fernando Pérez Oyarzún, Alexandre Gonçalves do Brasil e Felipe Leal do México, que integraram o grupo da terceira edição, conforme o quadro 01.

⁴ Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai

⁵ México, Guatemala, Belize, Honduras, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Cuba, Haiti, Jamaica, República Dominicana, Porto Rico e Antilhas.

QUADRO 01 - RELAÇÃO DOS PAÍSES E JURADOS DO PRÊMIO

Jurados	Filiação	Naturalidade
2014		
Silvia Arango	Universidad Nacional de Colômbia	Colômbia
Ruth Verde Zein	Universidade Presbiteriana Mackenzie	Brasil
Fernando Díez	Universidad de Palermo	Argentina
Louise Noelle Gras	Universidad Nacional Autónoma de México	México
Hiroshi Naito	Naito Architects & Associates	Japão
2016		
Ana Maria Durán Calisto	Harvard University (Doutorado)	Equador
Ruth Verde Zein	Universidade Presbiteriana Mackenzie	Brasil
Fernando Díez	Universidad de Palermo	Argentina
Louise Noelle Gras	Universidad Nacional Autónoma de México	México
Wilfred Wang	University of Texas at Austin	Alemanha
2018		
Silvia Arango	Universidad Nacional de Colômbia	Colômbia
Alexandre Gonçalves	Universidade Federal de Goiás	Brasil
Fernando Pérez Oyarzún	PUC - Chile	Chile
Felipe Leal	Universidad Nacional Autónoma de México	México
Klaske Havik	Delft University of Technology	Holanda
2024		
Carlos Campuzano	Carlos Campuzano Arquitectos	Colômbia
Sol Camacho	Raddar / Instituto Bardi	México
Nicolás Campodónico	Nicolás Campodónico	Argentina
Mauricio Rocha	Taller de Arquitectura - Mauricio Rocha	México
Carlos Jiménez	Carlos Jiménez Studio	Espanha

Fonte: elaborado pelo autor, 2024

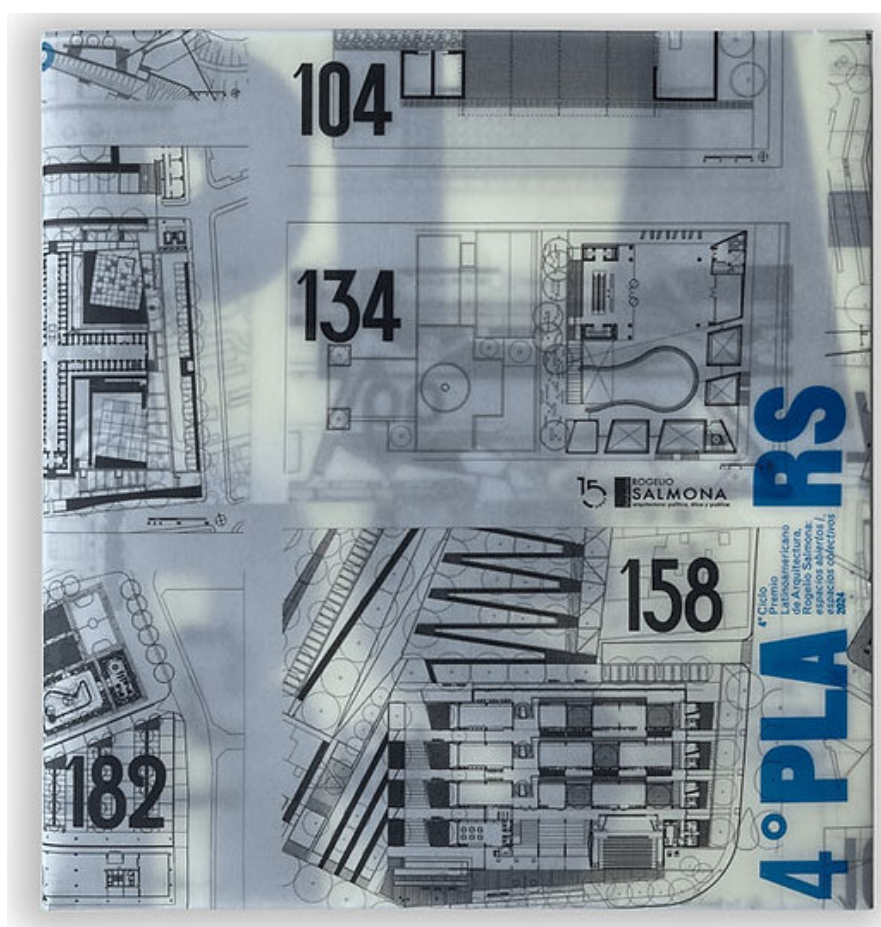
Montaner (2014) destaca como imprescindível ao estudo dos fenômenos arquitetônicos da América Latina observar a cultura arquitetônica segundo três escalas, as quais aparecem manifestadas na formação do júri para as três primeiras edições do prêmio Rogelio Salmona: o ensino, por se tratar de professores universitários; a divulgação, pelo envolvimento dessas figuras com a publicação de revistas como a PROA, Summa+ e a Projeto e como jurado de outros prêmios como os da Bienal Panamericana de Quito; e o pensamento, dado seu papel na produção de conhecimento e na fundação de eventos como o SAL e organizações como o International Committee of Architectural Critics (CICA). Esse entendimento de Montaner (2014) demonstra que a cultura arquitetônica da América Latina não se restringe aos objetos construídos, mas considera as instituições, os meios de divulgação e os discursos presente nas críticas e nas teorias.

A associação com entidades como o CICA, reforça o interesse da premiação diante de um panorama global de alcance, bem como reforça a característica de

globalização e expansão das premiações colocada por English (2005) e destacado mais acima. Dentro do parâmetro de divulgação, pode ser visualizado de forma mais clara a constante atuação desses agentes na movimentação do capital simbólico dentro do campo arquitetônico da América Latina, em que desde os anos 1980, na VII Bienal de Arquitetura do Chile, Silvia Arango e Ruth Verde Zein tem realizado a tarefa de selecionar obras para representar seus países no âmbito latino-americano.

Para a perpetuação e legado do prêmio, tem-se como principal contribuição de documentação, a elaboração de um catálogo com artigos que explicitam o processo e as temáticas de interesse, junto ao estoque dos projetos selecionados para a etapa final de julgamento, com uma breve descrição, a partir do material submetido, e uma maior exposição daqueles premiados (FIGURA 02). A publicação e divulgação busca contribuir com o registro e legado do prêmio, constituindo uma “base sólida para a reflexão contínua sobre o futuro” (FUNDAÇÃO, 2015, p. 45).

FIGURA 02 - CATÁLOGO PARA A QUARTA EDIÇÃO DO PRÊMIO



Fonte: (FUNDACIÓN ROGELIO SALMONA, 2024)

Todas essas questões descritas até o momento estão em vigência nas quatro edições do prêmio realizados até o momento. Porém, é no método de seleção que se separam o primeiro ciclo, com as edições de 2014, 2016 e 2018 e o segundo ciclo, com, até o momento, a de 2024, e que, por isso, serão apresentados separadamente daqui em diante. Nas questões operativas do primeiro ciclo, é atribuição do jurado-chefe constituir uma equipe regional para auxiliar na identificação e seleção de aproximadamente quinze projetos que atendam aos critérios estabelecidos pela fundação e sejam, ao menos na compreensão dessa comissão, as melhores obras para representar a prática dessa região. Esse processo se desenvolve em aproximadamente um ano, no qual cada comitê regional tem liberdade para aplicar o método que desejar. Tomava-se como base os projetos mobilizados pela equipe e as sugestões de qualquer pessoa através do site da premiação. De acordo com Zein (2015), havia neste momento interesse em abarcar uma variedade de soluções, programas e contextos que estimulassem o pensamento de cidades mais inclusivas.

Essa busca por um “corpus heterogêneo” está relacionada com o alcance da premiação, que atinge um público maior quando o júri amplifica os pontos de contato com o campo, buscando demonstrar de forma voluntária e explícita que toda arquitetura está passível de contribuir com a criação de cidades mais equitativas (ZEIN, 2015). Na etapa seguinte, é realizada uma reunião e debate do júri, formado, nesse momento, pelo chefe de cada região, em que serão avaliadas a mobilização de todas as equipes regionais para definir as vinte obras finalistas que estarão aptas a concorrer ao prêmio final e aparecerão na exposição, website e livro catálogo (FUNDAÇÃO ROGELIO SALMONA, 2015).

Em seguida, realiza-se o convite formal para os autores dos projetos selecionados, solicitando o material que será novamente apreciado pelo júri, agora em seu formato definitivo, com os mesmos membros da reunião anterior e um convidado estrangeiro à América Latina. Esse material é composto pelos dados da obra e seus produtores, desenhos, imagens e vídeos para facilitar a compreensão e enfatizar a apropriação pelos usuários, uma justificativa descritiva, e, no caso da segunda e terceira edição, um memorial com as modificações realizadas no decorrer de sua existência e os dados dos gestores responsáveis pelo local.

As obras que aceitam o convite e enviam o material são levadas para a nova reunião, em que serão debatidas e apreciadas a fim de definir o objeto premiado e as menções honrosas. Em todas as quatro edições a recompensa para a obra premiada consiste em um troféu que poderá ser exposto ou anexado a obra (FIGURA 03), um certificado para seus autores e uma maior exposição no catálogo e exposição de sua respectiva edição. As menções honrosas recebem um certificado atestando o destaque e maior exposição na publicação. As demais obras finalistas recebem um certificado de participação, publicação no catálogo, em menos páginas, e a presença na exposição realizada na cerimônia de premiação (FIGURA 04). O prêmio oferecido pela iniciativa se limita a atribuição de capital simbólico, em que até as recompensas materiais são apenas a manifestação física dessa atribuição de prestígio.

FIGURA 03 - CERIMÔNIA DE ENTREGA PARA A QUARTA EDIÇÃO



Fonte: (FUNDACIÓN ROGELIO SALMONA, 2024)

FIGURA 04 - EXPOSIÇÃO DA QUARTA EDIÇÃO



FONTE: (FUNDACIÓN ROGELIO SALMONA, 2024)

Como afirmado em Fundação Rogelio Salmona (2015, p. 61), “O alcance internacional é de especial importância, na medida em que a prática de arquitetura na Colômbia e na América Latina se desenvolve cada vez mais em um contexto de comunidades globais e locais de maneira simultânea”. A inserção de um membro internacional aparece justificada nos termos do prêmio pela oportunidade de enriquecer os debates. Porém, sob a ótica de movimentação do capital simbólico, o que se percebe é uma abertura de diálogo com o contexto global, reproduzindo, ainda que em menor parte, o olhar hegemônico do centro sobre as margens. Para a primeira edição, de acordo com ata de julgamento, foi convidado pelo júri o arquiteto japonês Hiroshi Naito, já familiarizado com o território, com um projeto localizado em Medellín que seria reconhecido como menção honrosa na edição seguinte; no ano de 2016, convidado pela própria fundação, foi o arquiteto e crítico alemão membro do CICA, Wilfred Wang; e na terceira edição foi a arquiteta de ofício e professora holandesa Klaske Havik filiada à Delft University of Technology.

Para Arango (2015), a fundação elaborou, nesse primeiro momento, uma estrutura que previne as distorções de um julgamento rápido, sobretudo, pelas sucessivas etapas de contato com os projetos. Esse processo de seleção e

julgamento confere aos chefes de cada região, e jurados do prêmio, um papel central na movimentação do capital simbólico dentro da iniciativa. A tarefa de montar uma equipe, de localizar obras num território abrangente, de realizar uma pré-seleção e, posteriormente, discutir e construir um consenso com os demais colegas, conformam sucessivas etapas que perpassam pelo capital social e simbólico, deixando a sua marca para o próprio prêmio e nos premiados. Esses movimentos também demarcam um maior comprometimento dessas figuras com a iniciativa, já que repercutem em mais trabalho, algo que, como destacado por English (2005) é fundamental para o prestígio de uma premiação.

No entanto, após a terceira edição, o prêmio foi temporariamente suspenso, o anúncio da quarta edição que deveria ocorrer no ano de 2019 não aconteceu, bem como nenhuma nova atualização foi colocada por parte da fundação. Em seguida, o contexto de pandemia do COVID-19 dificultou ainda mais essa realização, que só foi anunciada no final do ano de 2023, com seu evento de lançamento em 2024. Junto desse anúncio também foram lançados os termos de referência para participação das obras e o anúncio de uma nova categoria, que utiliza o mesmo universo de obras e processo de julgamento do prêmio latino-americano, para atribuir um prêmio colombiano, podendo uma obra colombiana ganhar ambas as categorias na mesma edição. Esse movimento sinaliza uma aproximação com as bienais internacionais, que junto desse reconhecimento para o exterior, estabelecem categorias que garantam a representação e o destaque nacional. Também demarca um interesse em consolidar um capital simbólico local, garantindo um prêmio para uma obra colombiana, o que não aconteceu nas três primeiras edições.

Ainda que as características das obras, o tempo de uso, a presença do espaço público e divisão em regiões e a presença de um jurado para cada região e um externo tenham sido mantidas, a forma de mobilização das obras consideradas para o prêmio foi completamente modificada. Se antes o processo era de seleção, no segundo ciclo ele é realizado mediante inscrições pagas, feitas pelos próprios autores das obras e já constando os materiais que serão utilizados para o processo de julgamento.

Esse formato deixa patente a relevância da reciprocidade entre organizadores e participantes, ou seja, será conferido prestígio para aqueles que, sabendo das regras e condições, ativamente o busquem, e que, portanto, terão maior probabilidade de performar de acordo com as expectativas da organização ao serem reconhecidos.

A mudança afeta o papel dos jurados e sua atuação na movimentação do capital simbólico, devendo apenas realizar o processo de filtragem dessas inscrições e o posterior julgamento e seleção das menções honrosas e premiados.

Ainda sobre o júri, há uma mudança na característica de seus integrantes. Na quarta edição, predominam os arquitetos projetistas, ainda que essa ação possa ser conjugada com atividades de curadoria e julgamento em outras práticas. A realização de uma seleção a partir de um universo e materiais pré-definidos reduziu o trabalho a um clássico julgamento, em que as “provas” e “evidências” são colocadas diante das autoridades que devem proferir uma decisão. A retirada da investigação também diminui o impacto exercido pelo capital social dos jurados, não sendo mais necessário mobilizar agentes externos para encontrar obras em suas respectivas regiões.

O júri da quarta edição foi composto pelo mexicano Maurício Rocha para a região do México, América Central e Caribe, o argentino Nicolás Campodónico, para o Cone Sul, ambos anteriormente destacados dentro do próprio PLARS, o colombiano Carlos Campuzano na região Andina, a arquiteta mexicana com parte de sua atuação no Brasil, Sol Camacho, para a região brasileira e o espanhol Carlos Jiménez, que atuou mais de dez anos no júri do Prêmio Pritzker, entre 2001 e 2011, como convidado internacional. Delimita-se um novo discurso, oferecendo uma outra forma de capital simbólico para os premiados, dado que o prestígio não é mais aquele acumulado pelos meios acadêmicos, mas o adquirido, sobretudo, através da prática. Essa diferença é um dos pontos centrais do livro de Stevens (1998), ainda que sua base de interpretação não seja tão rígida, o ocorrido no PLARS é um exemplo de atrito no seu entendimento do poder de conferir prestígio como tarefa dos historiadores e críticos.

Outro fator relevante é a colocação de um pagamento por parte das obras inscritas, ou seja, a inclusão do investimento de um capital financeiro em uma iniciativa que promove apenas outras formas de capital. Além disso, o valor cobrado, 800.000 COP, cerca de R\$ 1.127,00, cerca de dois terços do salário-mínimo de ambos os países, dificultam a participação de práticas mais jovens, ainda em busca de consolidação no campo, e daquelas iniciativas que realizam arquitetura de forma pro-bono, não tendo lucro para investir nessa movimentação do capital simbólico.

Se antes os jurados eram vistos como bastiões responsáveis por escolher e apresentar as obras para julgamento, comprometendo-se com elas, o novo processo burocratiza a iniciativa e restringem a atuação. Ainda que, em essência, essa seja a

tarefa a ser realizada em qualquer processo de julgamento, esse exemplo de mudanças no PLARS demarca como as questões mais subjetivas, os rituais, os discursos e as ações afetam a percepção do prestígio a ser conferido. A nova estrutura compromete a tentativa de destacar a prática contemporânea que melhor contribui com as cidades através do espaço público na América Latina, restando agora escolher a melhor dentro daquelas que se inscreveram e realizaram o pagamento, um universo mais restrito, com maiores lacunas e oportunidades para questionamentos.

Outras mudanças significativas estão no patrocínio e apoio na organização do prêmio. Para as três primeiras edições, são constantes o apoio da Universidade Nacional da Colômbia (UNAL), a Rede Distrital de Bibliotecas Públicas de Bogotá e da Prefeitura de Bogotá, estando esse último também presente enquanto apoio para a elaboração e para a publicação dos catálogos de forma gratuita. Na quarta edição há apenas a manutenção de rede de bibliotecas, havendo a substituição da UNAL pela Universidade de Los Andes, que também já aparecia na terceira edição, e a Universidade de Bogotá Jorge Tadeo Lozano, ambas instituições de ensino privadas. O catálogo da quarta edição também se encontra disponível apenas mediante a venda de sua edição física, dificultando o acesso a maiores informações desta edição.

Após apresentar e refletir acerca da criação e estrutura da premiação, passamos para os resultados, afinal, “consolidou-se este que, como todo prêmio, legitima-se pela regularidade da sua entrega e afirma-se na qualidade das obras que consagra” (DIEZ, 2017, p.139). Para os estudos dos resultados o prêmio foi considerado a partir de seus ciclos, dado que as mudanças realizadas, modificam as dinâmicas e impossibilitam a comparação direta entre as edições.

RESULTADO DO PRÊMIO ROGELIO SALMONA

Observando as equipes regionais responsáveis pela primeira etapa de seleção para as edições de 2014, 2016 e 2018 podemos compreender melhor o lócus de enunciação desses grupos, e movimentos específicos, como no caso de Alexandre Ribeiro Gonçalves, integrante da equipe brasileira na primeira edição e jurado chefe da região na terceira, invertendo de posição com Ruth Verde Zein, jurada da região nas duas primeiras edições e integrante da equipe na terceira. Zein (2023) destaca que a realização da tarefa de seleção de forma coletiva possibilitava extrapolar os limites do seu finito conhecimento sobre a realidade brasileira e obter uma primeira instância de validação antes do processo de julgamento do prêmio.

Os métodos utilizados e o universo mobilizado nessa primeira etapa de seleção não integram os materiais de divulgação do prêmio. A divulgação das obras que integram o PLARS só acontece após a primeira reunião dos jurados e a consolidação de um universo de finalistas. Assim todo discurso manifestado através dos objetos de arquitetônicos são mediados pelo júri e pela organização.

No primeiro ciclo foram selecionados como finalistas sessenta e uma edificações na América Latina, com apenas um dos selecionados não respondendo ao chamado da fundação para envio do material, o Restaurante Mestizo, do arquiteto chileno Smiljan Radic, não sendo considerado para a atribuição dos prêmios e nem o seu conteúdo publicado nos meios de divulgação e registro da iniciativa. Nesse ciclo também houve um balanceamento quanto a representatividade por região, com a seleção de cinco obras de cada região sendo consideradas no processo final de julgamento, com pequenas variações em alguns momentos. A mudança de formato realizada na quarta edição também provocou um aumento no número de indicados, agora com vinte e seis obras, o que não repercute na representação de uma maior quantidade de países, sendo esta a edição com menor variedade no local dos projetos, como será visto mais adiante.

Ainda que a metodologia de regiões resulte em lacunas para alguns países, ou no caso do Brasil, que conformam uma região única, em algumas de suas regiões, a garantia de uma representatividade melhor espacializada no território de abrangência minimizam esse acontecimento inevitável dos esforços de síntese. A alta taxa de participação por parte dos promotores e projetistas denota a efetividade e o

interesse pelo capital simbólico da premiação. Pode-se afirmar que a iniciativa da fundação Rogelio Salmona encontra êxito no contexto latino-americano, visto que não haveria tamanha participação se existisse alguma desconfiança quanto à sua credibilidade, pois esta também seria transferida para os participantes.

O cenário de objetos finalistas para as três primeiras edições do PLARS, apresentam um conjunto em que tem maior representatividade a prática brasileira, com catorze obras e o México, com dez obras. Esse predomínio demonstra a relevância da dimensão geográfica e densidade populacional no prêmio, levando o Brasil a compor uma região única, justificando o seu destaque, e o México se destaca nesses aspectos dentre a grande quantidade de países que compõem a sua região.

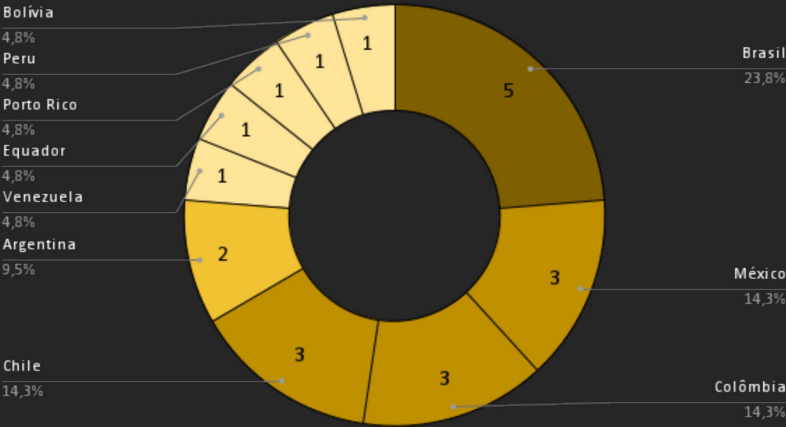
Em sequência destacam-se a Colômbia com oito, palco do prêmio e vitrine das práticas ligadas ao espaço público da América Latina, Chile com sete, Argentina com cinco e Venezuela com quatro, todos esses integrantes de regiões com menos países e uma maior proporcionalidade entre as suas dimensões. Completam a lista Equador, Porto Rico, Peru e Paraguai com duas obras e Guiana Francesa, Bolívia, Arquipélago de Guadalupe e o Panamá com uma obra (FIGURAS 05 E 06).

O que se percebe é a manutenção de um discurso que impera no território latino-americano desde o século XX, em que Brasil e México, ainda que a margem, possuíam destaque e reverberação no cenário internacional com publicações, exposições e premiações, encabeçando a representação latino-americana. Contribui ainda a menor participação do realizado na Argentina, Chile, Venezuela e Colômbia que viriam a figurar nessas práticas de movimentações de capital simbólico a partir de obras ou arquitetos específicos como o Edifício da Cepal, o Conjunto 23 de Janeiro, os projetos de Rogelio Salmona, Clorindo Testa e Carlos Raúl Villanueva, todos estes já na fase de crítica do movimento moderno.

Dentre os países com menor participação, têm-se a representação de locais com práticas em ascensão em eventos de movimentação do capital simbólico, como o Equador, Paraguai e Peru, que, a partir da valoração de pautas como sustentabilidade social e material, têm obtido crescente repercussão no final da segunda e início da terceira década do século XXI (GONÇALVES, 2013). Nesse quesito, o critério do tempo como fator de seleção, atua como um obstáculo, dificultando a representação alinhada com a prática contemporânea em destaque no momento da entrega do prêmio.

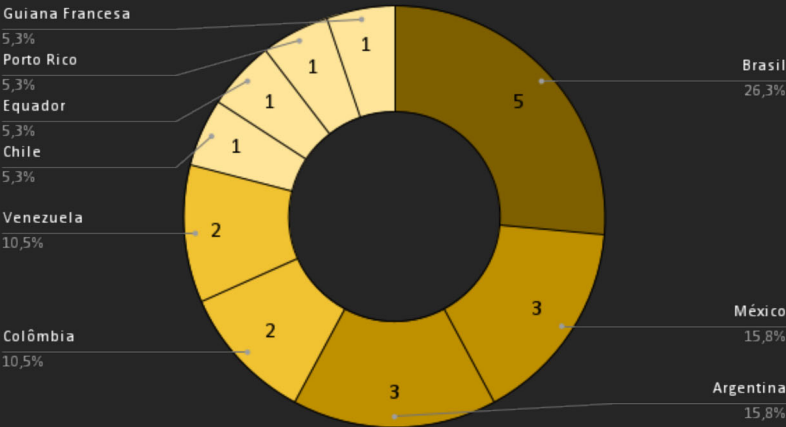
FIGURA 05 – PRÊMIO ROGELIO SALMONA EM 2014, 2016 E 2018

RECORRÊNCIA DE PAÍSES - 2014



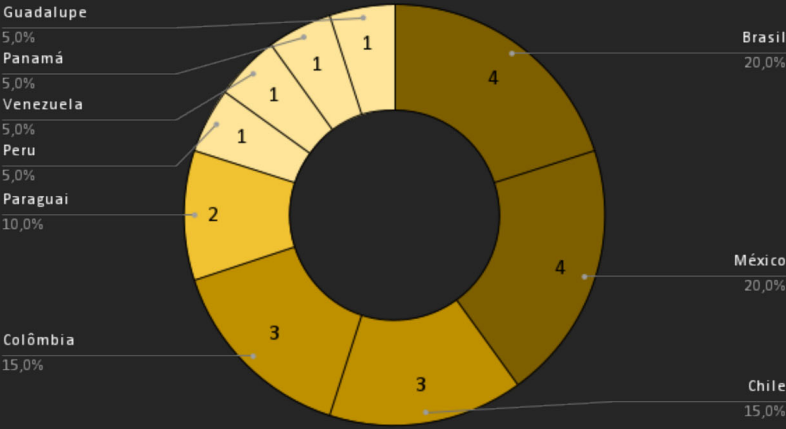
Países	Recorrência
Brasil	5
México	3
Colômbia	3
Chile	2
Argentina	1
Venezuela	1
Ecuador	1
Porto Rico	1
Peru	1
Bolívia	1
Guadalupe	0
Guiana Francesa	0
Panamá	0
Paraguai	0
TOTAL	21

RECORRÊNCIA DE PAÍSES - 2016



Países	Recorrência
Brasil	5
México	3
Argentina	3
Colômbia	2
Venezuela	2
Chile	1
Ecuador	1
Porto Rico	1
Guiana Francesa	1
Bolívia	0
Guadalupe	0
Panamá	0
Paraguai	0
Peru	0
TOTAL	19

RECORRÊNCIA DE PAÍSES - 2018

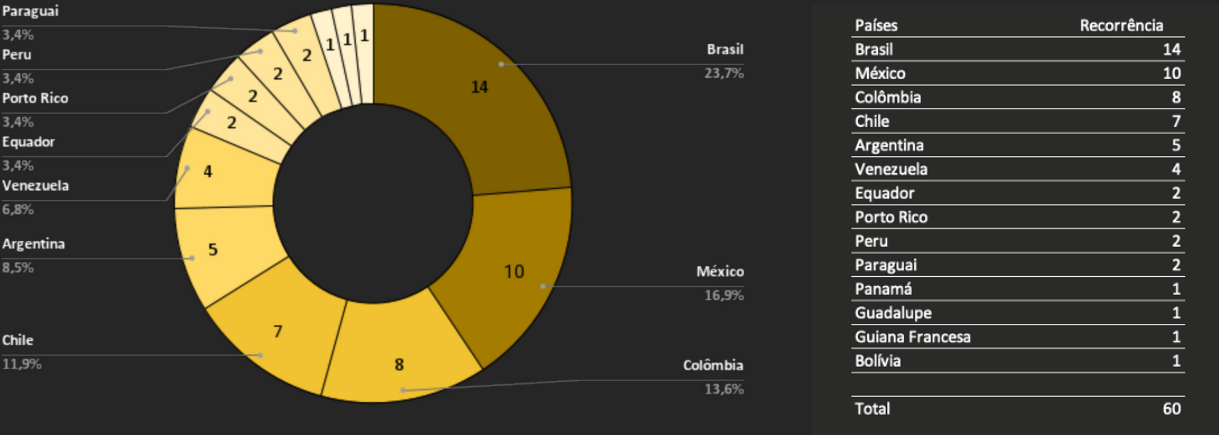


Países	Recorrência
Brasil	4
México	4
Chile	3
Colômbia	3
Paraguai	2
Peru	1
Venezuela	1
Panamá	1
Guadalupe	1
Argentina	0
Bolívia	0
Ecuador	0
Guiana Francesa	0
Porto Rico	0
TOTAL	20

Fonte: elaborado pelo autor, 2025

FIGURA 06 - RECORRÊNCIA DE PAÍSES NO PRIMEIRO CICLO

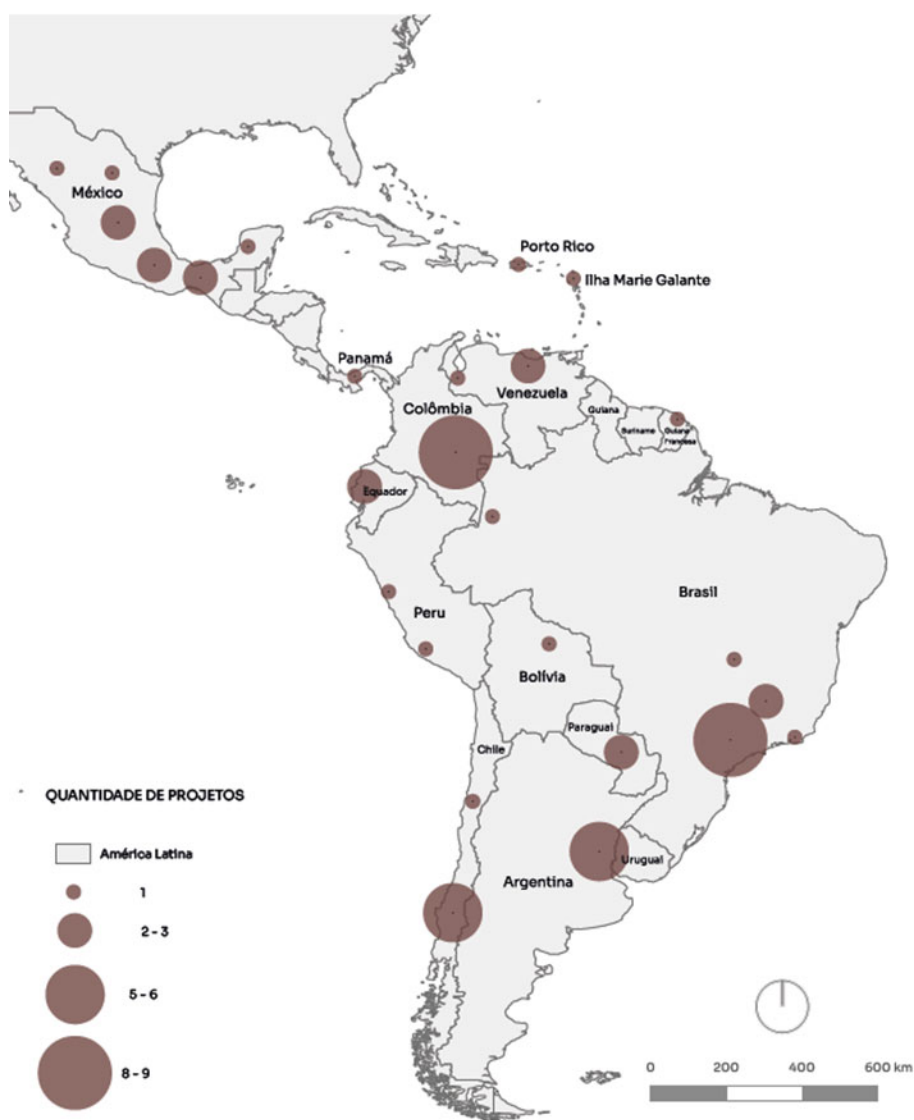
RECORRÊNCIA DE PAÍSES 2014 - 2018



Fonte: elaborado pelo autor, 2025

Aproximando esses três casos para a distribuição interna de suas obras, o mexicano se distingue por ter seus dez edifícios distribuídos pelas diferentes áreas do país que vão do norte ao sul; na Colômbia há a predominância de Medellín e Bogotá, local de todos os oito projetos colombianos; já o caso brasileiro, que possui dimensões geográficas mais próximas do México, apresentam uma realidade parecida com a da Colômbia, em que há uma concentração de doze das catorze obras na região sudeste do país, principalmente no estado de São Paulo, com seis delas na região metropolitana da cidade de São Paulo. Devido as dimensões continentais essa espacialização no mapa repercute numa grande porção vazia do território brasileiro (FIGURA 07).

FIGURA 07 - DISTRIBUIÇÃO DAS OBRAS NO PRIMEIRO CICLO



Fonte: elaborado pelo autor, 2023

Nesse conjunto de sessenta obras finalistas, apenas quatro escritórios possuem mais de uma obra destacada, todos possuindo uma obra destacada como menção honrosa, são eles: o Brasil Arquitetura, com três projetos finalistas, o escritório colombiano Figari Arquitetos S.R.L, o paraguaio Laboratório de Arquitetura - Javier Corvalán, e os mexicanos da Oficina Maurício Rocha e Gabriela Carrillo com duas obras. A exceção do Parque Biblioteca Belém, do arquiteto japonês e jurado da primeira edição, Hiroshi Naito, que foi destacado como menção honrosa na segunda edição, todos os demais projetos são de arquitetos latino-americanos ou que residem e desenvolvem suas práticas nesse território há bastante tempo.

QUADRO 02 - OBRAS PREMIADAS EM 2014, 2016 E 2018

	Obra	Região	País	Escritório
2014	Conjunto Parque dos Desejos	Andina	Colômbia	Juan Felipe Uribe de Bedeout
	Edifício Projeto Viver **	Brasil	Brasil	FGMF Arquitetos
	Campus Urbano Universidade Diego Portales	Cone Sul	Chile	Mathias Klotz; Ricardo Abuaude et. Al
	Centro Cultural Palácio da Moeda e Praça da Constituição	Cone Sul	Chile	Undurraga Devés Arquitetos
2016	Parque Explora-Museu de Ciência e Tecnologia	Andina	Colômbia	Empresa de Desarrollo Urbano
	Parque Biblioteca Belém	Andina	Colômbia	Landscape and Civic design LAB & EDU
	Mercado 9 de Outubro **	Andina	Equador	Fundação Municipal El Barranco
	Centro Cultural Chimkowe	Cone Sul	Chile	Gubbins Arquitectos
2018	Parque Biblioteca Tomás Carrasquilla	Andina	Colômbia	Ricardo La Rotta Caballero
	Capela São Miguel Arcanjo de Cerrito	Cone Sul	Paraguai	Laboratório de Arquitetura - Javier Corvalán
	Parque Cultura Valparaíso **	Cone Sul	Chile	HLPS Arquitetos
	Centro Acadêmico e Cultural São Paulo	México, América Central e Caribe	México	Oficina Maurício Rocha e Gabriela Carrillo

** OBRAS VENCEDORAS

Fonte: elaborado pelo autor, 2024

Os objetos premiados nas três primeiras edições totalizam catorze obras, três vencedores e onze menções honrosas. Esse conjunto perpassa pelas quatro regiões do prêmio, ainda que haja maior presença das regiões Andina e do Cone Sul, destacadas nas três edições, seguida do Brasil nas duas primeiras e região do México, América Central e Caribe, com duas menções honrosas na terceira edição. Observando os países, nota-se uma soberania no interior das regiões que abrangem múltiplos países, no Cone Sul, há a prevalência de obras originárias do Chile, na região Andina há o mesmo destaque para a Colômbia, ainda que apenas nas menções honrosas, e na região do México, América Central e Caribe, o México prevalece como local dos edifícios (QUADRO 02).

Nessa sistematização do conjunto de obras destacadas pelo prêmio, e que, portanto, constituem um discurso de interesse da fundação e do júri, tornam-se notáveis as diferentes manifestações do capital simbólico, como a reprodução, ao destacar, na maior parte, edifícios que já haviam sido reconhecidos e bem divulgados no contexto latino-americano, sobretudo pela Bienal Panamericana de Arquitetura de Quito, com diversos projetos constando em seu acervo online em momentos anteriores ao destaque no prêmio. Observa-se, ainda, que são mais recorrentes no universo da premiação, as obras localizadas nas grandes cidades e capitais latino-americanas (BONATES E CAVALCANTI, 2023), muitas delas situadas em áreas centrais e/ou em espaços públicos já consolidados, locais que possuem um maior capital acumulado, e representando obras de grande orçamento.

Apesar disso, Noelle Gras (2015) aponta para uma dificuldade em localizar obras que atendessem aos critérios da fundação, sendo marcante que, mesmo com o olhar direcionado para as obras do século XXI, algumas não tenham resistido ao tempo. Outro impasse esteve na abrangência da premiação para projetos de qualquer uso e escala, tornando mais complexas as análises e demarcando a vocação de certas tipologias para a integração do espaço público (NOELLE GRAS, 2015). Nesse contexto tem notoriedade os programas culturais, que apresenta na maior parte dos projetos destacados e que possuem centralidade durante toda a história da arquitetura, e que obtiveram maior alcance após a segunda metade do século XX (WAISMAN, 1990 [2013]). Essa tipologia partilha de um capital simbólico dentro do campo arquitetônico, mas também das cidades e da economia de disputa global, pela

repercussão midiática e influência na paisagem das cidades em que se inserem, como pode ser observado na história do campo (FERNÁNDEZ-GALIANO, 2009).

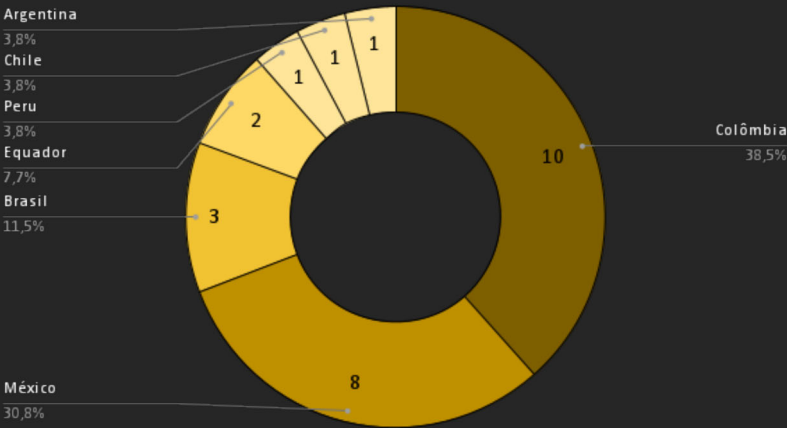
Dentre os aspectos notáveis que se relacionam com a natureza de movimentação do capital simbólico destaca-se a vinculação dos arquitetos projetistas. O destaque para a produção de escritórios de arquitetura direciona o olhar para profissionais e escritórios já consolidados no mercado profissional que atuam dentro de um modelo tradicional, de encomenda e projeto, com alguns casos de concursos, deixando de lado as produções advindas de outros contextos profissionais notáveis na realidade latino-americana. Alinha-se, então, com a colocação de Diez (2015b), de que o objetivo do prêmio está em evidenciar os casos exemplares, para que estes sejam guia e inspiração, reensaiando a narrativa da arquitetura formal como aquela digna de destaque.

Esse cenário reflete a preocupação de Montaner (2017) com a rigidez da disciplina presente nas pautas tecnológicas e econômicas dominantes no cenário arquitetônico global, que, portanto, seriam possíveis de superação por mecanismos de ação mais versáteis, que tenham base na igualdade de direitos e na expressão da diversidade, tão marcantes no contexto da América Latina. Essa ética que se apresenta na base de processos participativos e projetos socialmente responsáveis, em grande desenvolvimento por iniciativas como os coletivos, ONG's e outras formas de organização produtiva, poderiam ser capazes de "compensar os desvios e desequilíbrios de uma prática muitas vezes inconsciente da reprodução automática de condutas e padrões historicamente estabelecidos" (MARTINS, 2023, p. 260).

A aproximação com essas abordagens enriqueceria o universo do prêmio, dado que as especificidades de lugar e a inclusão social são aspectos essenciais para a democratização do espaço e da vida urbana através da arquitetura (LEAL, 2019). Falta a essas iniciativas o capital simbólico de disputa pelo espaço e reconhecimento, dado que sua alçada a um papel de destaque ainda está sendo construída no contexto, podendo ser percebida em premiações posteriores ao prêmio Rogelio Salmona, como o OBEL Awards.

FIGURA 08 - RECORRÊNCIA DE PAÍSES EM 2024

RECORRÊNCIA DE PAÍSES - 2024



Países	Recorrência
Colômbia	10
México	8
Brasil	3
Equador	2
Peru	1
Chile	1
Argentina	1
Bolívia	0
Guadalupe	0
Guiana Francesa	0
Panamá	0
Paraguai	0
Porto Rico	0
Venezuela	0
TOTAL	26



Fonte: elaborado pelo autor, 2025

O cenário das obras finalistas para a quarta edição, após a mudança no método de seleção e a criação de uma categoria colombiana, se diferencia do observado das edições anteriores. Das vinte e seis obras destacadas, dez são da Colômbia e oito do México, sendo estes todos os objetos finalistas da região México, América Central e Caribe. Somados, esses dois países representam mais que dois terços do universo do prêmio, que é completado pelo Brasil com três obras, Equador com duas e Peru, Argentina e Chile com apenas uma (FIGURA 08). Apesar do aumento de finalistas, percebe-se uma diminuição da quantidade de países representados, menor que em qualquer edição anterior. A mudança no método de seleção poderia ter resultado em uma maior representatividade a partir da inscrição voluntária, no entanto, isto não é o que se observa a partir do conjunto mobilizado.

Dado que a proporção de obras entre as diferentes regiões não estava prevista nos termos de referência, a prática colombiana assume um destaque que até então não tinha encontrado no PLARS, somando nas três edições anteriores apenas oito obras. Esse movimento se reflete no resultado, com uma obra colombiana recebendo o prêmio latino-americano, uma destacada como menção honrosa, ao lado de uma obra mexicana e, como estava previsto, uma vencendo a categoria colombiana (QUADRO 03). No entanto, as análises estão sujeitas ao universo de obras inscritas que não foi divulgado. A maior presença colombiana pode ser um reflexo de que o prêmio e a fundação que o organiza possuem mais prestígio neste contexto, aumentando o interesse de conversão do capital financeiro no capital simbólico que estes são capazes de conferir naquele recorte geográfico.

QUADRO 03 - OBRAS PREMIADAS EM 2024

	Obra	Região	País	Escritório
2024	UVA Tanques EPM - Tanques de agua como parques publicos**	Andina	Colômbia	Empresas Públicas de Medellín - Dpt. de Desenhos Arquitetônicos
	Parque Educativo Saberes Ancestrales* *	Andina	Colômbia	Farhid Maya, Lucas Serna, Mauricio Valencia e Diana Herrera
	Parques del Río Medellín	Andina	Colômbia	Sebastian Monsalve e Juan David Hoyos Taborda
** OBRAS VENCEDORAS	Centro Cultural Tepanzolco	México, América Central e Caribe	México	Carlos Bedoya, Isaac Broid, Víctor Jaime, Wonne Ickx e Abel Perles

Fonte: elaborado pelo autor, 2025

Olhando para todas as obras premiadas, o reconhecimento conferido pelo PLARS marca diferentes cenários de movimentação do capital simbólico. O Edifício Projeto Viver, em São Paulo, Brasil, vencedor da primeira edição não havia sido destacado em premiações e bienais internacionais até aquele momento (FIGURA 09). O ineditismo nessa atribuição de prestígio, pode atuar em duas frentes, colocando sobre a iniciativa um caráter de vanguarda, capaz de ir além das demais práticas, ou prejudicar sua repercussão, por se tratar de um objeto que ainda não possui um capital reconhecido. No entanto, após a premiação, em um texto que reflete sobre a tarefa de escolher um edifício capaz de representar a América Latina, Ruth Verde Zein (2018), jurada da região Brasil nas duas primeiras edições, conclui com a impossibilidade da existência de tal obra, mas dada a necessidade, o Edifício Projeto Viver foi escolhido como este representante para a conferência do CICA de 2015, em Shanghai, na China. Assim, o capital simbólico viaja e ultrapassa barreiras, acumulando em seu percurso novas camadas que expandem sua forma.

Já o Mercado 9 de Outubro e a Praça Rotary, em Cuenca, no Equador (FIGURA 10), o Parque Cultural Valparaíso, em Valparaíso, Chile (FIGURA 11), o UVA Tanques EPM em Medellín, Colômbia (FIGURA 12) e o Parque Educativo Saberes Ancestrales em Vigia del Fuerte, também na Colômbia (FIGURA 13), respectivamente vencedoras da segunda, terceira, da categoria latino-americana e da colombiana da quarta edição, situam-se em um cenário diferente, em que seu capital simbólico já havia sido reconhecido por práticas de atribuição de prestígio, sendo a principal delas as premiações da BAQ. A obra equatoriana e a chilena foram destacadas na mesma categoria, Reabilitação e Reciclagem, nas edições de 2010 e 2014, respectivamente. Já o projeto de Medellín foi o premiado internacional da categoria de Desenho Urbano e Arquitetura de Paisagem no ano de 2016 e a vencedora da categoria colombiana foi reconhecida como menção honrosa internacional na categoria de Desenho Arquitetônico no ano de 2014, todos previamente ao reconhecimento no PLARS.

FIGURA 09 - EDIFÍCIO PROJETO VIVER



Fonte: (FUNDAÇÃO ROGELIO SALMONA, 2015)

FIGURA 10 - MERCADO 9 DE OUTUBRO



Fonte: (FUNDAÇÃO ROGELIO SALMONA, 2017)

FIGURA 11 - CENTRO CULTURAL VALPARAÍSO



Fonte: (FUNDAÇÃO ROGELIO SALMONA, 2019)

FIGURA 12 - UVA TANQUES EPM



Fonte: (FUNDAÇÃO ROGELIO SALMONA, 2024)

FIGURA 13 - PARQUE EDUCATIVO SABERES ANCESTRALES



Fonte: (FUNDAÇÃO ROGELIO SALMONA, 2024)

De acordo com Arango (2015), houve um esforço na primeira edição em destacar e premiar projetos que estivessem além das práticas especulativas indiferentes à cidade, colocação que se repete nas atas do júri do ano de 2016 e 2018. Para Madriñan (2015), o prêmio propaga a importância de valorizar os espaços públicos, nos quais a arquitetura deveria desempenhar o papel de facilitador para o desenvolvimento de relações sociais e de pertencimento, construindo espaços que “contribuam à consolidação de uma cultura urbana e representem a ideia de um coletivo no mutante território da cidade” (MADRIÑAN, 2015, p.16).

Esses preceitos presentes e destacados na obra do próprio Salmona, encontram no prêmio um novo palco para serem valorizados, adquirindo um sentido ainda mais urgente no século XXI, em que tem se destacado o esforço do capital, com ênfase no financeiro, em paulatinamente renegar as questões da coletividade social, por meio de práticas excludentes (NOELLE GRAS, 2017). Ainda que o processo de expansão urbana e as recentes décadas de políticas neoliberais tenham causado danos profundos e duradouros na cidadania coletiva (WANG, 2017), as cidades latino-americanas, ou melhor, as pessoas que a pensam, parecem estar cientes da necessidade de que ela seja aceita pelo é, e não pelo que dizem que deveria ser.

O que se tenta realizar no prêmio é apontar a pluralidade como traço distintivo da identidade latino-americana, debate em que muitos dos seus jurados participaram no final do século XX. Dado a consolidação e a crescente movimentação do capital

simbólico para a arquitetura produzida na América Latina no âmbito global, iniciativas que proponham a discussão acerca da arquitetura aqui produzida, sobre bases próprias, se apresentam como um importante movimento de ampliação dos limites e noções estabelecidos dentro da chave colonial. Nesse sentido, o Prêmio Latino-Americano de Arquitetura Rogelio Salmona se destaca ao propor essas bases numa visão crítica representada pelas mulheres que compõem, em maioria, o corpo de jurados, refletindo uma característica marcante do campo crítico e teórico latino-americano. Mas acende um alerta quanto a necessidade de, como aponta Devés Valdés (2007), ampliar os autores estudados, o âmbito disciplinar e os procedimentos, para que seja possível avançar na compreensão de nossa heterogênea realidade.

4.2 MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE

FIGURA 14 - LOGO DO MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE

Mies Crown Hall Americas Prize	Premio de las Américas Mies Crown Hall
---	---

Prix des Amériques Mies Crown Hall	Prêmio das Américas Mies Crown Hall
---	--

MCHAP

New Architecture in a New World

Fonte: (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, s.d., About)

Criado em 2012 e lançado em 2014, o Mies Crown Hall Americas Prize: new architecture in a new world, é um prêmio bienal dedicado à arquitetura produzida na América no século XXI, e é organizado pela Faculdade de Arquitetura do *Illinois Institute of Technology* (IIT), localizado em Chicago, Estados Unidos da América.

Criado em 1895 junto à fundação do IIT, a faculdade de arquitetura obteve destaque no final da década de 1930 com a nomeação do já prestigiado arquiteto Ludwig Mies van der Rohe para a posição de diretor da faculdade de arquitetura, na qual permaneceu durante vinte anos, até 1958, conferindo ao curso de arquitetura um capital simbólico e autoridade quanto ao movimento moderno. Nesse tempo, o arquiteto foi responsável por coordenar a elaboração de um novo currículo pedagógico, com base em sua experiência institucional pregressa como diretor da Bauhaus entre 1930 e 1933.

FIGURA 15 - EXTERIOR DO S. R. CROWN HALL



Fonte: Acervo da Library of Congress Prints and Photographs Division Washington

FIGURA 16 - INTERIOR DO S. R. CROWN HALL



FONTE: (SIEGER, 2023)

No ano seguinte à sua chegada, em 1939, Mies foi contratado para desenvolver o masterplan do campus da instituição. Hoje esse sítio representa a maior coleção de edifícios projetados por Mies em todo o mundo, cerca de vinte obras, tendo como destaque a sede do curso de arquitetura o S. R. Crown Hall, projetado e executado em 1956 e amplamente publicado e premiado (FIGURA 15 E 16). Sua participação no IIT repercute até os dias atuais, como no estabelecimento do único “*Master of tall buildings and vertical urbanism*” do país, tipologia marcante no acervo de Mies; e na criação do MCHAP. Ao utilizar o nome do arquiteto e do edifício emblemático, a premiação busca compartilhar desse capital cultural relevante no campo arquitetônico presente na história da instituição organizadora.

No site principal do instituto, o MCHAP é destacado como um diferencial, que confere ao IIT o prestígio de ser a única universidade dos EUA a hospedar um “prêmio de arquitetura com renome internacional” que contribui com a formação dos alunos por meio de aulas, palestras, exposições e debates. A existência de uma iniciativa como essa promove o contato do corpo acadêmico com uma rede de agentes notáveis para a produção e reflexão da arquitetura contemporânea, que impulsionam o capital social e cultural e colocam a faculdade de arquitetura e a entidade como um centro produtor de conhecimento e irradiador de prestígio.

Como aponta English (2005), além de perpetuar seus interesses, os organizadores devem administrar as expectativas daqueles envolvidos no processo, entre eles, os patrocinadores, responsáveis pelo capital financeiro necessário para a realização do prêmio. O MCHAP conta com o patrocínio da Mies van der Rohe Society, organização vinculada ao IIT fundada no início do século XXI que se dedica à preservação do patrimônio intelectual e edificado dentro da instituição; da Alphawood Foudation Chicago, fundação privada que, de acordo com o seu site, atua na promoção de iniciativas que contribuam com a equidade e justiça social, o que no campo arquitetônico reverbera em financiamento para instituições como o próprio Colégio de Arquitetura do IIT, o braço norte-americano do DOCOMOMO e a Society of Architectural Historians⁶ (SAH); e da KOHLER, empresa norte-americana de abrangência global que manufatura produtos como encanamentos, motores, móveis e atua no setor de hospitalidade com resorts de luxo. Para as duas edições mais

⁶ Organização vinculada a Universidade de Harvard que se dedica ao estudo da história do ambiente construído;

recentes, 2022 e 2024, a iniciativa contou com a colaboração do Instituto Tecnológico e de Estudos Superiores de Monterrey, uma universidade privada localizada no México, que, de acordo com Denison (2025b), atuou na seleção e nas questões operacionais da iniciativa, ainda que a sua contribuição não conste no site do prêmio.

As características desses patrocinadores destacam a vinculação do prêmio com os EUA, dado que, além da organização, o financiamento também é de origem norte-americana, com centralidade para o IIT, consolidando o "lócus de enunciação" do MCHAP e aquisição de um capital cultural e simbólico; a relação com a cidade Chicago e seu prestígio dentro do campo arquitetônico pela sua importância, sobretudo no final do século XIX e começo do XX, com a "escola" de Chicago; e a presença de uma empresa ligada a peças e mobiliários, característica comum em premiações de arquitetura vinculadas ao mercado, que buscam destacar o uso de determinada marca ou objeto, e também imersa no ramo de hospitalidade, o que aproxima a iniciativa da origem do Prêmio Pritzker.

Ainda que carregue o nome do arquiteto alemão naturalizado americano, o prêmio não possui associação direta com a sua figura, através de seus descendentes ou da fundação responsável pelo seu legado, utilizando-se de um capital simbólico obtido a partir de contatos e de projetos arquitetônicos finalizados há mais de sessenta anos. Na página principal do site essa característica fica evidente quando a iniciativa é colocada como continuidade do "legado vivo do modernismo da cidade - um espírito empreendedor e igualitário, um compromisso cívico proativo, uma ênfase na criatividade arquitetônica de ponta e nos mais altos padrões de design. Continua o exemplo de S. R. Crown Hall no histórico campus IIT de Mies, a base do prêmio" (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, s.d., About, tradução nossa).

O MCHAP tem como objetivo principal reconhecer as obras arquitetônicas de maior excelência construídas nas Américas no século XXI. De acordo com o site da iniciativa, apesar de compartilhar o interesse de outras iniciativas em destacar a excelência arquitetônica, ela se diferencia por conceituar essa excelência de modo mais abrangente, avaliando "como as obras de arquitetura integram ecologias naturais, construídas e humanas para melhorar a qualidade dos lugares onde vivemos" (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, s.d., *About*, tradução nossa).

No entanto, a amplitude e generalização desses objetivos principais repercutem as dinâmicas apontadas por English (2005), em que a ausência de

critérios e recortes mais particulares e mensuráveis configuram uma arena mais versátil para a manifestação de diferentes interesses. Além disso, na descrição dos seus procedimentos a premiação ressalta que são indicados ao prêmio os “indivíduos cujo trabalho têm uma influência duradoura na teoria e na prática da arquitetura nos territórios das Américas” (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, s.d., Process, tradução nossa), contradizendo o objetivo de olhar para as obras e demonstrando o interesse de levar em consideração o capital simbólico dos autores.

Na página principal do prêmio, o olhar para as Américas é colocado como a criação de “um novo círculo eleitoral reconhecido tanto por sua diversidade quanto pelas influências que compartilha além das fronteiras” (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, s.d., About, tradução nossa). No entanto, esse recorte é objeto de premiações oriundas da América Latina desde o final do século XX, como na Bienal de Quito que se tornou panamericana em 1994. A criação de um “novo vetor dinâmico” que liga o Norte e o Sul e o coloca para o mundo (DENISON, 2022), é apenas uma nova ferramenta posicionada num processo que está em curso desde o século XX.

A primeira edição do prêmio foi lançada publicamente em fevereiro de 2014, já com o anúncio do primeiro universo de obras em uma conferência no Canadian Centre for Architecture (CCA) em Montréal, Canadá. Estiveram presentes no lançamento dois jurados da primeira edição, Wiel Arets e Kenneth Frampton, o diretor do prêmio Dirk Denison, outro professor do IIT, Vedran Mimica e membros do CCA, Phyllis Lambert e Mirko Zardini, nenhum nascido ou com vinculações acadêmicas na América Latina, ainda que ela corresponda a maior parte do território abrangido.

Desde a sua primeira edição, em 2014, até a mais recente, iniciada em 2024 e finalizada em 2025, a premiação apresenta a mesma estrutura de seleção, com alterações apenas no tempo dos processos e dos anúncios. Os critérios de elegibilidade são apenas aqueles colocados a partir do objetivo, como o recorte temporal, buscando observar a prática do século XXI, e o recorte geográfico, ao olhar para a produção realizada no território americano. Desde que atendam a essas definições, as obras podem ser de qualquer uso, escala, contexto de inserção, novas ou intervenções sobre uma obra existente, de autoria de estrangeiros ou locais.

Para cumprir o objetivo de representar a prática contemporânea, limitar o universo de seleção e evitar repetições e sobreposições temporais, o prêmio direciona o olhar para a arquitetura produzida nos dois anos anteriores ao lançamento daquela

edição, ou seja, na segunda edição, lançada em 2016, foram abarcadas as obras finalizadas nos anos de 2014 e 2015. Devido à pandemia de COVID-19, a quarta edição, antes marcada para ocorrer em 2020, foi suspensa, com a iniciativa sendo retomada apenas em 2022, tendo assim a tarefa de abranger o universo de obras finalizadas entre 2018 e 2021.

De acordo com Denison (2022), esse hiato possibilitou avaliar a repercussão e reafirmar os objetivos da iniciativa, além de provocar mudanças no cronograma. Antes, todas as etapas de seleção e premiação aconteciam no ano do anúncio, ou seja, todo o processo da terceira edição ocorreu no ano de 2018, enquanto na quarta e quinta edição esses eventos foram distribuídos pelo ano de anúncio e o ano subsequente, de modo que a quinta edição se desenrolou ao longo de 2024 e 2025. Essa mudança promove uma extensão do capital simbólico, com os momentos marcantes do prêmio sendo repercutidos na mídia durante um período maior, evitando grandes lacunas entre os acontecimentos e amplificando a sensação de presença e familiaridade com seu público.

Além disso, para atender ao interesse em abarcar as obras do século XXI, foi estabelecido para a primeira edição um recorte que abarcava a produção dos anos 2000 até 2013, ano anterior ao lançamento da premiação, ampliando o universo de seleção. Isto resultou na entrega de dois prêmios principais, um para as obras construídas até 2008 e outro para aquelas entre 2009 e 2013.

O MCHAP promove uma diferenciação quanto ao tempo de atividade dos arquitetos, estabelecendo duas categorias distintas dentro da iniciativa, o Emerge, dedicado para arquitetos e escritórios com menos de dez anos de atuação, e a categoria principal, referida, na maior parte das vezes, como Americas ou apenas MCHAP, que, apesar de não discriminar o tempo de atuação de seus autores como um critério, a falta de sobreposição com objetos da outra categoria possibilita assumir que se tratam de arquitetos ou práticas com mais de dez anos de atuação.

Ainda que essa distinção possibilite observar a prática contemporânea sob diferentes recortes, a separação das categorias a partir do tempo de produção colocam uma dinâmica particular de prestígio, reservando a categoria principal para práticas já consolidadas e, portanto, dotadas, em sua maioria, de um capital simbólico mais abrangente do que as novas. Além disso, orbita nessa divisão a compreensão de Bourdieu (1986) sobre capital cultural incorporado, como algo que só pode ser

adquirido mediante a vivência e a experiência do indivíduo, o que só ocorreria com a passagem do tempo.

Essa divisão resguarda a categoria principal, que possui o maior investimento e repercussão, de premiar práticas pouco consolidadas que podem acabar não se perpetuando, encurtando o prestígio, ou podem mudar sua forma de atuação e ir de encontro aquilo que o prêmio procura reconhecer, fragilizando o discurso que ele constrói. No entanto essa distinção também constitui uma contradição ao objetivo do prêmio. Ao reforçar repetidas vezes como intenção e diferencial da iniciativa o olhar para a prática mais recente, dos últimos dois anos, e suas contribuições para o cenário contemporâneo, a diferenciação por tempo em atividade impõe uma barreira que não pode ser contornada pela excelência arquitetônica. Além disso, pensando no histórico do território americano, sobretudo no início do século XX, a figura dos “jovens arquitetos” é constantemente afirmada como traço marcante daquele momento, como em Hitchcock (1955, p. 8), estando as suas práticas canonizadas e passadas entre as gerações através da historiografia.

O método de seleção das obras consiste em sucessivas etapas de reconhecimento que envolvem dois grupos de agentes. Para a primeira, utiliza-se do capital social para mobilizar agentes espalhados pelas Américas, ampliando o alcance e variedade do universo de obras e estabelecendo uma "rede anônima de indivíduos", que, em teoria, são figuras relevantes no estudo de arquitetura contemporânea produzida na região, que devem, a partir das diretrizes do prêmio, mobilizar os objetos aptos a participar do prêmio.

A forma como esta seleção é realizada fica a cargo desses agentes, que podem realizar a tarefa de forma individual ou estabelecer grupos, como no caso relatado por Zein (2023), desde que ao final do processo sejam indicadas até cinco obras para a categoria Americas e uma para a Emerge. De acordo com Denison (2025b), ao falar sobre o processo da quinta edição do prêmio durante o anúncio dos seus finalistas, essa tarefa de seleção inicial para a quinta edição foi realizada por mais de cem indivíduos.

Na linha de acontecimentos possíveis de traçar a partir das informações colocadas publicamente pelos organizadores do prêmio, a etapa seguinte é o contato da organização com os autores dos projetos selecionados, solicitando um material específico: duas pranchas em formato A1 contendo as informações, desenhos e

imagens do projeto que serão utilizados para realizar uma exposição no S. R. Crown Hall. Assim, há a compreensão de que todas as obras indicadas pelos especialistas anônimos irão concorrer nas categorias indicadas, visto que nenhum filtro de seleção ou julgamento é relatado nesse momento, de modo que as obras que atendessem aos critérios de tempo e localização e submetessem o material solicitado, estariam aptas a concorrer.

Todas essas etapas são realizadas previamente ao lançamento oficial e público da edição do prêmio, que, quando anunciada, já conta com as informações, imagens e desenhos fornecidos pelos autores das obras indicadas. Nesse primeiro momento público também é realizado o anúncio do júri e a data para a realização da exposição. Aberta ao público, esta marca o primeiro contato dos jurados com as obras para a seleção das “outstandings”, ou seja, aquelas dignas do prestígio conferido pelo júri e aptas a continuar concorrendo ao prêmio máximo.

Nas três primeiras edições existe uma diferença entre as categorias nesse anúncio. Para o Emerge, o anúncio dos “outstandings” era realizado simultaneamente com o dos finalistas, atuando como uma espécie de menções honrosas. Já no Americas, ocorre primeiro o anúncio dos “Outstandings” e só depois é feito o anúncio das obras finalistas. Ainda que em ambos os cenários orbitem dinâmicas de movimentação do capital, o segundo se destaca pelo tempo de exposição pública e relevância que as obras “Outstandings” recebem. Nas edições mais recentes, essa exposição ocorre para ambas as categorias, repercutindo midiaticamente e permanecendo durante algum tempo com o prestígio de serem possíveis vencedoras. Além disso, a exposição pública possibilita a medição do interesse e engajamento do público com determinadas obras a partir de sua repercussão e comentários, dotando-as de um maior capital simbólico, o que pode influenciar, ainda que inconscientemente, as decisões do júri.

Os jurados se reúnem novamente para definir as obras finalistas do prêmio Americas e a vencedora do prêmio Emerge. Nas edições mais recentes, é nessa reunião em que também são definidos os finalistas da categoria Emerge. Como recompensa e reconhecimento para os autores da obra premiada nesta categoria são concedidas, além do título e do troféu, uma cátedra de pesquisa no instituto e uma recompensa financeira no valor de vinte e cinco mil dólares para subsidiar estudos, atividades de ensino e a publicação de um livro sobre tópico definido entre os

vencedores e os organizadores. O anúncio do vencedor acontece em evento realizado com a presença dos autores finalistas, o corpo de jurados e convidados internacionais.

Já para o prêmio principal, após a definição das cinco ou seis obras que concorrerão ao reconhecimento máximo, mas antes do anúncio público desse conjunto de finalistas, o júri, em conjunto, visita as obras. Realizadas em sequência e acompanhadas pelos autores, a equipe e os clientes, as visitas acontecem em diferentes dias e momentos para melhor avaliar as características, impacto na paisagem, impacto social e os demais critérios estabelecidos para a edição.

Essa vivência da obra, em que é possível conversar com seus usuários, utilizar de sentidos físicos além da visão para perceber a obra e dialogar com os autores para esclarecer qualquer questão, é um traço distintivo do MCHAP. Para Noelle Gras (2022), as fotografias e desenhos não podem substituir a observação direta, de modo que a visita ao edifício é uma etapa indispensável para a realização de uma análise responsável que ultrapasse a superfícies.

Além disso, o tempo e dinheiro despendido, tanto do júri, quanto da organização para realizar essas visitas, contribuem com a percepção de esforço e dedicação dessas figuras, amplificando o prestígio e o capital simbólico da iniciativa e dos premiados. Acompanham ainda a visita, uma equipe responsável por registrar fotos e vídeos desses momentos e da obra em si, que serão utilizados no anúncio dos finalistas, em páginas de divulgação, e outros materiais, compondo o acervo do prêmio e auxiliando sua inserção no meio midiático. Ao final dessa viagem, o júri se reúne e realiza um evento, cujo local varia a cada edição, para, então, anunciar publicamente os finalistas da categoria principal e a data em que será realizada a cerimônia de premiação com a presença do júri e dos arquitetos no S. R. Crown Hall.

Essas sucessivas etapas que possibilitam um processo de julgamento em diferentes momentos e a partir de diferentes contatos, também configuram oportunidades para um conjunto de cerimônias, parte fundamental das premiações, sendo estas locais para concentração de agentes e da atenção geral em que são realizadas ritualísticas públicas de movimentação do capital simbólico. Além disso, esses encontros reverberam no meio midiático, amplificando o alcance da iniciativa.

Antes da cerimônia, na parte da manhã, são realizados eventos como mesas redondas com os autores, o júri, e a presença da comunidade acadêmica do IIT, nas quais são debatidos temas acerca da prática contemporânea e da atuação desses

arquitetos. Em seguida, é realizada uma nova reunião do júri e na sequência o anúncio da obra vencedora, marcando o encerramento daquela edição. Nas primeiras edições, esses eventos para anúncio dos premiados eram chamados de “jantar beneficente”, prática comum para angariar fundos nas universidades norte-americanas, exemplificando a inserção da premiação dentro de um processo de conversão de capital financeiro em simbólico, e, depois, novamente em financeiro.

Os arquitetos vencedores da categoria principal recebem, além do título para sua obra, cinquenta mil dólares para custear aulas e palestras na instituição, a publicação de um livro sobre um tópico de pesquisa em comum interesse com a organização, e, desde a terceira edição, uma vaga no júri da próxima edição do prêmio. Por mais que ambas as categorias apresentem um processo de seleção com etapas e recompensas semelhantes, o que poderia nivelar o prestígio, a maior exposição dos objetos da categoria Americas, o anúncio de seu vencedor como último evento formal do ciclo de premiação e a associação de uma quantia maior para o vencedor, consolidam a perspectiva de um prêmio principal e um secundário, quase como um dedicado aos “iniciantes”.

A concessão de uma cadeira no júri do MCHAP é exemplo da movimentação de capital simbólico que ocorre a partir da iniciativa, em que o ato de ser reconhecido em uma determinada arena, lhe confere prestígio para conferir reconhecimento aos demais. A quantia de ambas as categorias também opera uma dinâmica particular, visto que a sua limitação de uso busca promover um retorno a própria instituição, seja pela sua presença, seu conhecimento ou pela publicação da editora da instituição. Essa concessão de capital financeiro está mais próxima de um investimento para obter retorno em forma de capital cultural e simbólico para a própria instituição.

Reproduz-se a perspectiva endógena apontada para essas práticas por Stevens (1998), em que, além de direcionadas para membros do campo arquitetônico, as atividades como aulas, palestras e cursos também se limitam àqueles matriculados na instituição, e os livros àqueles falantes da língua inglesa (FIGURA 17). Ou seja, a iniciativa busca um reconhecimento e circulação a partir da divulgação e inserção na mídia e nas redes digitais, por meio de fotos, vídeos e textos que buscam cliques, curtidas e visualizações, porém as contribuições teóricas e reflexivas que podem provocar mudanças e ampliar o campo, encontram-se limitadas.

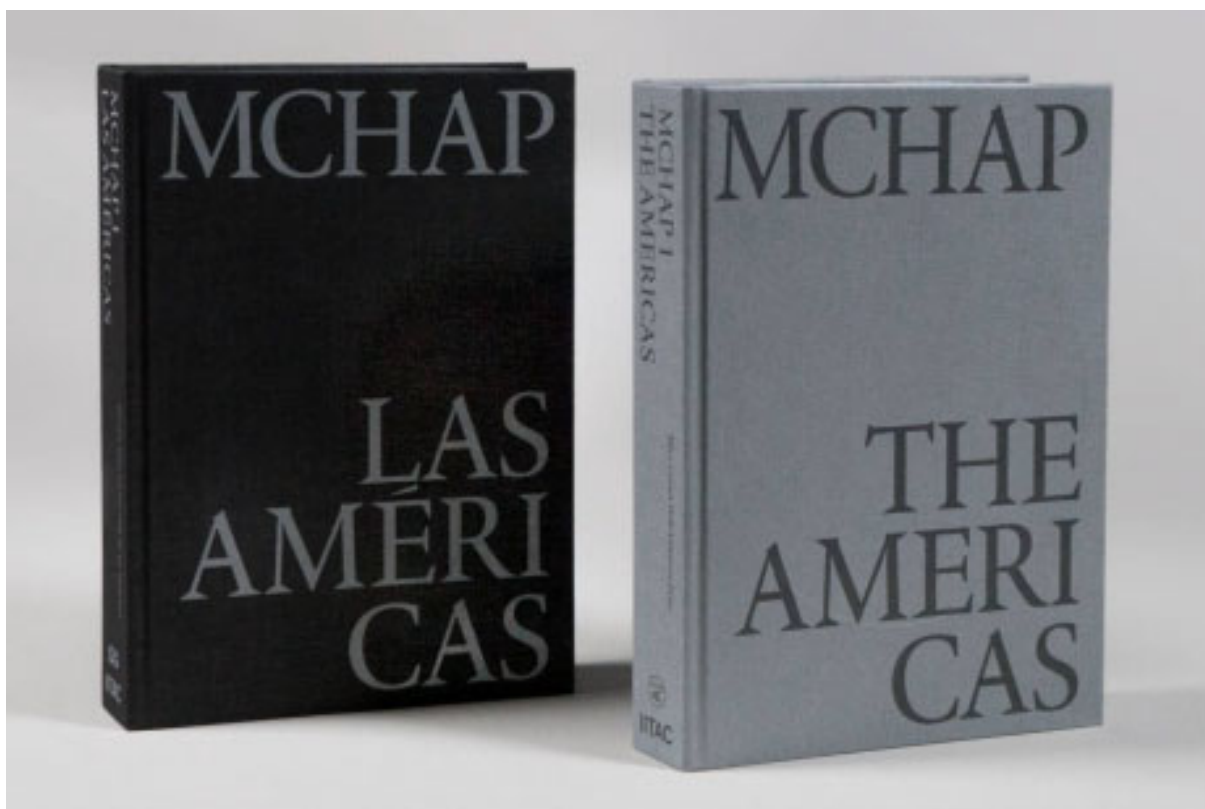
FIGURA 17 - CONVERSA COM O JÚRI DA QUINTA EDIÇÃO NO IIT



Fonte: (ILLINOIS INSTITUTE OF TECHNOLOGY, s.d.)

Quanto as publicações, os livros dos arquitetos premiados apresentam uma característica autoral, e não possuem associação com o processo da premiação, abordando temas pertinentes para sua prática e investigação. Nas duas primeiras edições do prêmio, foram publicados os livros “MCHAP: The Americas” e “MCHAP The Americas 2: Territory & Expeditions” (FIGURA 18) que se utilizam do evento para desenvolver uma estrutura de reflexão que combina textos antigos e novos compilados e produzidos a partir das reflexões suscitadas pelos objetos finalistas da categoria principal e outras pautas relevantes para o contexto e momento. Apesar de ter a iniciativa como base, relatos sobre os procedimentos, etapas, métodos, processo de julgamento são a menor parte da publicação, apresentando um panorama geral e superficial ao longo de dez páginas que pouco revelam sobre o mecanismo em si.

FIGURA 18 - PUBLICAÇÕES DECORRENTES DO MCHAP



Fonte: (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, s.d., About)

Essas publicações que não são um registro do prêmio, se apresentam como uma construção independente que o possui apenas como base e têm uma função de expandir o capital cultural dos autores e da instituição ao ampliar o leque de temas e a abrangência acadêmica dessas iniciativas. A falta de divulgação do processo dificulta o acesso e a reflexão acerca das particularidades e mudanças ocorridas em cada edição. Mesmo no site, onde é possível acessar os resultados de todas as edições, registros quanto aos jurados e as cerimônias se limitam a parte de notícias.

Essa carência de informações em plataformas e publicações do próprio prêmio é uma prática corrente em outras premiações, ao mesmo tempo impedindo o conhecimento pleno sobre os mecanismos que conduzem a premiação e dificultando o estabelecimento de críticas negativas sobre as lacunas, ausências e omissões (ENGLISH, 2005). No entanto, algumas dessas informações podem ser obtidas nos vídeos de anúncios ainda disponíveis do prêmio, com gráficos, estatísticas e tabelas que demonstram a existência e a sistematização desses dados, colocando uma distinção dos que possuem a informação, aqueles detentores do capital social e cultural por estarem envolvidos no processo, e os que estão de fora.

Ainda que existam poucos critérios de elegibilidade para o prêmio, critérios mais subjetivos são definidos pelo júri para cada edição, possibilitando a manutenção da estrutura base e mudanças nas temáticas e discursos para que se mantenham atualizados com as pautas e discussões de maior protagonismo naquele momento. Durante o anúncio da primeira edição o presidente do júri Kenneth Frampton destacou o MCHAP como uma iniciativa de continuidade do projeto moderno em que o júri iria avaliar as contribuições cívicas e as inovações tecnológicas que impactaram as culturas em seus contextos (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, 2014).

Já no lançamento da quarta edição, após o hiato, Denison (2022) destacou o realinhamento do prêmio, considerando questões como a promoção de espaços públicos, a utilização de materiais e forças de trabalhos locais, dentre outros. Isso demonstra a capacidade adaptativa das premiações que, assim como os capitais, estão em constante busca de ampliar o seu alcance e prestígio, avançando sobre novos horizontes e públicos. No entanto, essas questões também colocam um impasse para o mecanismo, dado que sua estrutura foi inicialmente pensada para abarcar e maximizar um determinado discurso, que, ao ser modificado, pode colocar um descompasso entre o que se quer dizer e o como.

Denison (2025b) afirma ainda que o júri também tem o papel de estabelecer outros critérios subjetivos que julguem pertinente a partir do momento e do universo de obras que lhes é apresentado. Esse movimento amplia a participação do júri na caracterização do prêmio, fortalecendo os discursos individuais desses agentes que não tiveram participação na organização ou no estabelecimento da estrutura. No entanto, esses critérios não são explicitados nem possíveis de extrair das atas de julgamento, constituídas apenas de um breve comentário sobre as características do projeto vencedor, dificultando as compreensões sobre os debates e decisões.

O prêmio conta com um corpo de jurados formado por cinco profissionais selecionados pela organização, com um deles sendo designado como presidente do júri. De acordo com a descrição do prêmio, esses integrantes podem ser arquitetos de ofício, curadores, escritores, editores ou outros indivíduos que tenham contribuições significativas para a prática arquitetônica. Na composição do júri há ainda o lugar para o presidente do MCHAP, cargo ocupado desde a criação pelo professor do IIT Dirk Denison, que participa das viagens e discussões, mas não tem direito ao voto,

repercutindo English (2005) ao destacar a utilização de mecanismos para garantir que a decisão do júri esteja alinhada com os interesses dos organizadores.

Observando o retrospecto das cinco edições, com exceção de um, os demais jurados selecionados são arquitetos de formação, ainda que possam realizar outras atividades como Giovanna Borasi, arquiteta que atua como curadora do CCA. O ponto fora da curva é a figura de Philip Kafka, filósofo de formação que atua como empreendedor imobiliário e teve uma obra sua enquanto cliente selecionada como finalista para o prêmio principal, o que, mediante a aquisição de capital social no contanto com a organização nas visitas à obra e nas cerimônias, lhe possibilitou uma cadeira de jurado na quarta edição e uma cadeira no conselho do MCHAP.

Ainda na composição do júri podemos observar a presença majoritária de indivíduos norte-americanos ou que desenvolveram seus estudos e atuação nesse território, como é o caso de Stan Allen e Wiel Arets, respectivamente, somando doze representantes. A presença latino-americana também é constante no corpo de jurados ao longo do prêmio. O que começou com apenas um representante na primeira edição, chegou a três na quarta, com a presença de dois nas demais edições. Dos trinta e três países da América Latina o que se encontra representado são argentinos, com quatro representantes, seguidos por mexicanos e peruanos, com dois, e um colombiano e um chileno, que totalizam dez. Mesmo que próximo da representação estadunidense, a comparação que está sendo realizada é entre um país e toda uma região, o que reproduz uma lógica de outro como uma construção unitária passível de representação homogênea. Completam o universo do júri três estrangeiros ao território americano, sendo dois ingleses e um francês, tendo os três participado antes do hiato que repercutiu em mudanças no MCHAP, como pode ser visto no quadro 04.

QUADRO 04 - JURADOS DO MCHAP

Jurados	Filiação	Naturalidade
2014		
Kenneth Frampton	Columbia University	Inglaterra
Wiel Arets	Wiel Arets Architects / ITT	Holanda
Jorge Francisco Liernur	Universidad Torcuato Di Tella	Argentina
Dominique Perrault	Dominique Perrault Architecture	França
Sarah Whiting	Harvard University	Estados Unidos
Dirk Denison	Dirk Denison Architects / IIT	Estados Unidos
2016		
Stan Allen	Princeton University's School of Architecture	Estados Unidos
Wiel Arets	Wiel Arets Architects / ITT	Holanda
Ila Berman	University of Waterloo	Canadá
Jean-Pierre Crousse	Barclay & Crousse	Peru
Florencia Rodriguez	University of Illinois Chicago	Argentina
Dirk Denison	Dirk Denison Architects / IIT	Estados Unidos
2018		
Ricky Burdett	London School of Economics	Inglaterra
José Castillo	Arquitectura 911sc	México
Ron Henderson	Illinois Institute of Technology (IIT)	Estados Unidos
Rodrigo Pérez de Arce	PUC-Chile	Chile
Claire Weisz	WYZ	Estados Unidos
Dirk Denison	Dirk Denison Architects / IIT	Estados Unidos
2022		
Sandra Barclay	Barclay & Crousse	Peru
Monica Bertolino	Bertolino-Barrado / Universidade Nacional de Córdoba	Argentina
Alejandro Echeverri	Alejandro Echeverri Valencia Arquitectos / Monterrey University	Colômbia
Julie Eizenberg	Koenig-Eizenbeg Architects	Estados Unidos
Philip Kafka	Prince Concepts	Estados Unidos
Dirk Denison	Dirk Denison Architects / IIT	Estados Unidos
2024		
Maurice Cox	Department of Planning and Development, City of Chicago	Estados Unidos
Sofia von Ellrichshausen	Pezo von Ellrichshausen	Argentina
Mauricio Rocha	Mauricio Rocha	Mexico
Giovanna Borasi	Canadian Centre for Architecture	Canadá
Gregg Pasquarelli	SHoP Architects	Estados Unidos
Dirk Denison	Dirk Denison Architects / IIT	Estados Unidos

Fonte: elaborado pelo autor, 2025

A primeira edição de um prêmio é apontada como um momento crucial, dado que, por ser algo novo, ainda não se encontra dotado de um capital próprio, necessitando absorver o de seus envolvidos. No caso do MCHAP teve centralidade na primeira edição figuras como: Kenneth Frampton, arquiteto, crítico e historiador britânico, escolhido como presidente do júri, figura relevante pelo seu trabalho sobre a arquitetura moderna e pelas reflexões sobre o conceito de “regionalismo crítico” no campo arquitetônico; de Wiel Arets, arquiteto de origem holandesa, mas que desenvolveu seus estudos e atuação nos EUA e que atuava na época como reitor da faculdade de arquitetura do IIT, além de arquiteto atuante na cidade de Chicago; e

Jorge Francisco Liernur, crítico de arquitetura argentino com publicações e estudos relevantes para o recorte latino-americano.

Essa seleção demonstra, de modo consciente ou não, os espaços em que o prêmio estava procurando se inserir e obter prestígio, tendo na figura de Frampton um alcance internacional, dado a sua relevância no campo arquitetônico, na de Arets uma maior proximidade e reconhecimento dentro da própria instituição, também responsável por parte do seu financiamento e na de Liernur uma melhor inserção na América Latina, que não possuía representação na organização ou patrocínio da iniciativa. Completaram o júri para primeira edição a crítica de arquitetura e professora de Harvard, Sarah Whiting e o arquiteto francês Dominique Perrault.

Observando o panorama geral, existe nas quatro primeiras edições um equilíbrio entre indivíduos da crítica e da prática, inclusive com figuras que desempenham ambas as funções. Na edição mais recente, nota-se a ausência de professores como membros do júri, ainda que essa ausência frente as edições anteriores, seja ocupada por uma arquiteta que desenvolve trabalhos de curadoria no CCA, Giovanna Borasi, e um planejador urbano, Maurice Cox, presidente do júri.

Compreendendo o acúmulo de prestígio como uma ação necessária para ocupar essas posições, podemos perceber movimentações no interior do MCHAP e na sua relação com outras práticas. Para o primeiro cenário, destacam-se figuras como o peruano Jean Pierre-Crousse, participante jurado da segunda edição e premiado na categoria Americas da terceira, o que garantiu uma cadeira para o seu escritório no júri da edição seguinte, destinado a sua sócia, a também peruana Sandra Barclay; Sofia von Ellrichshausen, arquiteta premiada na categoria Emerge da primeira edição, que retorna na quinta para a comissão de julgamento; e o já mencionado caso de Philip Kafka, único não arquiteto desse conjunto. Ainda que a movimentação de capital simbólico dessas figuras não esteja limitada ao prêmio, tem destaque a circularidade do prestígio em seu interior.

Já na perspectiva externa têm-se figuras como Florencia Rodríguez fundadora e responsável, entre 2010 e 2017, pela direção editorial da revista PLOT, que concomitante a realização e a participação da sua editora no prêmio, publicou uma edição dedicada a prática contemporânea da América Latina; Jorge Francisco Liernur, jurado da primeira edição em 2014 e integrante da equipe que realizou a curadoria para a exposição “Latin American in construction: 1955 – 1980” do MoMa.

Assim como no cenário interno do prêmio a atuação dessas figuras não se limita a essas práticas, apresentando uma carreira com contribuições e participações em diferentes iniciativas de relevância para o campo. O que se destaca é a simultaneidade de certos movimentos e acontecimentos realizados a partir do contexto estadunidense, e que premiações, publicações e exposições são ferramentas relevantes para a movimentação de capital simbólico do território em questão. Percebe-se a conformação de uma arena propícia para as disputas e para diferentes manifestações de capital simbólico, amplificadas pela configuração de um júri que mescla arquitetos de ofício com críticos e teóricos do campo.

Os resultados, no entanto, funcionam como instância de validação do discurso, palco para outras disputas e para atualização na imagem do prêmio. Na página que fala sobre a criação e o papel do MCHAP são destacadas as pautas relevantes para a iniciativa a partir de obras já destacadas que vão além das premiadas, levantando temas como impacto socioambiental, criação de espaços públicos, participação da comunidade, a transformação urbana, o aprimoramento de comunidades, o papel dos clientes, o impacto no turismo sustentável, tipologias residenciais acessíveis e a criação de infraestrutura.

Isto exemplifica uma das movimentações do capital simbólico realizado, em que na tarefa de promover prestígio também o adquirem a partir das características e capitais existentes nas decisões que promovem. A grande quantidade de obras indicadas e selecionadas como “Outstandings” estabelece um amplo universo do qual é possível extrair os mais variados discursos, que, na ausência de maiores informações sobre os debates e os processos de seleção, possibilitam a construção de qualquer narrativa como autêntica. Do mesmo modo que exemplos são puxados para “defender” a posição do prêmio, outros poderiam ser utilizados para contestá-la, consolidando as possibilidades de disputas.

Esse problema tem maior notoriedade nos prêmios panorâmicos, que não estabelecem critérios de seleção práticos que limitem o universo e o recorte de abrangência que ajudariam a circunscrever melhor a prática, seu processo e seus resultados. Esse objetivo de premiar a melhor obra de forma indiscriminada acaba por dificultar exatamente o que elas buscam, promover compreensões holísticas e consensos, visto que a impossibilidade de tal tarefa ampliam as aberturas para questionamentos, contrapontos, complementos e críticas, que podem ou não ser bem-

vindas. A criação de uma ferramenta com esse objetivo para observar um território plural como a América, composta por países que em maioria ocupam a América Latina, e, portanto, a periferia ou semi-periferia do sistema capitalista global (WALLERSTEIN, 1974a e 1974b), em um contexto de ascensão das pluralidades, revisões históricas e estudos decoloniais, descompassando objetivo e prática.

Toda essa situação é agravada pela não divulgação do processo de julgamento, inviabilizando análises mais precisa acerca da seleção que delineariam melhor as contribuições significativas da prática e perpetuar seu legado. No entanto, o MCHAP se consolida como uma prática significativa para a representação da arquitetura contemporânea na América a partir de sua recorrência e dos agentes com quem compartilha o capital simbólico na organização, no julgamento e nos premiados, como será abordado adiante. Como aponta a descrição do prêmio em seu próprio site, a iniciativa está inserida num grupo seletivo de premiações mundialmente conceituadas, integrando mesas de debates e fóruns de discussões como “Beyond the Prize: How Architecture Awards Can Catalyse Meaningful Change”, evento realizado em maio desse ano na cidade de Veneza, Itália, durante a pré-abertura da 19ª Bienal de Arquitetura, mas não como parte da sua programação (FIGURA 19).

Tomando partido da temática do evento, que buscava propagar a necessidade de uma mudança fundamental para repensar a prática e a produção do ambiente construído a partir do coletivo e do natural, o evento reuniu organizadores de prêmios de todo o globo, com diferentes abordagens e com abrangências internacionais como o Aga Khan Award for *Architecture*, o OBEL Award, o Holcim Foundation Awards, o EUMies Awards e o Ammodo Architecture Award e o Mies Crown Hall Americas Prize, único representante de uma prática do território americano. Comum a todas as iniciativas está o interesse nos acontecimentos contemporâneos e no olhar direcionado as práticas, mais do que as figuras. De acordo com sua convocatória, essa reunião surge da compreensão dos limites que essas iniciativas possuem e da complexidade do contexto contemporâneo, marcado por crises ambientais e sociais. Assim, buscou-se “ênfatar a responsabilidade urgente dos prêmios de arquitetura em transcender o mero reconhecimento e servir como catalisadores para mudanças significativas” (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, 2025, tradução nossa).

FIGURA 19 - CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO BEYOND THE PRIZE



Fonte: (FUNDACIÓ MIES VAN DER ROHE, s.d.)

Essa associação também pode ser entendida como uma necessidade de fortalecimento das próprias práticas diante de questões destacadas na própria chamada para o evento como o cenário de midiatização difusa e de aumento no número de premiações. A inserção do MCHAP nesse circuito global dialoga novamente com a necessidade de expansão que o capital possui, sendo central aqui o capital social que se estabelece a partir da constituição de uma nova rede, que, assim como destacado por Denison (2025a), poderão "expandir o alcance e a eficácia de nossas iniciativas e criar uma estrutura mais forte e compartilhada para apoiar a excelência arquitetônica".

RESULTADO DO MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE

No evento de anúncio para o resultado da quinta edição, em maio de 2025, Denison (2025b) destacou que durante todas as edições do prêmio foram mobilizados mais de duzentos nomeadores anônimos espalhados pelos trinta e cinco países que compõem o território de abrangência do prêmio. No lançamento da primeira edição é destacado o trabalho de mais de setenta nomeadores para aquela edição, já na edição mais recente o relato é da participação de mais de cem agentes.

A falta de informações sobre essas figuras reponsáveis por filtrar a extensa produção da região e realizar uma seleção que, já de princípio, limita a atuação dos jurados dificulta compreensões sobre os resultados do prêmio. Pensar a recorrência dessas figuras e questões como as suas naturalidades e lócus de enunciação, bem como as ausências, contribuiriam para a análise que aqui se pretende realizar, visto que esse universo já configura um discurso e um panorama imbrincado de movimentações de capital simbólico.

A divulgação das indicações individuais também contribuiria para estabelecer esclarecer questões acerca do universo de obras indicadas. Como mencionado, na quinta edição foi relatado a atuação de mais de cem nomeadores anônimos, cuja tarefa, de acordo com Zein (2023) era submeter um conjunto de cinco obras adequadas aos critérios do Americas e uma para o Emerge. No entanto, constam como indicadas, apenas quarenta obras na categoria Emerge e duzentos e dezenove na categoria Americas dessa edição. Deve-se considerar a existência de repetições na seleção, dado a independência dos indicadores e a recusa em participar da iniciativa que determinados atores podem ter manifestado.

No entanto, esse descompasso quantitativo merece um maior aprofundamento de informações, pois uma alta taxa de recusa em submeter seu trabalho para avaliação ou de sobreposição de indicações são questões relevantes para pensar a representação e a produção contemporânea de arquitetura nas Américas. Ainda mais, a não divulgação dessas informações, abre margens para questionamentos quanto a quantidade de indicadores ou a existência de uma seleção prévia ao contato com os autores e o envio dos materiais solicitados, que, caso exista, seria fundamental descrever por quem e a partir de quais critérios ela é realizada.

Colocando de lado essas conjecturas e se atendo ao processo relatado pela instituição, esse universo de mais de mil obras, somando os indicados para ambas as

categorias, consolidam um território americano diverso, em que estão presentes diferentes escalas, materiais, programas e usos. Olhando separadamente as categorias, a quantidade de indicados por edição na categoria Americas segue aumentando, tendo começado com cento e um indicados, chegando a cento e cinquenta e três na segunda e ao máximo nas últimas duas edições com mais de duzentos. Já para o Emerge, as quantidades são mais oscilantes, com apenas vinte e sete indicados na primeira edição, seu auge na edição seguinte, com cinquenta e seis e ficando em quarenta na mais recente. O aumento progressivo da categoria principal acompanha o aumento no número de indicadores, o que coloca o ocorrido com o Emerge como um cenário particular sem uma explicação clara. Apesar do grande número, todas as obras participam da exposição organizada no S. R. Crown Hall e são expostas no site, disfrutando de um capital simbólico difuso, mas perene.

Além de edifícios também compõem o universo, em menor número, as construções efêmeras, como pavilhões e instalações artísticas que dependem de registros como esses para perpetuar seu prestígio, como o Pavilhão na Feira de Zócalo, México e o Cota 10, no Rio de Janeiro, Brasil. Ainda que esse panorama da produção de arquitetura nas Américas do século XXI seja amplo e diverso, ele representa apenas uma parte da produção desse território, que é a da prática realizada através de escritórios de arquitetura, detentoras de maior prestígio e repercussão dentro do campo do que aquelas informais ou realizadas por organizações como coletivos. Ainda que algumas utilizem o termo coletivo em seu nome, elas operam na mesma dinâmica que um escritório de arquitetura.

Na questão da autoria, tem destaque a diluição das fronteiras, com arquitetos estrangeiros atuando dentro do território, inclusive com nomes que se enquadram como “stararchitects” como Frank Gehry, Santiago Calatrava, Bjarke Ingels e Zaha Haddid. Curiosamente, movimentos como esse no próprio território, ou seja, de arquitetos americanos atuando em outros países do continente, não estão representados, sinalizando essa atuação como algo mais plausível vindo do exterior.

Há, também, a sobreposição de diversos nomes já destacados em outras iniciativas como o Prêmio Pritzker. Além dos dois citados anteriormente, aparecem Álvaro Siza, Shigeru Ban, Herzog e de Meuron, Kazuyo Sejima + Ryue Nishizawa (SANAA), agentes dotados de um extenso capital simbólico que novamente encontram um local para sua reprodução dentro de um recorte geográfico diferente

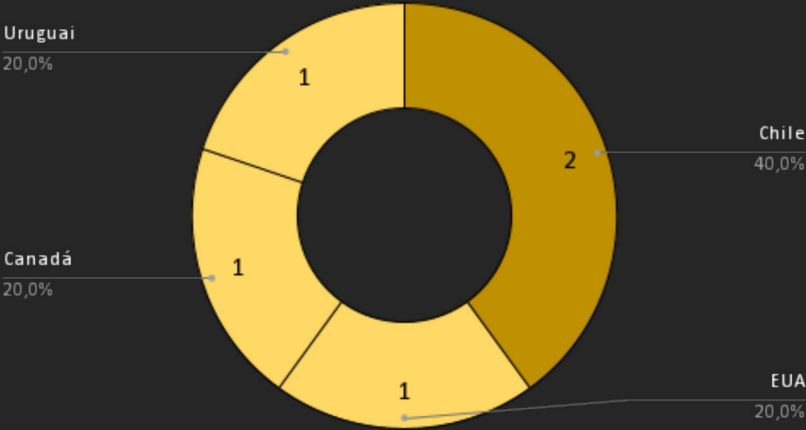
do seu de origem. Outras escolhas antecipam movimentos desse mesmo prêmio, como o destaque para Yvonne Ferrell e Shelley McNamara (Grafton Architects) e David Chipperfield, colocando o MCHAP como uma etapa de validação e acúmulo de prestígio que possibilita o acesso para outros círculos de reconhecimento.

Olhando para o primeiro filtro de obras colocados pelo júri após a visita à exposição dos indicados, não há uma quantidade padrão de objetos a serem selecionados como “Outstandings” em ambas as categorias. O que predomina para a categoria Americas é a redução em aproximadamente um quinto do universo inicial de indicados, com o mínimo na primeira edição, dezessete, e o máximo na mais recente com quarenta e três obras. Já no Emerge, na primeira e terceira edição, todas as obras destacadas como “Outstandings” correspondem aos objetos finalistas, condição que muda nas demais edições, colocando uma separação entre essas categorias e aumentando o número de “Outstandings”, de uma média cinco para dez.

Esse universo mais limitado e de conhecimento público, selecionado pelo júri, possibilita refletir melhor sobre o discurso e a representatividade promovida pelo prêmio. O recorte da categoria Emerge é dominado pela prática da América Latina, principalmente se observarmos os projetos selecionados após o hiato da pandemia. Nas duas primeiras edições a representação é balanceada entre Canadá e Estados Unidos e América Latina em uma proporção de 50%, ainda que territorialmente essa não seja a realidade (FIGURA 20). Já na quarta edição todos os dez projetos destacados são da América Latina, mais especificamente, México, Brasil, Argentina, Paraguai, Chile e Peru; na quinta edição apenas um dos onze projetos “Outstandings” está fora da América Latina (FIGURA 21). Ainda que a comparação entre os territórios possa parecer desproporcional, também são essas mudanças percebidas.

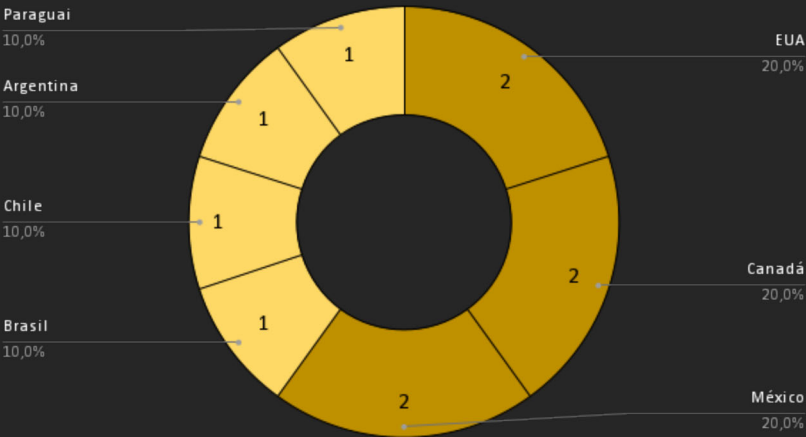
FIGURA 20 - CATEGORIA EMERGE EM 2014 E 2016

RECORRÊNCIA DE PAÍSES - 2014



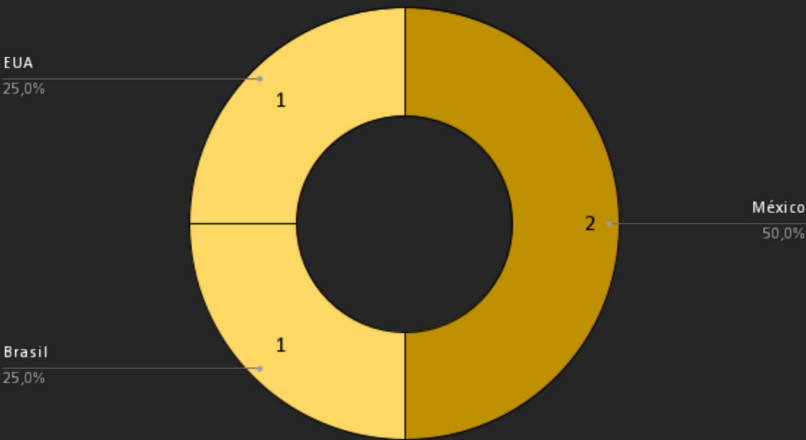
País	Recorrência
Chile	2
EUA	1
Canadá	1
Uruguai	1
Argentina	0
Brasil	0
Colômbia	0
Equador	0
México	0
Paraguai	0
Peru	0
Venezuela	0
Total	5

RECORRÊNCIA DE PAÍSES - 2016



País	Recorrência
EUA	2
Canadá	2
México	2
Brasil	1
Chile	1
Argentina	1
Paraguai	1
Colômbia	0
Equador	0
Peru	0
Uruguai	0
Uruguai	0
Total	10

RECORRÊNCIA DE PAÍSES - 2018

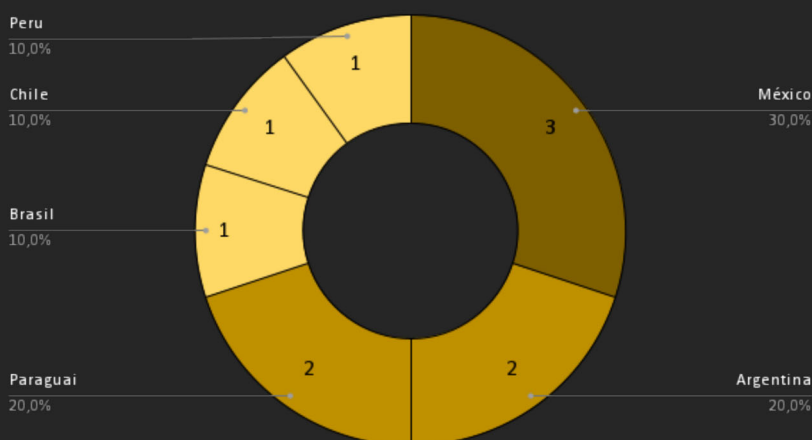


País	Recorrência
México	2
Brasil	1
EUA	1
Argentina	0
Canadá	0
Chile	0
Colômbia	0
Equador	0
Paraguai	0
Peru	0
Uruguai	0
Venezuela	0
Total	4

Fonte: elaborado pelo auitor, 2025)

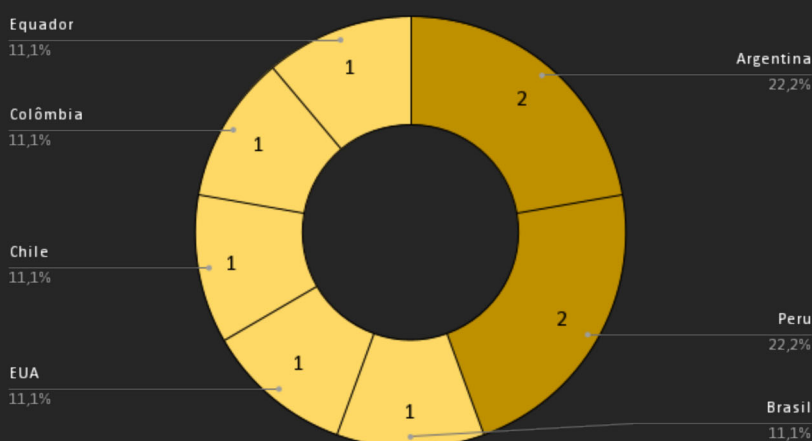
FIGURA 21 – CATEGORIA EMERGE EM 2022 E 2024

RECORRÊNCIA DE PAÍSES - 2022



País	Recorrência
México	3
Argentina	2
Paraguai	2
Brasil	1
Chile	1
Peru	1
Canadá	0
Colômbia	0
Equador	0
EUA	0
Uruguai	0
Venezuela	0
Total	10

RECORRÊNCIA DE PAÍSES - 2024



País	Recorrência
México	2
Argentina	2
Peru	2
Brasil	1
EUA	1
Chile	1
Colômbia	1
Equador	1
Canadá	0
Paraguai	0
Venezuela	0
Uruguai	0
Total	11

Fonte: (elaborado pelo autor, 2025)

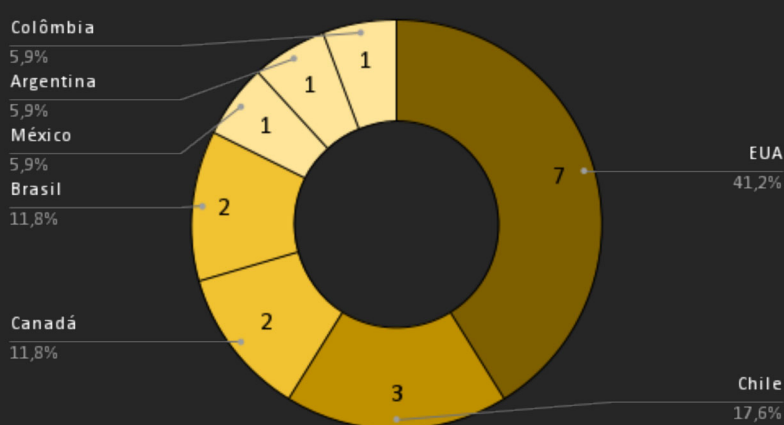
Olhando edição por edição da categoria principal, das dezessete obras destacadas em 2014, oito estão localizadas no EUA, seguido por três do Chile, dois do Brasil e do Canadá, e apenas uma da Argentina, Colômbia e México, ou seja, mais da metade de obras da América do Norte. Na segunda edição, EUA e Canadá lideram a recorrência de países, com oito e seis respectivamente, seguidos por Brasil (5), Chile (4) e México (3), e, por fim, Argentina, Colômbia e Peru com duas obras e Paraguai com uma. Ainda que a América Latina tenha maior destaque, os demais países ainda lideram a representação. No entanto, a partir dessa edição o cenário muda com a ascensão do México, que até o momento havia obtido pouca representatividade. Na edição de 2018, EUA e México compartilham a liderança com oito obras para cada,

seguidos pelo Brasil com seis, Argentina e Chile com três, Canadá e Colômbia com dois e Paraguai e Costa Rica com apenas uma obra (FIGURA 22)

Na quarta edição o México assume a maior representatividade, com nove obras, com os EUA na sequência com oito, Argentina, Colômbia e Paraguai com quatro, Chile com três, Brasil com dois e Peru, Canadá, Equador e Venezuela com uma obra. Essa edição conta com o maior número de países entre todas do MCHAP, a manutenção de um protagonismo dividido entre os EUA e o México, um maior destaque para as práticas do Paraguai e uma significativa diminuição na participação canadense. Por fim, a edição mais recente, consolida a ascensão das práticas mexicanas, liderando a representatividade com catorze obras, a maior quantidade de qualquer país em todas as edições, novamente seguido pelos EUA com oito obras. Completam a lista o Canadá com seis obras, Chile com cinco, Argentina e Colômbia com três, Peru com dois e Brasil e Uruguai com apenas uma (FIGURA 23).

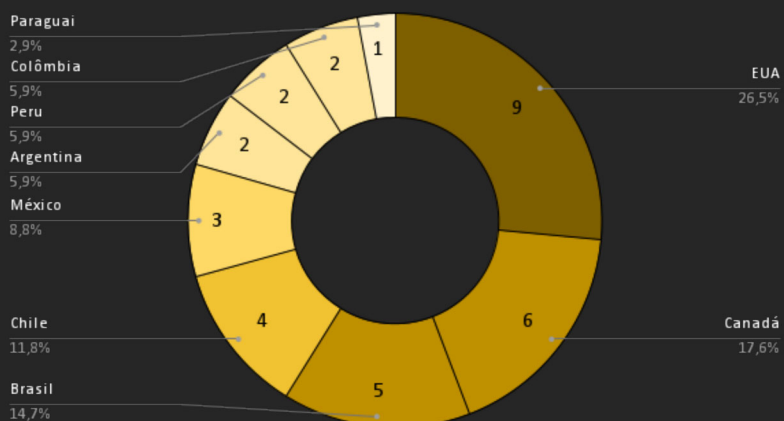
FIGURA 22 - CATEGORIA AMERICAS EM 2014 E 2016

RECORRÊNCIA DE PAÍSES - 2014



País	Recorrência
México	2
Argentina	2
Peru	2
Brasil	1
EUA	1
Chile	1
Colômbia	1
Equador	1
Canadá	0
Paraguai	0
Venezuela	0
Uruguai	0
Total	11

RECORRÊNCIA DE PAÍSES - 2016

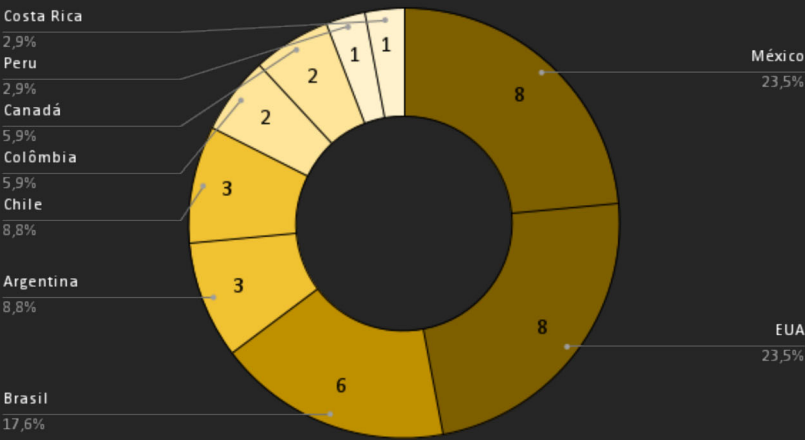


País	Recorrência
México	2
Argentina	2
Peru	2
Brasil	1
EUA	1
Chile	1
Colômbia	1
Equador	1
Canadá	0
Paraguai	0
Venezuela	0
Uruguai	0
Total	11

Fonte: elaborado pelo autor, 2025)

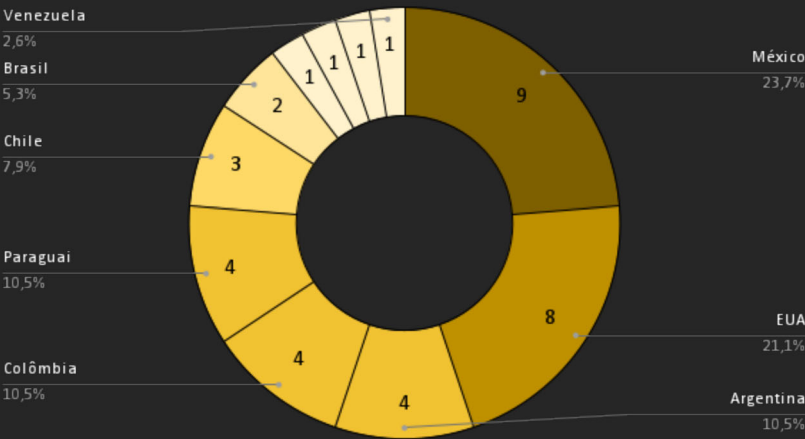
FIGURA 23 - CATEGORIA AMERICAS EM 2018, 2022 E 2024

RECORRÊNCIA DE PAÍSES - 2018



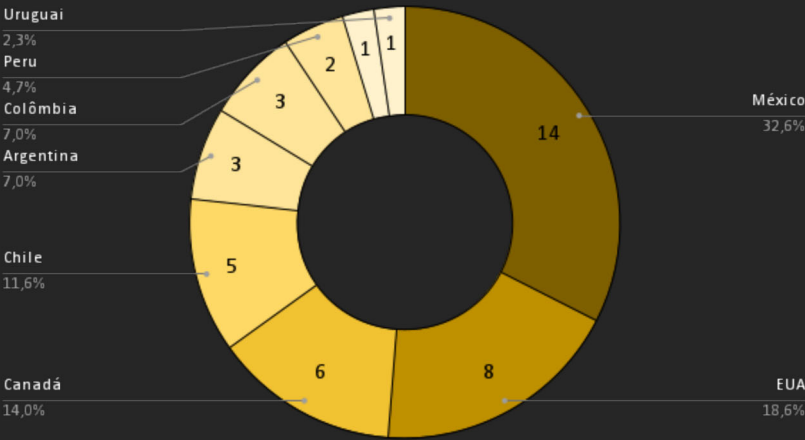
País	Recorrência
México	2
Argentina	2
Peru	2
Brasil	1
EUA	1
Chile	1
Colômbia	1
Equador	1
Canadá	0
Paraguai	0
Venezuela	0
Uruguai	0
Total	11

RECORRÊNCIA DE PAÍSES - 2022



País	Recorrência
México	2
Argentina	2
Peru	2
Brasil	1
EUA	1
Chile	1
Colômbia	1
Equador	1
Canadá	0
Paraguai	0
Venezuela	0
Uruguai	0
Total	11

RECORRÊNCIA DE PAÍSES - 2024



País	Recorrência
México	2
Argentina	2
Peru	2
Brasil	1
EUA	1
Chile	1
Colômbia	1
Equador	1
Canadá	0
Paraguai	0
Venezuela	0
Uruguai	0
Total	11

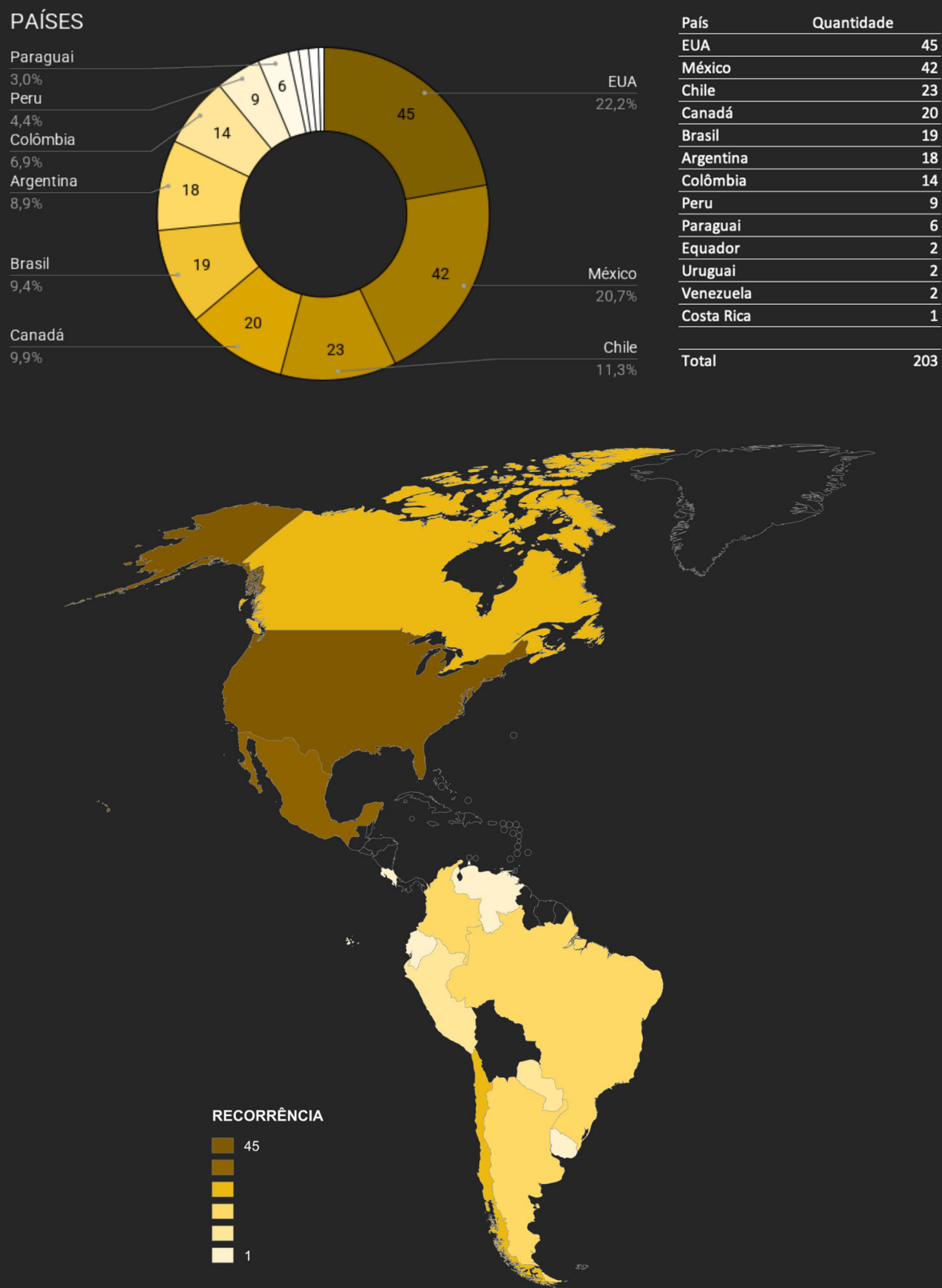
Fonte: elaborado pelo autor, 2025

A ascensão da prática contemporânea do México, a perda de protagonismo dos EUA e de destaque do Brasil dentro do recorte latino-americano e a constante representação de países como Chile e Colômbia reverberam um cenário global de maior repercussão da prática latino-americana em todo o globo. Com destaque para outras práticas contemporâneas de movimentação do capital simbólico com quem o MCHAP estabelece pontos de contatos, como a publicação de edições especiais em periódicos norte-americanos, como a Harvard Design Magazine, dedicados a produção da América Latina, a exposição de 2015 do MoMA, a premiação do chileno Alejandro Aravena pelo Prêmio Pritzker em 2016, dentre outros.

Como é inevitável, as lacunas também estão presentes, como no reduzido número de países que a premiação destaca, com apenas treze dos trinta e cinco que compõem a América tendo alguma obra nesse conjunto, estando todas essas ausências no território latino-americano (FIGURA 24). Além disso, práticas que têm alcançado relevância e circularidade no contexto internacional e na mídia especializada como a do Paraguai, em que nomes como Solano Benítez e Gloria Cabral tem atuado como jurados em prêmios, curadores de exposições e projetando pavilhões para a Bienal de Veneza; e do Equador que, apesar esforços da BAQ em promover a arquitetura local nesse recorte americano, obteve apenas duas obras destacadas, com uma delas vencendo a categoria Emerge da quinta edição, ainda estão pouco representadas.

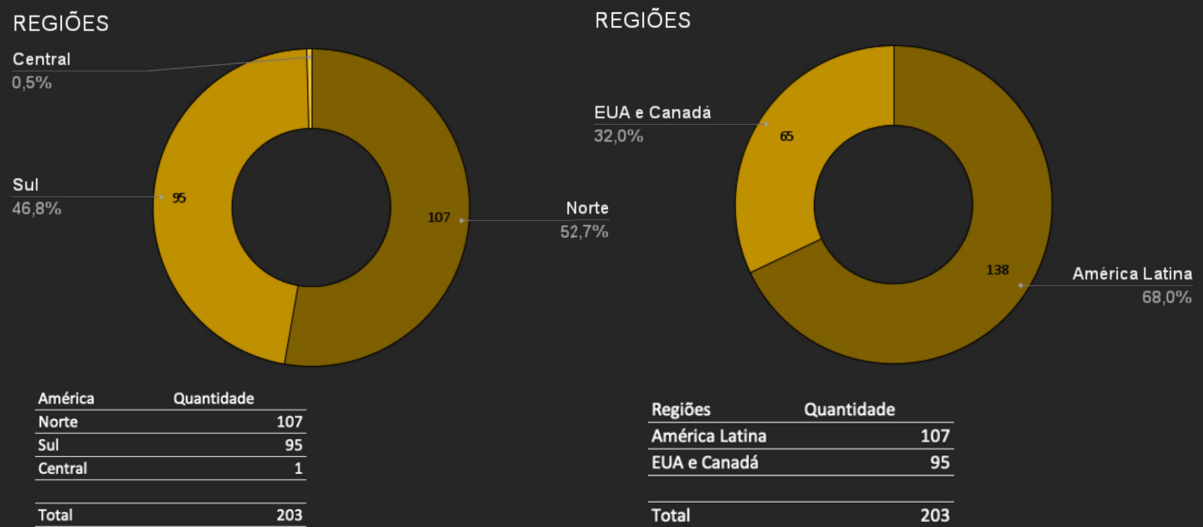
Olhando para o conjunto das duas categorias, o retrato posto é de um protagonismo dividido entre Estados Unidos da América e México, seguido por uma presença significativa de Chile, Canadá, Brasil, Argentina e Colômbia, um menor reconhecimento para Peru e Paraguai, e pequenas menções para Venezuela, Equador, Uruguai e Costa Rica. Na divisão por regiões das Américas, lideram os países da América do Norte com 52,7%, devido a maior representatividade dos EUA e do México. Em seguida está a América do Sul, com 46,8%, que alcança essa representatividade pelo reconhecimento consistente de diferentes países, mesmo que individualmente não tenham a expressão dos vizinhos ao Norte. Completam a estatística América Central, com apenas 0,5%, o equivalente a uma única obra em todas as edições, sendo esta oriunda da Costa Rica (FIGURA 25).

FIGURA 24 - RECORRÊNCIA DE PAÍSES NO MCHAP



Fonte: elaborado pelo autor, 2025

FIGURA 25 - RECORRÊNCIA DE REGIÕES NO MCHAP



Fonte: elaborado pelo autor, 2025

A ascensão da representação latino-americana também está relacionada com o critério de tempo de atuação que separam as categorias Emerge e Americas. Com o passar do tempo práticas jovens da América Latina puderam aparecer no prêmio principal, como por exemplo o escritório chileno Pezo von Ellrichshausen, vencedor do primeiro prêmio Emerge e destacado como Outstanding na segunda e terceira edição; e o escritório mexicano PRODUCTORA, vencedor da categoria Emerge em 2016 e finalista na categoria principal em 2018. Percebe-se uma movimentação de capital simbólico própria do MCHAP, em que a separação por categorias possibilita que determinadas práticas possam ascender dentro da iniciativa. O escritório peruano Barclay & Crousse é um exemplar disso ao terem sido indicados para a categoria Emerge no primeiro ano do prêmio, por sua obra realizada em 2003, vencedores da categoria principal em 2018 e seus sócios membros do júri em 2016 e em 2022, como consequência da vitória na premiação anterior.

Essa separação também apresenta incongruências, com um mesmo escritório sendo indicado primeiro na categoria principal e depois sendo destacado no Emerge, como é o caso do gru.a, escritório com sede no Rio de Janeiro. É problemática também para aquelas desenvolvidas por mais de um escritório, como é o caso do projeto PILARES Cuilcuico do TO, +UdeB Arquitectos e AGENda - agencia de arquitetura, indicado e destacado como “Outstanding” em ambas as categorias da quinta edição do prêmio, devido a diferença no tempo de atuação dos escritórios.

O escritório com maior representação dentro do MCHAP é o escritório mexicano Colectivo C733, contando com sete obras destacadas pelo júri, duas delas avançando para a categoria de finalistas. Criado em 2019, a prática é a associação dos estúdios Taller Gabriela Carrillo, TO dos arquitetos Carlos Facio, José Amozurrutia, do labgm de Erik Valdez e do Estudio Israel Espin que já possuíam ampla atuação no contexto mexicano, de modo que concorrem em todas as indicações ao prêmio principal (FIGURA 26). A primeira aparição ocorre na quarta edição, em 2022, já na categoria principal e com quatro obras “Outstandings”. Além disso, essa prática vence no ano de 2024, em que seriam novamente indicados com três obras e uma finalistas para o MCHAP, o OBEL Award, prêmio de abrangência global que busca premiar obras, projetos, ideias e manifestações que promovam o bem comum e contribuam com o desenvolvimento social e ecológico.

FIGURA 26 - RECORRÊNCIA DE ESCRITÓRIOS NO MCHAP



Fonte: elaborado pelo autor, 2025

O trabalho de seleção do júri também atua no destaque a escritórios já dotados de um capital simbólico acumulado em outras práticas de movimentação, como de Álvaro Siza, do SANAA, de Rem Koolhaas e do OMA, Grafton Architects e de Herzog e de Meuron, sendo este último o segundo escritório mais recorrente no MCHAP com quatro obras destacadas e o único estrangeiro ao território a figurar nessa lista. Todos estes, além de terem suas obras destacadas como “Outstandings”, também são selecionados como finalistas de suas respectivas edições. Suas

participações, no entanto, estão limitadas as duas primeiras edições, em que o retorno do capital para a iniciativa, ainda em seu estágio inicial, tem maior relevância.

Não à toa, neste mesmo conjunto estão presentes os três primeiros vencedores da categoria principal do MCHAP. Na primeira edição foram premiadas duas obras, a Fundação Iberê Camargo (FIGURA 27), localizada em Porto Alegre, Brasil, projeto do português Álvaro Siza, referente ao período entre 2000 e 2008 e o 1111 Lincoln Road (FIGURA 28), em Miami, EUA, da dupla suíça Herzog e de Meuron representando as obras entre 2009 e 2013. Na edição seguinte a obra premiada foi Grace Farms em Nova Canãa (FIGURA 29), EUA, do escritório japonês SANAA (QUADRO 05). Por mais que projetos de americanos compartilhassem espaço entre os finalistas, a escolha dessas obras realizadas por estrangeiros com amplo prestígio internacional, alinham o MCHAP com os movimentos destacados por English (2005), dada a busca por uma repercussão internacional e um capital cultural e simbólico.

Na terceira edição foi premiado o Edifício E da Universidade de Piura (FIGURA 30), em Piura no Peru, do escritório peruano Barclay & Crousse. Na quarta edição, de 2022, o prêmio foi para a reforma e expansão do Museu Anahuacalli (FIGURA 31), na Cidade do México, México, do Taller / Maurício Rocha. Por fim, na edição mais recente, lançada em 2024 e finalizada em 2025 foi premiado o projeto para Thaden School (FIGURA 32), em Arkansas, EUA, dos escritórios norte-americanos EskewDumezRipple, Andropogon Associates e Marlon Blackwell Architects (QUADRO 05). Este último também foi responsável pelo projeto para o pavilhão dos EUA na Bienal de Veneza de 2025. Há, nessas três últimas edições, uma mudança no perfil das obras premiadas, com todas se tratando de projetos com autoria de americanos, na verdade, todos os projetos finalistas dessas edições possuem essa característica, configurando uma mudança no discurso do prêmio.

FIGURA 27 - EDIFÍCIO PARA A FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO



Fonte: (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, s.d., Winners

FIGURA 28 - 1111 LINCOLN ROAD



Fonte: (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, s.d., Winners

FIGURA 29 - GRACE FARMS



Fonte: (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, s.d., Winners)

FIGURA 30 - EDIFÍCIO E, UNIVERSIDADE DE PIURA



Fonte: (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, s.d., Winners)

FIGURA 31 - REFORMA E AMPLIAÇÃO DO MUSEU ANAHUACALLI



Fonte: (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, s.d., Winners)

FIGURA 32 - THADEN SCHOOL



Fonte: (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, s.d., Winners)

QUADRO 05 - OBRAS PREMIADAS NA CATEGORIA AMERICAS

	Obra	País	Escritório
2014	Iberê Camargo Foundation	Brasil	Álvaro Siza
	1111 Lincoln Road	EUA	Herzog e De Meuron
2016	Grace Farms	EUA	SANAA
2018	Edificio E, Universidad de Piura	Peru	Barclay & Crousse Architecture
2022	Anahuacalli Museum, remodeling and expansion	México	Taller Mauricio Rocha
2024	Thaden School	EUA	EskewDumezRipple, Marlon Blackwell Architects e Andropogon Associates

Fonte: elaborado pelo autor, 2025

Esse protagonismo para os arquitetos americanos está presente em todas as edições da categoria Emerge, conforme o quadro 05. Foram premiados a Casa Poli (FIGURA 33), em Tome no Chile do escritório Pezo Ellrichausen, o Pavilhão no Zocalo (FIGURA 34), da PRODUCTORA na Cidade do México, a Unidade Comunitária de Rozana Montiel Saucedo Estudio de Arquitetctura (FIGURA 35), também na Cidade do México, a Barragem do Aterro de Colosio (FIGURA 36), em Nogales, México, pela Escola de Arquitetura UNAM e os arquitetos Loreta Castro Reguera e José Pablo Ambrosi, e por fim, em 2024 o Centro Comunitário Productivo Las Tejedoras do Natura Futura e Juan Carlos Bamba em Chongón no Equador (FIGURA 37).

Esses premiados também demarcam transformações que se alinham com o período de mudanças na categoria principal. Nas duas primeiras edições foram premiadas arquiteturas que ou não possuem impacto na vida da comunidade em que se localiza, como é o caso de uma residência privada de temporada, ou seu impacto é temporário e servem a um propósito específico que não a constituição de um espaço urbano duradouro, como é o caso de uma instalação temporária. A partir da terceira edição, impera nas obras premiada dessa categoria a presença de espaços públicos permanentes, impactando os lugares que se inserem e transformando seus contextos.

FIGURA 33 - CASA POLI



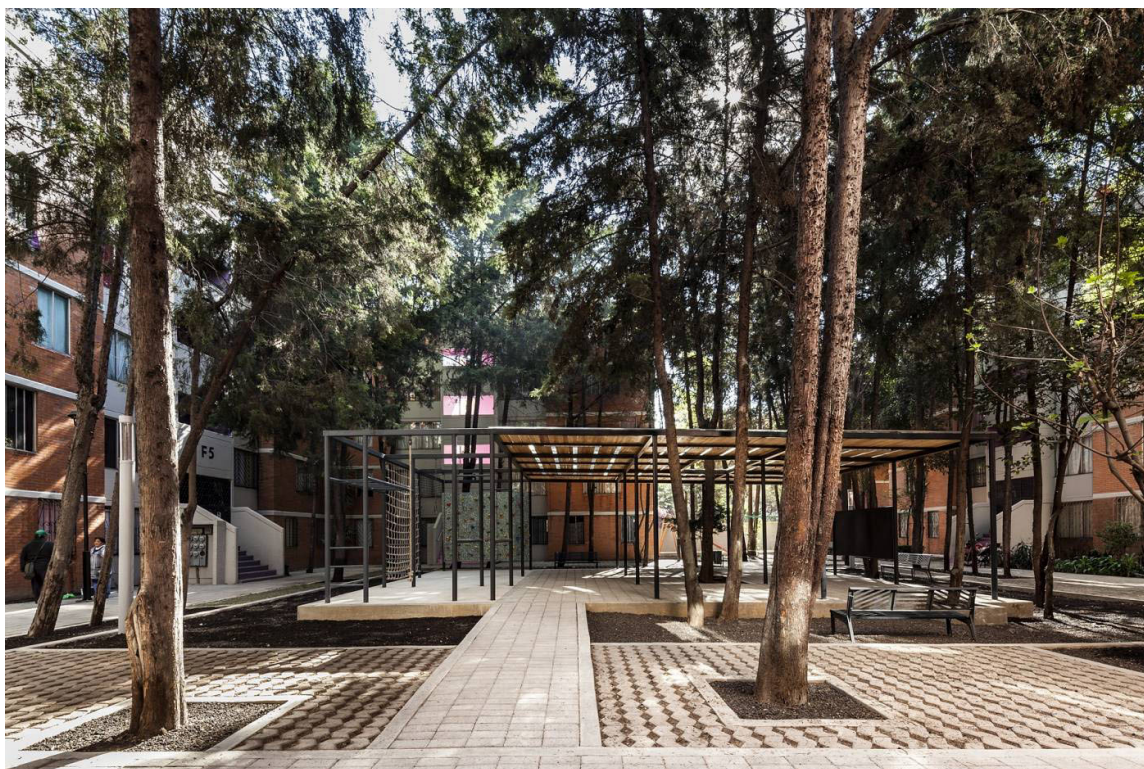
Fonte: (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, s.d., Winners)

FIGURA 34 - PAVILHÃO EM ZÓCALO



Fonte: (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, s.d., Winners)

FIGURA 35 - UNIDADE COMUNITÁRIA



Fonte: (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, s.d., Winners)

FIGURA 36 - COLOSIO EMBANKMENT DAM



Fonte: (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, s.d., Winners)

FIGURA 37 - CENTRO COMUNITÁRIO LAS TEJEDORAS



Fonte: (MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE, s.d., Winners)

QUADRO 06 - OBRAS PREMIADAS NA CATEGORIA EMERGE

	Obra	País	Escritório
2014	Poli House	Chile	Pezo von Ellrichshausen
2016	Pavilion on the Zocalo	México	PRODUCTORA
2018	Common Unity	México	Rozana Montiel Estudio de Arquitectura
2022	Containing the flood: Colosio Embankment Dam	México	School of Architecture UNAM / Loreta Castro Reguera e José Pablo Ambrosia
2024	Centro Comunitario Productivo Las Tejedoras	Equador	Natura Futura + Juan Carlos Bamba

Fonte: elaborado pelo autor, 2025

A realização de cinco edições do prêmio e a sua existência há mais de dez anos, constituem uma arena para diversas questões pertinentes a movimentação do capital simbólico. O olhar geral para o conjunto de obras mobilizados retratam um cenário que, apesar das omissões é balanceado e aborda questões pertinentes a realidade Americana. O olhar específico para cada edição aponta uma mudança nas obras destacadas, de início alinhadas com as práticas e discursos acerca da arquitetura contemporânea global. Essa mudança, no entanto, não se distancia desse mesmo discurso global, sujeito a adaptações e que tem, nesse intervalo que se sobrepõe ao MCHAP, direcionado o olhar para as práticas com preocupações de sustentabilidade social, econômica e ecológica, que como destaca Hernández (2009) estão em pleno desenvolvimento no território latino-americano.

Esses exemplos podem ser percebidos naquelas que Lima (2022) destaca como instituições de prestígio na prática de arquitetura no ocidente como o Prêmio Pritzker, em que, desde os anos 2010 tem imperado um olhar para essas questões nas premiações para Shigeru Ban (2014), Alejandro Aravena (2016), Francis Diabedo Keré (2022), Riken Yamamoto (2024); e na Bienal de Veneza com temáticas como Reportando do Front (2016), Como Viveremos Juntos? (2021), O Laboratório do Futuro (2023) e Intelligens. Natural. Artificial. Coletivo. (2025). Por mais que nas edições recentes esses nomes ou aqueles envolvidos nessas iniciativas não apareçam diretamente no prêmio, seus temas sim.

Desse modo o MCHAP mantém o diálogo com práticas de movimentação do capital simbólico internacionalmente reconhecidas, mas passa a incluir nomes e obras destacados pelas práticas do próprio território, sobretudo, da BAQ, como é o caso de Barclay & Crousse, Taller Maurício Rocha, Taller Gabriella Carrillo, adamo-faiden que estão presentes desde o início de sua atuação na Bienal, mas só encontram repercussão no MCHAP a partir da terceira e, principalmente, nas duas últimas edições. Assim, o que se percebe no MCHAP é um ajuste de discurso para perpetuar o objetivo que está na base de todo prêmio, obter o prestígio para conferir prestígio.

Por mais que o passar das edições apontem para a predominância da América Latina, a diminuição de foco para os EUA e Canadá e uma notável representação da prática mexicana, o seu caráter de sintetizar a realidade, as dimensões do território abrangido e a diversidade de suas práticas, inevitavelmente, caracterizam a iniciativa como promotora de um discurso marcado pelas ausências. Isto não significa nem

diminui a contribuição que ela promove, dado que, a mobilização, documentação e sistematização de mais de mil obras dentro desse território é um esforço notável e que tem muito a contribuir com o desenvolvimento do campo. No entanto, a não divulgação e esclarecimento dos métodos diminuem o impacto e as possíveis contribuições que a iniciativa poderia alcançar. Não é necessário dar conta de tamanha variedade que é a arquitetura contemporânea nas Américas, sendo esta uma tarefa impossível, mas é importante, assim como em todo prêmio, que esteja claro em todo momento que esta é apenas a parte da realidade que interesse aqueles agentes envolvidos no processo.

4.3 SEÇÃO COMPARATIVA

A grande quantidade de premiações que existem atualmente, maior que em qualquer outro momento da história (CHUPIN, 2023), impossibilitam a compreensão dos eventos aqui abordados enquanto fenômenos isolados, descolados da realidade, dos efeitos da globalização e dos apelos midiáticos. Conforma-se uma arena complexa em que compreensões holísticas e sintetizadoras incorrem, cada vez mais, em omissões e generalizações incapazes de representar a realidade que agora pode, ao menos em teoria, ser acessada por aparelhos que cabem na palma da mão. Ainda que a movimentação do capital simbólico seja uma consequência das ações do prêmio, ela acontece em diferentes momentos do PLARS e do MCHAP, contribuindo com estabelecimento ou afirmação parâmetros de validação para a arquitetura produzida nas Américas, nos pontos que compartilham e que diferem.

A criação de um prêmio em memória a vida e/ou atuação de uma figura relevante, carrega questões como a perpetuação do seu legado e a transferência das qualidades do homenageado para os envolvidos e os premiados na iniciativa (ENGLISH, 2005). Opera a extensão da movimentação do capital simbólico para além da vida biológica dessas figuras, para que seus valores, ao menos os mais destacados, apropriados para o momento e de interesse dos seus herdeiros, continuem a circular e adquirir valor ao longo do tempo.

No PLARS esse fator é potencializado pelo lócus de enunciação da iniciativa ser o mesmo de seu homenageado, bem como por ser organizado pela fundação criada em seu nome. No MCHAP essa mesma característica é enfraquecida por utilizar da obra e da estadia temporária de um arquiteto estrangeiro, dotado de capital simbólico, para estabelecer suas bases sem estabelecer contato com a fundação responsável pelo legado desse mesmo arquiteto.

Como alerta Waisman (1990 [2013]), todo ser humano existe em um meio sociocultural que constitui o seu pensamento, e que mesmo superando seus limites, atuará a partir dessa base. Assim, demarcam-se posições claras frente ao campo, com o PLARS se colocando como uma iniciativa latino-americana voltada para a América Latina, e o MCHAP se estabelecendo como uma prática Americana, mas com abertura e diálogo com o cenário global de arquitetura.

Ambas as premiações buscam delegar o prestígio a partir dos projetos construídos, movimento que, de acordo com Arango (2012a), tem como base a ideia de assentar o prêmio na realidade, destacando o que já foi realizado, e, portanto, poderia servir de inspiração, e amplificando a difusão da arquitetura contemporânea produzida na região. Essa delimitação coloca em julgamento objetos imóveis, cujo as características físicas e materiais serão avaliadas e estarão mais presentes nas representações e, conseqüentemente, na divulgação. No entanto, os métodos de seleção e os critérios de análise também consideram os debates e as representações em que elas estão envolvidas, perpassando pelos autores, os locais de inserção, pelo público, orçamento e demanda do cliente, questões subjetivas que possibilitam a polarização e a constituição de diferentes discursos.

O critério de presença e utilização do espaço público para a seleção de obras no prêmio Rogelio Salmona, é o traço distintivo principal entre as iniciativas, viabilizando um discurso que parte em todo momento de uma temática relevante para o contexto em que desempenha a atribuição do prestígio. Ainda que isto limite o universo das obras, ele aproxima do objetivo de constituir um repositório de práticas que considerem a arquitetura, o urbanismo e a obra do próprio Salmona.

No MCHAP, a premiação de forma indiscriminada amplifica a disputa e, conseqüentemente, a distinção, dado o número de objetos passíveis de indicação. Esse movimento amplia a variedade de discursos possíveis, adaptando-se a realidade, mas também, ao longo de sucessivas edições, constituindo contradições dentro da própria iniciativa, minando o seu próprio capital simbólico e aquele que é capaz de conferir. Um dos conflitos aparecem nos critérios subjetivos destacados em seu site, que em muito pouco dialogam com a prática e os discursos do arquiteto que utilizam como base para o seu capital simbólico.

Em ambas as iniciativas o capital social das instituições e dos agentes que organizam são fundamentais em seus processos de consolidação, atuando na mobilização de indivíduos interessados a se dedicar a disputa proposta. No primeiro ciclo do prêmio Rogelio Salmona, a divulgação dos nomes dos integrantes da equipe local responsável pela mobilização inicial das obras possibilita definir o lócus de enunciação, elucidando, ainda que panoramicamente, os contextos, discursos e práticas que lhe são mais familiares.

A manutenção dos chefes dessas equipes como jurados demarca o comprometimento com a iniciativa e com as obras concorrentes. Assim, os jurados apresentam centralidade na movimentação do capital simbólico, participando do processo de seleção desde o início, mapeando, coletando informações, apresentando, e, de certa forma, advogando por suas escolhas no primeiro momento e tomando parte na decisão final. No entanto, as mudanças realizadas na estrutura entre os dois ciclos afetam diretamente a atuação do júri como ponte entre as obras e a iniciativa. Retira-se o trabalho de curadoria que, apesar de suas lacunas, garantia uma representação embasada em critérios para atender às demandas do prêmio e representar o território latino-americano, para colocar uma disputa centrada na recompensa oferecida.

No MCHAP esses movimentos se diluem nos diferentes agentes que realizam essas escolhas, como os indicadores anônimos e os jurados. A falta de dados acerca da primeira etapa de seleção impõe obstáculos para a compreensão da iniciativa, ocultando o cenário inicial, fundamental para o desenvolvimento do prêmio. Ainda que esse processo limite a atuação dos jurados, analisando as obras a partir de um conteúdo base que é submetido a instituição, igual para todos os concorrentes, e do conhecimento prévio dessas obras para determinar os projetos “Outstandings” e finalistas, também os preservam quanto as ausências.

Assim, o capital simbólico dos jurados não está presente desde o início, diminuindo a percepção do seu comprometimento com a escolha. No recorte das obras finalistas há o desenvolvimento de um maior capital social e cultural para os selecionados a partir das visitas as obras, em que estabelecem um contato direto com os membros do júri e da instituição, e nas viagens, palestras e rodas de conversa que realizam durante a cerimônia de premiação. Esses acontecimentos têm parte fundamental na disputa que o MCHAP propõe, elevando o comprometimento dos agentes envolvidos e adquirindo um maior prestígio através do investimento de capital financeiro, mas também por compartilhar a compreensão da vivência do espaço como um traço distintivo para o julgamento da arquitetura perante outras formas de arte.

Em ambos os casos, não foi possível identificar se as pessoas envolvidas no prêmio, incluindo os responsáveis pela seleção e julgamento, são remuneradas financeiramente por essa tarefa que demanda tempo, conhecimento e os diferentes capitais dessas figuras. Essa condição dialoga com a percepção de English (2005), de que eles devem parecer interessados para maximizar o capital simbólico

transferido, pois a existência de uma quantia associada poderia levar a percepção de que estão realizando a tarefa pela recompensa financeira e não pelo prestígio e dedicação ao campo e ao capital cultural e simbólico que os concorrentes almejam.

No processo de seleção também opera uma diferença na quantidade e quando as obras são levadas para o conhecimento público. No PLARS a divulgação ocorre apenas para as obras consideradas como finalistas, uma seleção reduzida e realizada pelo júri, concentrando a atenção e o capital simbólico conferido neste momento. Colabora ainda o termo de finalista, colocando-as em uma posição distinta e deixando claro a continuidade da disputa em que estas obras estão inseridas. A divulgação seguinte, com o vencedor e as menções honrosas, encerram a iniciativa, concentrando o capital simbólico adquirido durante todo o processo.

Para a categoria principal do MCHAP a divulgação de mais de cem obras, passando de duzentas nas edições mais recentes, selecionadas por figuras anônimas, que, por consequência, não compartilham de seu capital simbólico, provocam um impacto menor no prestígio atribuído a esses objetos. Mesmo que obtenham um maior alcance através da quantidade de arquitetos ali representados que compartilharão tal reconhecimento, este estará diluído entre outras centenas, minando assim o caráter de exclusividade e diferencial, que como aponta English (2005), é fundamental para a efetividade na atribuição do prestígio. Isto pode ser percebido na menor repercussão em portais, periódicos de arquitetura e nas próprias redes sociais do MCHAP, que, quando publicam esta etapa, se além ao panorama geral, com uma lista das obras e autores, sem imagens ou desenhos que possibilitem um maior contato.

A grande quantidade de objetos ainda permanece na seleção dos “Outstandings”, que concentra o reconhecimento e introduz o capital simbólico dos jurados na equação. Essas sucessivas etapas provocam confusão na repercussão da iniciativa, com as obras sendo referidas como vencedoras já nessa etapa, como em Walsh (2018), e que para o leitor desatendo ou pouco familiarizado com a iniciativa, pode parecer o reconhecimento máximo concedido pela organização. No entanto, essa atribuição sucessiva de capital simbólico, promovendo maior recorrência e oportunidades para o reconhecimento, provoca o observado por Stevens (1998) acerca das contribuições de uma exposição em constituir pontos de contato e narrativas onde antes existiam apenas objetos dispersos.

Apesar do seu lançamento, a realização das edições de modo simultâneo e de dedicar seu olhar para as obras construídas após os anos 2000, os recortes temporais de abrangência para as duas iniciativas são diferentes. Enquanto na primeira edição do MCHAP foram consideradas as construções de 2000 até 2013, nas demais foi levado em consideração apenas aquilo construído no intervalo entre uma edição e outra, resultando, até o momento, em uma abrangência total da produção realizada entre 2000 e 2023. Nesse formato, as obras que ficaram de fora da seleção que abrangia seu período de conclusão, não podem ser posteriormente selecionadas. No PLARS, opta-se por considerar a todo momento o recorte desde o ano 2000, adicionando a cada nova edição os novos anos que se enquadrem nesse critério, com a iniciativa chegando até a produção do ano de 2019.

Concentrando-se na produção imediata do território, o MCHAP coloca maior ênfase na questão do contemporâneo, aquela em plena circulação nos portais e publicações de rápida disseminação do campo arquitetônico. Por outro lado, essa configuração impossibilita que lacunas ou omissões possam ser sanadas pelas edições seguintes. Com exceção da primeira edição, em que o MCHAP considerou um recorte expandido, a premiação de obras com pelo menos cinco anos de uso pelo PLARS, impossibilitam que as duas iniciativas repercutam as mesmas obras no mesmo momento. Esse distanciamento temporal desloca a premiação latino-americana do frenético movimento do apelo midiático, e simbólico, de falar sobre aquilo que está sendo realizado e repercutido no momento, além de possibilitar um, ainda que breve, distanciamento histórico.

Mesmo que essas diferenças decorram da abordagem e recorte que propõem, elas posicionam as iniciativas em diferentes posições dentro do campo e dos seus papéis na representação da prática contemporânea na América Latina. Com o MCHAP dedicando atenção a prática mais recente e constituindo uma das vias para a repercussão internacional dessas obras, e o PLARS se voltando para a construção de um acervo de práticas efetivas envolta de uma temática pertinente a história e aos problemas recentes do mesmo território.

Apesar dessas diferenças, as iniciativas apresentam certa convergência nas obras, com diversos finalistas do PLARS constando na seleção inicial do MCHAP, todos na categoria Americas. Dentre as destacadas como “Outstanding” aparecem apenas duas obras, entre elas o projeto vencedor da categoria Colômbia da edição

de 2024 do PLARS. Assim, o PLARS é colocado na posição de repercutir obras já destacadas pela premiação norte-americana, como na obra mencionada, destacada como Outstanding em 2018, ou de explorar as suas lacunas, como nas demais obras vencedoras do Rogelio Salmona que sequer estão entre os indicados para o MCHAP.

Nesse contexto, a obra do Restaurante Mestizo, do arquiteto chileno Smiljan Radic, apresenta particularidade ao ter sido selecionada como finalista para a primeira edição do MCHAP, recebendo a visita do júri e com seu arquiteto presente na cerimônia de premiação. Esta mesma obra foi selecionada para a segunda edição do PLARS, no entanto, os responsáveis não submeteram os materiais solicitados pela organização, tornando esta a única obra a ser desclassificada da premiação. Tal acontecimento demarca a característica de disputa que ocorre entre iniciativas dessa natureza, reforçando o papel dos arquitetos e clientes de decidir em que arenas e quais capitais simbólicos possuem interesse em compartilhar.

Esse contexto de sobreposição também está presente no júri, principalmente com o segundo ciclo do PLARS, que promoveu mudanças nas vinculações dos integrantes, selecionando figuras da prática arquitetônica como os mexicanos Sol Camacho e Maurício Rocha. A primeira é parte integrante da diretoria do MCHAP para o ano de 2025 e o segundo realiza um movimento semelhante em ambas as premiações, em que, ao ser destacado como menção honrosa no PLARS de 2018 e ter vencido a categoria Americas no MCHAP de 2022, retorna na edição seguinte para desempenhar o papel de jurado nas edições mais recentes, de 2024. É possível ainda mapear a participação de Ruth Verde Zein, jurada da região Brasil nas duas primeiras edições do PLARS e integrante da equipe regional na terceira e como uma das indicadoras anônimas para a quarta e quinta edições do MCHAP (ZEIN, 2023)

Manifesta-se o entendimento de Bourdieu (1979 [2006]) de que a participação e o reconhecimento em disputas conferem a autoridade em delegar prestígio, sendo este, de acordo com English (2005), um movimento característico das premiações. O MCHAP faz desse acontecimento comum uma recompensa prevista na estrutura, explicitando essa movimentação que também ocorre no PLARS, mas sem esse mesmo rigor, abrindo espaço para que o capital social e o cultural obtido em outras disputas tenham papel na escolha dos integrantes do júri.

Ainda sobre o júri e o segundo ciclo do PLARS, a figura de Carlos Jiménez como jurado internacional demarca uma nova posição que as duas premiações ainda

não tinham manifestado de forma explícita, a associação direta com o Prêmio Pritzker, ao trazer um agente envolvido com essa iniciativa. Isto demarca a busca de novos espaços de repercussão para a iniciativa latino-americana, em que a inserção internacional passa de uma instituição de críticos e pesquisadores de arquitetura, o CICA, para uma que pode envolver essas figuras, mas cujo horizonte é a prática.

O formato de seleção e de região adotado pelo primeiro ciclo do PLARS, manifesta a intenção de abarcar as diferentes culturas arquitetônicas presente no território, possibilitando que a distribuição das obras seja algo previsto na estrutura. Apesar do maior número de indicados, a ausência de uma ferramenta como essa no MCHAP incorre numa distribuição limitada para as obras destacadas. Olhando para o conjunto de todas as edições, o prêmio Rogelio Salmona destacou, dentre as oitenta e seis obras, catorze países ao longo das quatro edições, enquanto o MCHAP destacou apenas treze países como local das duzentas e oito obras “Outstandings”.

Ainda que essa quantidade esteja próxima, a discrepância quanto ao número total de obras selecionadas pelo júri conforma um cenário de lacunas para o MCHAP, em que frente a um universo e território mais amplo, apenas cerca de um terço dos países encontra-se ali representado. Além disso, todas as lacunas vêm de países que fazem parte da América Latina, mais especificamente da América do Sul e Central, tendo esta última apenas um país representado em todas as cinco edições.

Uma das possibilidades para mitigar essas lacunas são as inscrições, presentes no primeiro ciclo do PLARS, realizada pelos autores ou por terceiros para apreciação das equipes regionais e possível seleção para integrar o conjunto de finalistas. No MCHAP, os arquitetos dependem exclusivamente do sistema de indicação para a escolha de sua obra. Assim, a iniciativa norte-americana coloca maior ênfase no capital social e cultural que os produtores e as obras necessitam para sequer serem considerados. Nenhuma das premiações conta com a participação do público em alguma parte de sua seleção, configurando um discurso com maior homogeneidade e reforçando a característica das iniciativas como uma prática endógena, um recado do campo para o campo.

Os principais meios de repercussão para ambas as iniciativas são as ferramentas virtuais, com publicações em sites de arquitetura que repercutem cada um de seus movimentos, e as mídias sociais, que a partir de postagens, das próprias iniciativas, dos seus integrantes e participantes ou desses mesmos sites, as obras e

os prêmios percorrem o mundo. Apesar de sua relação com o SAL, o CICA e com diversas figuras com papel na publicação de periódicos, o PLARS nunca foi destaque de uma edição especial ou apresentou matérias dedicadas a reproduzir e teorizar em cima de seus resultados. Já o MCHAP possui repercussão em periódicos como Arquine, PLOT e Architectural Record, todas com matérias voltadas para as obras finalistas de diferentes edições, reafirmando assim o maior capital simbólico presente nessa etapa. Essas relações com diferentes ferramentas de movimentação do capital simbólico estão presentes desde o lançamento das iniciativas, em que para o PLARS ocorreu durante o SAL e para o MCHAP no CCA, um centro irradiador de conhecimento e prestígio para a arquitetura produzida globalmente.

No entanto, o que se destaca é a atuação das próprias organizações para estender e perpetuar a movimentação do capital simbólico, um movimento que produzem efeitos nas obras, mas também em si próprias. As exposições, ainda que limitadas aos locais em que são organizados esses prêmios, constituem um esforço de divulgação e de ampliação do alcance e impacto da iniciativa. Essa característica, porém, está mais presente nas publicações de seus livros e catálogos. Essa prática de documentação, registro e publicação perpetuam o prestígio do prêmio e possibilitam sua inserção em novos espaços de circulação.

No caso do PLARS, a publicação detalhada de todas as edições, contando com a estrutura, obras e textos de reflexão, encapsulam os temas e objetos, possibilitando seu conhecimento e repercussão para além daquele momento. Não à toa, esse formato de publicação foi mantido mesmo após as mudanças realizadas para a quarta edição. No entanto, essa centralidade na iniciativa limita o alcance, atingindo majoritariamente as figuras interessados por ela, seus agentes e o seu discurso. Para o MCHAP, publicações centradas e carregando o nome da iniciativa foram realizadas apenas nas duas primeiras edições, com maior presença dos temas do que sobre a iniciativa em si. A descontinuidade dessa prática e o direcionamento para livros de autoria dos vencedores, possibilitam uma maior circulação do produto, alcançando os interessados pelos autores, pelo tema e pela premiação.

Essas diferenças nas publicações também dialogam com a forma que os prêmios lidam com a divulgação dos seus processos. O PLARS apresenta em seus catálogos textos que elucidam a sequência de eventos e propõem reflexões em cima desses acontecimentos. No MCHAP, o acesso as informações sobre edições que não

sejam a mais recente ou a que está se desenvolvendo se limitam as notícias da própria instituição e da imprensa. A partir disso, consolida-se, ao menos para o primeiro ciclo do PLARS, a intenção de constituir um repositório de práticas arquitetônicas no qual debates e construções críticas podem ser desenvolvidas, levando adiante o objetivo central colocado pela fundação de fomentar debates e projetos. Já no MCHAP, centraliza-se, a partir da carência das informações sobre o processo e de reflexões acerca da iniciativa, a concessão do prestígio como principal contribuição e legado.

Quanto as atas de julgamento de ambas as premiações, é percebida a continuidade ao dominante na prática, como percebido por English (2005). No PLARS elas se apresentam como breves descrições práticas da seleção interna e ainda mais breves comentários acerca das obras destacadas, menções honrosas e premiada. No MCHAP, em continuidade com a ausência de documentação do processo, sequer há uma ata de julgamento a ser divulgada e analisada. Existe apenas uma citação do júri, realizada no momento da entrega da premiação em que são destacados pontos considerados relevantes para a atribuição do prestígio.

Ainda que em ambas se esteja lidando com narrativas colocadas pelos organizadores, a documentação sistemática realizada pelo PLARS possibilita uma melhor compreensão da estrutura, critérios e, conseqüentemente, da seleção realizada, dialogando assim com o colocado por Arango (2012) ao ponderar a estrutura como um primeiro discurso da organização e a sua divulgação como uma etapa fundamental para que a iniciativa seja, além de um vetor de divulgação, um palco para a crítica. Além disso, esse registro contribui para o rastreamento das mudanças no interior da própria iniciativa, como a realizada no segundo ciclo. No caso do MCHAP o que se estabelece é um sigilo e uma endogenia que colocam obstáculos para a compreensão e, conseqüentemente, as críticas, conformando e consolidando determinados círculos privilegiados. Essa característica é evidenciada pelo fato das palestras, rodas de conversa e aulas realizadas pela iniciativa não serem transmitidas.

É marcante que além de terem sido lançadas concomitantemente, com suas edições sempre acontecendo em paralelo, ambas as iniciativas tenham passado por um hiato e por modificações que impactaram seus discursos. No PLARS, a inserção de uma primeira seleção realizada através de inscrições pagas, afeta a premiação em si. Também foi alterada a característica dos jurados, com uma maior participação de profissionais da prática, em que arquitetos destacados, ou seja, que absorveram

capital simbólico, nas primeiras premiações, agora retornam na função de conferir valor e partilhar do capital próprio, como é o caso do mexicano Maurício Rocha.

Para o MCHAP, estende-se a sua presença a partir do desenrolar de cada edição durante dois anos, ou seja, mesmo com periodicidade bienal para o lançamento da edição, em todos os anos há algum evento da iniciativa acontecendo, dedicando o primeiro a categoria Emerge e a primeira etapa da categoria principal, e o segundo ano para a sua conclusão, possibilitando uma maior exposição e tempo para a apuração da categoria Americas, mas também para o alcance e aderência do prestígio atribuído em cada uma das etapas.

Além disso, a partir dos novos critérios, amplia-se o olhar para o impacto das obras em seus respectivos contextos socioculturais e ecossistemas em ambas as categorias. Como resultado, as práticas estrangeiras e de escritórios globais, vencedores dos três primeiros prêmios da categoria principal, são deixadas de lado, resultando numa maior participação e consagração de arquitetos latino-americanos. Essa hierarquia geográfica da representação se configura como uma disputa de capital simbólico, desenvolvida sob uma arena, da arquitetura, e um espaço geográfico, a América Latina, que não é novidade.

Diante do cenário global, percebe-se uma aproximação dessa representação e dessas temáticas, em pleno desenvolvimento na periferia mundial, da qual a América Latina faz parte, por práticas como o Pritzker. O prêmio de maior reconhecimento social no âmbito global da arquitetura, tem destacado em diferentes oportunidades, sobretudo após 2009, profissionais que atuam tanto no centro quanto na periferia, e cujo discurso tem como base soluções sustentáveis e uso racional dos meios apoiados sob os condicionantes e a realidade do local (SEABRA, 2016).

Apesar dessa relevância latino-americana e da associação que ambas as premiações estabelecem com as demais práticas de movimentação do capital simbólico, é notável que a figura de Alejandro Aravena, laureado pelo Pritzker em 2016, receba apenas uma indicação para a primeira edição do MCHAP. Ainda que sua ausência no PLARS possa ser justificada pelos critérios do espaço público, o seu ínfimo destaque em ambas as iniciativas, centradas no território latino-americano, seu principal lócus de enunciação e atuação, revela um descompasso entre as práticas. Configura-se mais uma disputa envolvendo as premiações em si e suas instituições,

em que os discursos heterogêneos por um lado podem apontar para a pluralidade da realidade americana, por outro, criam uma desconfiança no público.

Como recompensa, ambas as iniciativas oferecem formas imateriais do capital, dado que até a quantia financeira concedida pelo MCHAP deve ser utilizada para este fim. Esta prática corrente entre premiações enfatizam a importância das contribuições de Bourdieu e de suas teorias para os estudos das premiações. As adaptações realizadas nos dois prêmios após um hiato, apontam para uma convergência entre as práticas, seja no mecanismo, com o PLARS retirando do júri a tarefa de mobilizar as obras que farão parte da disputa, deixando para eles apenas o papel de julgamento, ou no discurso, a partir da colocação de critérios subjetivos destacados desde a primeira edição do prêmio Rogelio Salmona para o MCHAP.

Não é à toa que a partir desse momento o MCHAP passe a integrar uma rede global de prêmios de arquitetura, em que diferentes lacunas são contempladas e cujo a centralidade do discurso latino-americano fica a cargo dessa iniciativa. Assim, a alteração no discurso preenche uma lacuna dentro da dinâmica global que possibilita a inserção em novos circuitos, capazes de garantir um renovado capital simbólico e uma nova posição dentro do campo. Como afirma Barbosa (2023), o fato das edições especiais de diferentes revistas acerca da produção contemporânea da América Latina dialogarem entre si em objetivos, linguagens e equipes possibilita supor uma noção de unidade sobre como tais arquiteturas são abordadas. O olhar para uma premiação de abrangência e origem latino-americana e outra americana colocam um contexto em que aproximações desse tipo são mais escassas, mas existem.

Assim, o olhar comparativo para as iniciativas revela um cenário difuso, em que aproximações e afastamentos podem ser percebidos. Do recorte temporal e geográfico, passando pelos critérios de seleção, os mecanismos, os jurados e chegando até os resultados, confirma-se a tendência de homogeneização dos prêmios, percebida por English (2005) e Gallus e Frey (2016b). A partir do capital já acumulado nas edições anteriores, os organizadores realizam mudanças para perpetuar seus objetivos principais, que não necessariamente são aqueles explicitados. Os movimentos realizados no PLARS indicam a necessidade de mobilizar um capital financeiro e reduzir custos, simplificando o processo de seleção e angariando fundos para realizar os procedimentos que ainda são necessários para a configuração de um prêmio. Além disso, a mudança da natureza do capital simbólico

oferecido a partir do júri, apontam para uma tentativa de reconhecimento pelos próprios pares da prática, colocando tensões no papel de representação da arquitetura entre os arquitetos de ofício e os críticos e pesquisadores.

No caso do MCHAP, busca-se sintonizar o discurso com as temáticas em ascensão nas demais práticas de movimentação do capital simbólico de repercussão global. Ou seja, colocam em movimento uma série de estratégias para alinhar os discursos e possibilitar o compartilhamento de capital simbólico com essas iniciativas, dentro da lógica que, se falam a mesma língua, se alinham e compartilham as bases. Assim, a arquitetura produzida na América Latina se torna um ativo em que se investe para obter o retorno em prestígio, ficando ainda mais explícito pelo MCHAP não coordenar tal movimento com práticas de discussão, debate e reflexão dentro desse território, ou ao menos com a transmissão desses eventos realizados para ele.

Confirma-se que não apenas os resultados, mas também a estrutura, critérios de seleção, critérios de julgamento, composição do júri e os organizadores constituem diferentes etapas de um discurso e da movimentação do capital simbólico, de modo que mudanças em qualquer um desses aspectos impactarão a percepção do prestígio que essas iniciativas possuem e que, conseqüentemente, são capazes de conferir.

Ainda que, como afirma Zein (2018), a dimensão continental da América Latina dificulte a tarefa de representar sua arquitetura contemporânea com apenas um edifício, tal tarefa foi, e continua sendo realizada pelas duas premiações. A participação, ou não, em um evento de movimentação do capital simbólico jamais esgota as definições e o que pode ser pensado e discutido sobre uma obra, a qualquer momento um outro olhar lhes trará nova vida. Sendo estas, práticas que buscam observar a produção dita contemporânea e estando situado num contexto marcado pelas revisões historiográficas que desconstroem as narrativas míticas que operam dentro de uma lógica de centro e periferia, seria importante ultrapassar os limites da prática e ampliar o debate incluindo modos diferentes de pensar e fazer arquitetura.

A necessidade de um ajuste de rota temática colocado para essas iniciativas repercute a importância de adaptação para os prêmios dedicados a produção recente. No entanto, tais ajustes precisam ser acompanhados de reflexões quanto a estrutura e o processo, dado que, como colocado no tema da Bienal de Veneza de 2025, o futuro deve estar apoiado na coletividade e natureza, práticas como premiações, que sintetizam a diversidade em um punhado de práticas, ainda possuem espaço?

5. CONCLUSÃO

O trabalho aqui realizado teve como objetivo investigar as premiações de arquitetura contemporânea a partir da América Latina e das relações que estabelecem com as teorias de capital e poder simbólico de Pierre Bourdieu. A metodologia utilizada conjugou esses três universos, estabelecendo as bases para demonstrar que as premiações funcionam como mecanismos de obtenção, fortalecimento e movimentação do capital simbólico no campo da arquitetura e urbanismo a partir de dois prêmios americanos. A análise desenvolvida mostrou-se adequada ao realizar uma aproximação crítica dessas práticas, partindo da organização, passando pelos mecanismos, as figuras envolvidas no processo e, enfim, os resultados.

A partir da documentação sistemática das etapas, esse recorte, ainda que limitado, de objetos empíricos possibilitou estabelecer as premiações arquitetônicas como uma rede coordenada de práticas que, por pertencerem ao mesmo campo, ocupam posições relativas entre si. Ultrapassando as singularidades, as articulações com o meio em que se inserem mostraram que o seu funcionamento depende de um conjunto de relações que ultrapassam a barreira do material, manifestando-se nas diferentes formas de capital colocadas por Bourdieu (1987).

Compreendendo a impossibilidade da existência de um ponto de partida neutro para qualquer observação, o trabalho aqui realizado, a partir e com olhar particular para a América Latina, considerou as particularidades existentes na representação dessa produção através das práticas de movimentação do capital simbólico. O olhar direcionado as premiações complementa os estudos em desenvolvimento acerca dessas iniciativas, que, como pode ser percebido no trabalho de sistematização realizado em Chupin et al. (2023), ainda carece de abordagens centradas para produção e os prêmios latino-americanos.

O destaque para as sucessivas edições de duas premiações, centradas nas obras construídas e no cenário contemporâneo, elaboradas a partir de diferentes lugares, examinou as regras epistêmicas que possibilitam os discursos manifestados e as características individuais dos sujeitos falantes. Ao abordar o Prêmio Latino-Americano Rogelio Salmona torna-se evidente a intenção de desenvolver uma estrutura feita por e para a América Latina, em que os critérios de seleção e o método

são desenvolvidos, e os jurados, selecionados, a partir dessa compreensão. Ainda que a definição de um recorte para as obras que apresentem espaço público limite os discursos possíveis, ele enquadra a prática em uma posição que possibilita um aprofundamento dos debates e, assim, contribuir com a produção de arquitetura na região. Toda essa compreensão é possível apenas pela publicação sistematizada do processo e da reflexão que seus jurados constroem.

Essas características conferem ao PLARS uma posição de resistência (WAISMAN, 1990 [2013]) diante das premiações de maior repercussão do campo. Toma-se partido da posição periférica, geográfica e simbolicamente, para desenvolver uma abordagem que reconhece o papel das premiações na promoção de distinção, e utiliza disso para elaborar uma construção crítica pertinente, temática e temporalmente, ao local em questão. Ainda que as mudanças realizadas no seu segundo ciclo contribuam ativamente para a redução de seu papel enquanto uma vanguarda de reconhecimento e crítica do território, impactando o capital simbólico da iniciativa como um todo, o que já foi realizado não pode ser desfeito, com sua relevância permanecendo, seja ela reconhecida ou não.

O Mies Crown Hall Americas Prize por outro lado se coloca nesse cenário a partir de uma estrutura que compartilha diversos pontos com as mesmas práticas dominantes do campo. A premiação indiscriminada a partir do discurso de excelência arquitetônica está na gênese das premiações de arquitetura, como pode ser visto em Chupin et al. (2023). A prática norte-americana realiza uma mimetização dessas práticas, condensando e reelaborando uma série de características de diferentes prêmios e aplicando em um recorte geográfico ainda pouco explorado para cumprir o mesmo objetivo das demais, a distinção.

Este território, no entanto, marcado por relações de dominação e opressão de fora para dentro, mas também, no seu interior, conformam um cenário de desigualdade para o desenvolvimento das disputas intrínsecas as premiações que já se encontra presente na divisão em duas categorias a partir do tempo de atuação, ou melhor, do capital cultural incorporado. O lócus de enunciação a partir dos EUA e a reprodução de um discurso da prática estrangeira que sistematicamente colocou a produção da América Latina em uma posição periférica, se confirma nas duas primeiras edições, em que a realidade plural do território é não apenas reduzida a uma obra específica, mas, tais obras, são de escritórios estrangeiros a este local.

O ajuste temático realizado a partir da terceira edição, mas, sobretudo, após o hiato, demonstram a capacidade de adaptação que essas iniciativas possuem para que consigam ocupar diferentes espaços no interior do campo. O acervo construído a partir da mobilização de mais de mil obras, com a maior parte oriunda da América Latina, conferem a prática relevância enquanto um registro da produção realizada após o ano 2000 do território americano, que mesmo as lacunas de representação e as questões do mecanismo e do processo de julgamento são incapazes de diminuir.

Além disso, no esforço dessa pesquisa não foi possível localizar trabalhos acadêmicos que se dediquem a estudar a premiação MCHAP, nem mesmo através do contato formal com a organização do prêmio e alguns de seus agentes. Sendo uma iniciativa intrínseca a faculdade de arquitetura do IIT que realiza esforços para que o seu processo e realizações sejam devolvidos para o corpo universitário, essa ausência demanda atenção quanto aos resultados alcançados pela iniciativa. É inegável que o contato e a experiência com uma prática desse alcance e poder financeiro produzam repercussões em seus participantes, no entanto, como esses efeitos se manifestam, ainda é um horizonte que está por vir.

A continuidade, os hiatos e as mudanças em ambas as iniciativas, confirmam o pensamento de Bourdieu (1989 [2003]) acerca de que o poder de pautar um discurso público, como é o caso de uma premiação, depende da autoridade social adquirida em disputas anteriores, sendo um crédito obtido que pode ser reinvestido e acumulado. Torna-se mais fácil realizar ajustes em seus mecanismos e discursos do que voltar à estaca zero de estabelecer um novo objetivo e elaborar uma estrutura adequada a este.

Ainda que ambas realizem diferentes distinções dentro campo arquitetônico, compartilham o caráter de ser uma iniciativa de arquitetos para arquitetos, concentrando os impactos a este seleto grupo. Uma maior participação do público em geral, seja em alguma das etapas de seleção ou com a exposição do processo e resultados em meios e formatos de maior alcance poderiam contribuir para atingir uma parte fundamental da produção arquitetônica, a encomenda. Tal contribuição poderia incentivar um envolvimento embasado com a produção arquitetônica contemporânea, auxiliando o público a ir além das imagens.

Ainda que significativo, o relativo e limitado alcance do Prêmio Latino-Americano Rogelio Salmona e do Mies Crown Hall Americas Prize diante do sistema

de validação e reconhecimento da arquitetura, provocam questões sobre os interesses dos agentes institucionais e individuais da cultura e o papel que tais discursos desempenham na manutenção ou alteração da distribuição social do poder. Como destaca Anand e Watson (2004), por mais que o papel desempenhado pelos agentes influentes dentro dos campos sejam bem conhecidos e constantemente estudados, constituir um mapa das relações que estabelecem, a circulação de seu capital social, e como estas impactam os julgamentos que realizam, possibilitaria espacializar as relações brevemente apontadas aqui, auxiliando na constituição de uma base sólida para a visualização da movimentação do capital simbólico e aprofundando a reflexão acerca das premiações com foco no papel do júri.

Devido à quantidade de prêmios que são atribuídos todos os anos, o prestígio tem operado uma lógica semelhante à do capital financeiro, em que o excesso de oferta tem diminuído o seu valor. Pouco importa se determinada obra receber duzentos e sessenta e oito prêmios, quantidade atribuída anualmente desde 2016 no Architecture Masterprize⁷, se ela não tiver sido reconhecida pela iniciativa X ou Y, dotadas de maior capital simbólico no campo. Coloca-se uma disputa entre a quantidade e a “qualidade” do prestígio oferecido, de modo que o acúmulo de prêmios não funciona como uma distinção por si.

Na verdade, o grande número de conquistas possibilita uma maior recorrência das obras e figuras nos meios de divulgação arquitetônica, que por sua vez garantem maior repercussão e alcance para que essa produção arquitetônica seja considerada para integrar outras práticas de movimentações do capital simbólico. A inserção nesse circuito de distinção torna-se uma etapa fundamental para, talvez, ser destacado pelas instâncias de validação mais prestigiadas do campo. Assim, a principal contribuição das premiações é deslocada do prêmio per se e passa a orbitar na sua divulgação.

Escrever sobre acontecimentos contemporâneos apresenta desafios quanto ao, aparente, excesso de informações e a carência de reflexões que se apresentam. Como aponta Chupin et al. (2023) o cenário de premiações continua em crescimento com o surgimento de novas iniciativas e a criação de novas categorias dentro de premiações já estabelecidas no campo. Esta constatação reforça o objetivo deste trabalho que, a partir de um recorte, amplia as bases de reflexão acerca dessas

⁷ Prêmio norte-americano entregue pelo Farmani Group e presente no levantamento realizado em Chupin et al. (2022)

iniciativas com uma metodologia apoiada nas contribuições de Pierre Bourdieu, que ainda estão para ser mais exploradas dentro do campo arquitetônico. Esta aproximação atém-se principalmente aos mecanismos e um breve panorama acerca dos discursos manifestados nos agentes e das obras mobilizadas, deixando margem para um aprofundamento destas questões.

Como demarcado por Barbosa (2025), as estruturas de poder e dominação vigentes que se manifestam através das narrativas canônicas, requerem ações conscientes e voluntárias para sua não reprodução. O que se percebe acerca da América Latina diante desse cenário, é que as lacunas históricas do campo que ainda são reproduzidas em muitos locais, não surgem da falta de práticas dignas de destaque, mas sim de uma injusta alocação do prestígio.

A relatividade de posições dentro do campo percebidas por Bourdieu (1979 [2006]) também repercute na constituição da violência simbólica que pode ser perpetrada em diferentes escalas. Se ambas as iniciativas contribuem para a inserção de uma representatividade americana diante do contexto global e geral dos prêmios, os olhares para o interior do território e, mais especificamente, de seus países constituem um descompasso. No cenário mais amplo, a principal vítima dessa condição é a produção da América Central, pouco representada em ambos os prêmios, conformando uma lacuna constante já relatada em trabalhos como Sauer (2019) e Quintana Guerrero (2024). Ampliando o foco, podem ser percebidas a reprodução de hierarquias locais que merecem um maior aprofundamento de investigação para contribuir com movimentos como o aqui realizado.

A régua invisível da qualidade arquitetônica colocadas por essas duas iniciativas configuram a reprodução dos mesmos mecanismos responsáveis por constituir tais lacunas num primeiro momento. Tem-se como exemplo o destaque para as práticas formalizadas através de escritórios, sistematicamente relegando a marginalidade as produções informais em grande desenvolvimento no contexto latino-americano. Assim, o que se percebe é o movimento já apontado por Liernur (2002), em que tais iniciativas são a construção de visões da América Latina adequadas a inserção nas disputas do cenário global. Seria possível então, elaborar premiações capazes de divergir (WAISMAN, 1990 [2013]), ou escapar das bases epistemológicas das práticas de dominação (CASTRO-GÓMEZ, 1996 [2021])?

As mudanças necessárias para processos como esse não se limitam ao campo arquitetônico e requerem a coordenação de todo o sistema de reconhecimento e da prática de arquitetura. Para isto, é necessário a mudança das estruturas de pensamento, que, como afirma Morin (2010), é uma tarefa complexa que necessita de instrumentos e das práticas para acontecer.

Assim, o olhar para esse recorte das premiações que colocam a produção da América Latina em uma posição de destaque sob a ótica de Pierre Bourdieu, aponta para a necessidade de ampliação das pautas de valoração e, portanto, juízos, que contribuem com a construção do panorama hegemônico de produção e reconhecimento da arquitetura contemporânea. Ainda que tenham seus efeitos minimizados, o impacto que produzem não podem ser negados. O ponto, porém, está na compreensão dessas iniciativas apenas como um pequeno movimento dentro do oceano que é o campo arquitetônico. O mesmo é válido para este estudo aqui proposto, em que apenas uma parte do sistema é abordado. Por mais que reverberações possam ser percebidas, para entender verdadeiramente os efeitos que produzem, é necessário observar o mar como um todo.

REFERÊNCIAS

[#]

2G DOSSIER. Iberoamérica. Arquitectura Emergente. Barcelona: Gustavo Gili, 2007.

[A]

ADAMCZYK, Georges. What can students learn from architecture awards? In: CHUPIN, Jean-Pierre; CUCUZZELLA, Carmela; ADAMCZYK, Georges (eds.). *The Rise of Awards in Architecture*. Wilmington, DE: Vernon Press, 2022. p. 237-259.

ADRIÀ, Miquel. GRIBORIO, Andrea. (Orgs.). *RADICAL: 50 Arquitecturas Latinoamericanas*. Cidade do México: Arquine, 2016.

AMORIM, Luiz Manuel do Eirado. Modernismo recifense: uma escola de arquitetura, três paradigmas e alguns paradoxos. *Arquitextos*, São Paulo, ano 01, n. 012.03, Vitruvius, maio 2001.

ANAND, N.; WATSON, M. R. Tournament rituals in the evolution of fields: the case of the grammy awards. *Academy of Management Journal*, v. 47, n. 1, p. 59–80, 1 fev. 2004.

ANDRADE, Manuella; ZEIN, Ruth Verde. Espaços públicos distintos, espaços abertos semelhantes: uma reflexão sobre a arquitetura contemporânea. In *Prêmio Latinoamericano de Arquitectura Rogelio Salmona – espacios abiertos/ espacios colectivos, Segundo Ciclo 2016*. Bogotá, Fundação Rogelio Salmona, p. 96, 2017

ARANGO, Silvia. Comentarios Analíticos a la XVI Bienal Colombiana de Arquitectura In: *Livro XVI Bienal Colombiana de Arquitectura 2008*, Villegas Editores, Ministério de Cultura, Bogotá, Colômbia, 2008.

ARANGO, Silvia. Crítica e Prêmios de Arquitetura. *Summa +*, n. 124, Buenos Aires, out. 2012a, p. 77

ARANGO, Silvia. Seis generaciones que construyeron la arquitectura latinoamericana. México: Fondo de Cultura Económica, 2012b.

ARANGO, Silvia, La Sociedad Colombiana de Arquitectos en el Contexto Latinamericano. In: *Livro XXIV Bienal Colombiana de Arquitectura 2014, 80 años Sociedad Colombiana de Arquitectos*, 2014.

ARANGO, Silvia. Critérios para emitir um julgamento. In *Prêmio Latinoamericano de Arquitectura Rogelio Salmona – espacios abiertos/ espacios colectivos, Primer Ciclo 2014*. Bogotá, Fundação Rogelio Salmona, p. 89, 2015.

ARCILA, Claudia A.; SALMONA, Rogelio. Tríptico Rojo: conversaciones com Rogelio Salmona. Ed. Taurus, Bogotá, 2007.

ARELLANO, Alfonso. América Latina, historiografía y arquitectura. Trienal de Investigación FAU 2011. Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Central de Venezuela, Caracas, jun., 2011.

ARZÚ, Marta Casás. Redes intelectuales en América Latina [Prefácio]. In: Redes intelectuales en América Latina. Chile: Instituto de Estudios Avanzados / Universidad Santiago de Chile. 2007

ATIQUE, Fernando. Congresso Pan-Americano de Arquitetos: ethos continental e herança europeia na formulação do campo do planejamento (1920-1960). URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, v. 6, n. 8, 2014.

AVELAR, Ravísia Silva de; POLIZZO, Ana Paula; GIROTO, Ivo Renato. PRÊMIO OSCAR NIEMEYER: UM ENSAIO SOBRE A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA. Arquiteturas Contemporâneas no Brasil: Fronteiras Híbridas, Ceará, 2025.

AVILA, Javier Enrique Romero. Bienais de arquitetura na América Latina: dez anos de grandes prêmios bienais (2005-2015). 2017. Dissertação (Mestrado em Projeto, Espaço e Cultura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/D.16.2019.tde-27062017-153600.

[B]

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o Giro Decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 11, p. 89-117, Brasília/DF, maio-agosto de 2013.

BARBOSA, Mariana Alves. Arquitetas e arquiteturas em panoramas latino-americanos. Orientador: Ana Gabriela Godinho Lima. 2023. Dissertação (Mestrado) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/1008acda-d794-44c9-9f33-639e97b37050>. Acesso em: 16 jun. 2025.

BARBOSA, Mariana Alves. DISCURSOS DESLOCADOS E MODOS DE PREMIAR. Arquiteturas Contemporâneas no Brasil: Fronteiras Híbridas, Ceará, 2025.

BASYAZICI, Burcin; ULUOGLU, Belkis. The Phenomenon of Being Distinguished in Architecture: a Study on Pritzker Prize. ATINER's Conference Paper Series: No: ARC2017-2332, Atenas, 2017.

BELL, Catherine M. Ritual: Perspectives and dimensions. Oxford University Press, 1997

BERGDOLL, Barry; COMAS, Carlos Eduardo; LIERNUR, Jorge Francisco; DEL REAL, Patricio. Latin America in Construction: Architecture 1955–1980. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 2015.

BOMFIM, Alexandre Mesquita Silva. A Arquitetura de uma constelação. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, PUC-MG, 2017.

BONATES, Mariana. CAVALCANTI; Guilherme Amorim. Prêmio Rogelio Salmona: uma visão da arquitetura da América Latina?. Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online), São Carlos, Brasil, v. 21, 2023. DOI: 10.11606/1984-4506.risco.2023.210994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/210994>. Acesso em: 26 nov. 2024.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOURDIEU, Pierre. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero; 1983.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: RICHARDSON, John G. (org.). Handbook of theory and research for the sociology of education. New York: Greenwood Press, 1986. p. 241-258.

BOURDIEU, Pierre. The Field of Cultural Production: Essays on Art and Literature. Cambridge: Polity Press, 1993.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre et al. O poder simbólico. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BRITANNICA. Pritzker Prize: International Architecture Prize. 2016. Disponível em: <http://global.britannica.com/topic/Pritzker-Prize>. Acesso em: 22 ago. 2025.

BUNTROCK, Dana. Big in Japan: What the Nobel Prize Reveals about the Pritzker Prize. In: CHUPIN, Jean-Pierre; CUCUZZELLA, Carmela; ADAMCZYK, Georges (orgs.). *The Rise of Awards in Architecture*. Wilmington, DE: Vernon Press, 2022. p. 1-30.

[C]

CARRANZA, Luis E.; LARA, Fernando Luiz. Modern Architecture in Latin America: Art, Technology, and Utopia. Austin: The University of Texas Press, 2015.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Critique of Latin American reason. Tradução: Andrew Ascherl. New York: Columbia University Press, 2021.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero

y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CAVALCANTI, Guilherme Amorim. Os limites da realidade : a prática projetual contemporânea na América Latina a partir do Prêmio Rogelio Salmona. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2022.

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: A História Cultural. Lisboa: DIFEL, 1990. p. 13-28.

CHENG, L. Global trends in architectural recognition. International Journal of Architecture, v. 15, n. 4, p. 112-127, 2017.

CHUPIN, Jean-Pierre. Can Awards and Prizes Define Quality in Architecture? In: CHUPIN, Jean-Pierre; CUCUZZELLA, Carmela; ADAMCZYK, Georges (orgs.). The Rise of Awards in Architecture. Wilmington, DE: Vernon Press, 2022. p. 51-76.

CHUPIN, Jean-Pierre; CUCUZZELLA, Carmela; ADAMCZYK, Georges. What Can Explain the Exponential Growth of Awards in the Built Environment? In: CHUPIN, Jean-Pierre; CUCUZZELLA, Carmela; ADAMCZYK, Georges (orgs.). The Rise of Awards in Architecture. Wilmington, DE: Vernon Press, 2022

COLOMINA, Beatriz. Privacy and publicity: modern architecture as mass media. Londres: MIT Press, 1994

COLOMINA, Beatriz; GALÁN, Ignacio G.; KOTSIORIS, Evangelos; MEISTER, Anna-Maria (eds.). Radical Pedagogies. Cambridge, MA : MIT Press, 2022. ISBN 978-0-262-54338-5.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. A feira mundial de Nova York de 1939: o pavilhão brasileiro. Arqtexto. Porto Alegre, RS. n. 16 (2010), p. 56-97, 2010.

COSTA, André Luis Cordeiro da. A crítica na arquitetura. Do panorama à realidade brasileira. Arqtextos, São Paulo, ano 16, n. 187.04, Vitruvius, dez. 2015 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/16.187/5887>>.

CUNHA, Marcio Cotrim; LARA, Fernando Luiz; GUERRA, Abilio. Do edifício de uso misto ao edifício habitacional híbrido na América Latina: os casos de Lima, Caracas, Buenos Aires, Cidade do México, Bogotá e São Paulo. In: 13o Seminário do.co.mo.mo. Salvador: 2019.

DE BREA, Ana. Total Latin American architecture: libretto of modern reflections & contemporary works. New York: The Monacelli Press, 2016.

DENISON, Dirk. "MCHAP reinforces a unique North–South axis that creates potential for urgently needed cross-cultural learning at a moment of global change and crisis." MCHAP 2022 Jury and Nominated Projects Announced, 10 mar. 2022. Disponível em: <https://www.mchap.co/post/mchap-2022-jury-and-nominated-projects-announced>. Acesso em: 30 out. 2025.

DENISON, Dirk. "As a collective, we must explore how different awards can learn from each other and build synergies that amplify our impact. By fostering partnerships, we can expand the reach and effectiveness of our initiatives and create a stronger, shared framework for supporting architectural excellence." In: MCHAP "Beyond the Prize": How Architecture Awards Can Catalyse Meaningful Change', 4 abr. 2025a. Disponível em: <https://www.mchap.co/post/beyond-the-prize-how-architecture-awards-can-catalyse-meaningful-change>. Acesso em: 30 out. 2025.

DENISON, Dirk. MCHAP Finalist Announcement. YouTube, 7 fev. 2025b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PVIpdty2gic>. Acesso em: 30 out. 2025.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. Redes intelectuales en América Latina: hacia la constitución de una comunidad intelectual. Santiago: Instituto de Estudios Avanzados – Universidad Santiago de Chile, 2007.

DÍEZ, Fernando. Crise de autenticidade, mudanças na produção da arquitetura argentina (1990-2002). Porto Alegre: UFRGS. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura – PROPAR, 2005.

DÍEZ, Fernando. Arquitetura que faz cidade. In: VASCONCELLOS, Juliano Caldas de; BALEM, Tiago (Orgs.). Bloco: a arquitetura da América Latina em reflexão. Novo Hamburgo: Feevale, 2015a.

DÍEZ, Fernando. Sobre a variedade dos casos exemplares. In Prêmio Latinoamericano de Arquitectura Rogelio Salmona – espacios abiertos/ espacios colectivos, Primer Ciclo 2014. Bogotá, Fundación Rogelio Salmona, p. 104, 2015b.

DÍEZ, Fernando. A afirmação de um viés. In Prêmio Latinoamericano de Arquitectura Rogelio Salmona – espacios abiertos/ espacios colectivos, Segundo Ciclo 2016. Bogotá, Fundación Rogelio Salmona, p. 180, 2017.

DURÁN CALISTO, Ana María. Arquitectura contemporánea de Ecuador (1999-2015): el florecimiento de una crisis (Parte I). 01 out 2015. Plataforma Arquitectura. Disponível em: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/773742/arquitectura-contemporanea-de-ecuador-1999-2015-el-florecimiento-de-una-crisis-parte-i>. Acesso em 28 set 2025.

DURÁN CALISTO, Ana María. From paradigm to paradox: on the architecture collectives of Latin America. Harvard Design Magazine No. 34. Architectures of Latin America . Cambridge, 2011 .

DURÁN CALISTO, Ana María. Tempo, arquitetura e o Prêmio Rogelio Salmona. In: Prêmio Latinoamericano de Arquitectura Rogelio Salmona - espacios abiertos/espacios colectivos, Segundo Ciclo 2016. Bogotá, Fundação Rogelio Salmona, 2017, p. 72

[E]

ENGLISH, James F. Winning the culture game: Prizes, awards, and the rules of art. *New Literary History*, v. 33, n. 1, p. 109-135, 2002.

ENGLISH, James F. *The Economy of Prestige: Prizes, Awards, and The Circulation of Cultural Value*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

ENGLISH, James F. The economics of cultural awards. In: GINSBURGH, Victor A.; THROSBY, David (ed.). *Handbook of the Economics of Art and Culture*. v. 2. Amsterdam: Elsevier, 2014. p. 119–141. DOI: [10.1016/B978-0-444-53776-8.00006-4](https://doi.org/10.1016/B978-0-444-53776-8.00006-4).

ESPINOZA, José Carlos Huapaya (org.). *Arquitetura e urbanismo modernos na América Latina: olhares através das revistas especializadas (1920-1960)*.

[F]

FEATHERSTONE, M. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997.

FERNÁNDEZ COX, Cristian. Modernidad apropiada, modernidad revisada, modernidad reencantada. *Summa*, v. 289, p. 36-40, 1991

FERNÁNDEZ-GALIANO, Luis. La diferencia indiferente. In: *AV Monografías*, Madrid, n. 139, p. 3, set./out. 2009.

FERRO, Sérgio. O canteiro e o desenho [1976]. In: *Arquitetura e trabalho livre*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, pp. 105–200.

FORTY, Adrian. *Words and buildings: A vocabulary of modern architecture*. Nova York: Thames and Hudson, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, revisão de Ligia Vassalo. Petrópolis: Vozes, Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972. 260p. [Edição Original publicada em 1969].

FRAMPTON, Kenneth. Towards a critical regionalism: six points for an architecture of resistance. In: FOSTER, Hal (ed.). *The anti-aesthetic: essays on postmodern culture*. Port Townsend: Bay Press, 1983. p. 16–30.

FREY, Bruno S.; GALLUS, Jana. *Honors: A rational choice analysis of award bestowals*. *Rationality and Society*, v. 28, n. 3, p. 255–269, ago. 2016.

FREY, Bruno S.; GALLUS, Jana. Towards an economics of awards. *Journal of Economic Surveys*, v. 31, n. 1, p. 190-200, 2017.

FRIEDMAN, Sam; REEVES, Aaron. From aristocratic to ordinary: shifting modes of elite distinction. *American Sociological Review*, v. 85, n. 2, p. 323-350, 2020.

FUNDAÇÃO ROGELIO SALMONA. *Arquitectura y Espacio Urbano: Memorias del futuro*. Instituto Distrital de Patrimonio Cultural, 2014.

FUNDAÇÃO ROGELIO SALMONA. Prêmio Latinoamericano de Arquitectura Rogelio Salmona - espacios abiertos/ espacios colectivos, Primer Ciclo 2014. Bogotá, 2015. Disponível em: <https://issuu.com/docs/premio_rogelio_salmona_ebook>. Acesso em: 24 nov. 2024.

FUNDAÇÃO ROGELIO SALMONA. Prêmio Latinoamericano de Arquitectura Rogelio Salmona - espacios abiertos/ espacios colectivos, Segundo Ciclo 2016. Bogotá, 2017. Disponível em: <https://issuu.com/docs/fundacionsalmona_web>. Acesso em: 24 nov. 2024.

FUNDAÇÃO ROGELIO SALMONA. Prêmio Latinoamericano de Arquitectura Rogelio Salmona - espacios abiertos/espacios colectivos, Tercer Ciclo 2018. Bogotá, 2019. Disponível em: <https://issuu.com/docs/fundacionsalmona_web>. Acesso em: 28 ago. 2022.

[G]

GADANHO, Pedro. Is curating the new criticism? In: PREISER, Wolfgang F. E.; DAVIS, Aaron T.; SALAMA, Ashraf M.; HARDY, Angela E. (ed.). *Architecture beyond criticism: expert judgment and performance evaluation*. London; New York: Routledge, 2015. p. 46–52.

GALLUS, Jana; FREY, Bruno S. Awards: A strategic management perspective. *Strategic Management Journal*, v. 37, n. 8, p. 1699–1714, ago. 2016.

GHISLENI, Camilla. Niemeyer, Le Corbusier e a história do projeto da sede da ONU. *ArchDaily Brasil*, 30 out. 2023.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GO, Julian. Bourdieu, Argélia e a perspectiva pós-colonial/Bourdieu, Algeria and the postcolonial standpoint. *Revista Semestral do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar*, v. 8, n. 1, p. 11, 2018.

GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. *Emergências latino-americanas: arquitetura contemporânea 1991-2011*. 2013. 730 f. Tese (Doutorado em Historia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

GOODE, William J. *The celebration of heroes: prestige as a social control system*. Berkeley and Los Angeles: University of California, 1978.

GOODWIN, Philip Lippincott; SMITH, George Everard Kidder. Brazil builds: architecture new and old, 1652-1942. New York: Museum of modern art, 1943.

GORELIK, Adrian. A produção da cidade latino-americana. In Jornada Redes intelectuais e história social da cultura, Depto de Sociologia da USP, AGO 2003.

[H]

HARVARD DESIGN MAGAZINE. *Architectures of Latin America*. Cambridge, MA: Harvard University Graduate School of Design, n. 34, Spring/Summer 2011.

HARVEY, David. Cidades Rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana. 1a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HARWOOD, E.; MAY, J.; SHERMAN, A. *The Architect and the Elite: A History of the Profession in Britain*. London: Routledge, 2011.

HERNÁNDEZ, Felipe. *Beyond modernist masters: contemporary architecture in Latin America*. Basel: Birkhäuser, 2009.

HITCHCOCK, Henry Russell. *Latin American Architecture since 1945*. Nova Iorque: Museum of Modern Art, 1955.

[I]

ILLINOIS INSTITUTE OF TECHNOLOGY. The IIT Community. Chicago: IIT College of Architecture, [s.d.]. Fotografia de Judith Rackow; Fionn Hui. Disponível em: <https://arch.iit.edu/the-iit-community>. Acesso em: 04 nov. 2025.

IMANI, Nadie; ZAFARMANDI, Sevil. Origins of taste in architecture. The Monthly Scientific Journal of

[J]

JANNIÉRE, Hélène; SCRIVANO, Paolo. *Public Debate and Public Opinion: Notes for a Research on Architectural Criticism*. CLARA Architecture/Recherche. n. 7, pp. 18-29, 2020.

[K]

KENNEDY-KARPAT, Colleen; SANDBERG, Eric. Adaptation and systems of cultural value. In: Adaptation, awards culture, and the value of prestige. Cham: Springer International Publishing, 2017. p. 1-20.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreender: os sentidos do texto. Contexto, 2006.

KRENAK, Ailton. Saíam desse pesadelo de concreto. In: MOULIN, G. et al (org.) Habitar o Antropoceno. Belo Horizonte : BDMG Cultural/ Cosmópolis, 2022. p. 210-

228. Disponível em: [hps://bdmgcultural.mg.gov.br/wp/wp-content/2022/02/bdmg-cultural-livro.pdf](https://bdmgcultural.mg.gov.br/wp/wp-content/2022/02/bdmg-cultural-livro.pdf). Acesso em: 15 jul. 2023.

KUSCH, Rodolfo. Esbozo de una Antropología Filosófica Americana. Buenos Aires: Ediciones Castañeda, 1978.

[L]

LARA, Fernando Luiz. Cartografias imprecisas. Mapeando arquiteturas contemporâneas na América Latina. *Arquitextos*, São Paulo, ano 13, n. 150.02, Vitruvius, nov. 2012 <<https://vitruvius.com.br/revistas/arquitextos/13.150/4507/pt>>.

LARA, Fernando Luiz. A excepcionalidade do modernismo brasileiro. São Paulo: Romano Guerra, 2018.

LARA, Fernando Luiz. “Prefácio: por uma teoria da arquitetura decolonizada”. In: MOASSAB, Andréia; NAME, Leo (Orgs.). *Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo*. Foz do Iguaçu: Edunila, 2020.

LARA, Fernando Luiz. A pureza é um mito: discutindo as raízes do cânone. In: ZEIN, Ruth Verde (Org.). *Revisões historiográficas: arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022, p.87-96.

LEAL, Felipe. Opnião sobre o terceiro ciclo do Prêmio Latino-Americano de Arquitetura Rogelio Salmona 2018. In *Prêmio Latinoamericano de Arquitectura Rogelio Salmona – espacios abiertos/ espacios colectivos*, Tércer Ciclo 2018. Bogotá, Fundação Rogelio Salmona, p. 138, 2019

LEVI, Giovanni. Micro-História e história global. In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre (Orgs.). *Micro-História: um método em transformação*. São Paulo: Letras e Vozes, 2020.

LIERNUR, Jorge Francisco. *Escritos de arquitectura del siglo XX en América Latina*. Madrid: Tanais Ediciones, 2002.

LIERNUR, Jorge Francisco. *La red austral: obras y proyectos de Le Corbusier y sus discípulos en la Argentina (1924-1965)*. Universidad Nacional de Quilmes, 2008.

LIERNUR, Jorge Francisco. *Modern architecture in Latin America: art, technology and utopia* [Foreword]. In: *Modern architecture in Latin America: art, technology and utopia*. Texas: University of Texas, 2014.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. *Arquitetas e arquiteturas na América Latina do Século XX*. São Paulo: Altamira Editorial, 2014.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. Nas fronteiras da civilização: como se criarão os novos cânones da arquitetura? In: ZEIN, Ruth Verde (Org.). *Revisões historiográficas: arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022, p. 128-140.

LIPSTADT, Hélène. Architectural publications, competitions and exhibitions. In: BLAU, E.; KAUFMAN, E. (org.). Architecture and its image: four centuries of architectural representation. Montréal: Canadian Centre for Architecture, 1989. p. 109-137.

[M]

MACK, Edward. Accounting for taste: the creation of the Akutagawa and Naoki Prizes for literature. Harvard Journal of Asiatic Studies, Cambridge, v. 64, n. 2, p. 291-340, 2004.

MADRIÑAN, Maria Elvira. Apresentação. In Prêmio Latinoamericano de Arquitectura Rogelio Salmona – espacios abiertos/ espacios colectivos, Primer Ciclo 2014. Bogotá, Fundação Rogelio Salmona, 2015, p. 16

MALUENDA, Ana Estebán. "Epílogo" In: MALUENDA, Ana Esteban. La arquitectura moderna em Latino América. Colección Estudios Universitarios de Arquitectura, 27. Barcelona, Reverté, 2016.

MALUENDA, Ana Estebán. Algoritmos para a Arquitetura Moderna. In: ZEIN, Ruth Verde (Org.). Revisões historiográficas: arquitetura moderna no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022, p.37-45.

MARTINS, Patrícia Pereira. Arquitetura e realidade. São Paulo: Altamira Editorial, 309p., 2023.

MCGUIRK, Justin. Radical Cities: Across Latin America in Search of a New Architecture. Londres; Nova Iorque: Verso, 2015.

MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE. About | MCHAP. [S.l.], s.d. Disponível em: <https://www.mchap.co/about>. Acesso em: 30 out. 2025.

MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE. Process | MCHAP. [S.l.], s.d. Disponível em: <https://www.mchap.co/about>. Acesso em: 30 out. 2025.

MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE. Winners | MCHAP. [S.l.], s.d. Disponível em: <https://www.mchap.co/about>. Acesso em: 30 out. 2025.

MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE. MCHAP nominees announced. [S.l.], 1 maio 2014. Disponível em: <https://www.mchap.co/post/mchap-nominees-announced>. Acesso em: 30 out. 2025.

MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE. MCHAP 2022 Jury and Nominated Projects Announced. [S.l.], 10 mar. 2022. Disponível em: <https://www.mchap.co/post/mchap-2022-jury-and-nominated-projects-announced>. Acesso em: 30 out. 2025.

MIES CROWN HALL AMERICAS PRIZE. 'Beyond the Prize': How Architecture Awards Can Catalyse Meaningful Change. [S.l.], 4 abr. 2025. Disponível em:

<https://www.mchap.co/post/beyond-the-prize-how-architecture-awards-can-catalyse-meaningful-change>. Acesso em: 30 out. 2025.

MIGNOLO, Walter. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (Orgs.). El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

MIGNOLO, Walter. Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. La idea de América Latina (la derecha, la izquierda y la opción decolonial). Crítica y emancipación, v. 2, p. 251-276, 2009.

MOASSAB, Andréia (Org.); NAME, Leo (Org.). Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo. 1. ed. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020. ISBN 978-65-86342-09-3.

MOERAN, Brian. How to award a prize: An ethnography of a juried ceramic art exhibition in Japan. In The 7th Conference of the European Research Network Sociology of the Arts, Vienna, Austria, 2012.

MONTANER, Josep Maria. Arquitetura e critica na América Latina. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2014.

MONTANER, Josep Maria. Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação. São Paulo, SP, Gustavo Gili, 2017.

MUÑIZ-REED, Ivan. Pensamentos sobre práticas curatoriais no giro decolonial. MASP/Aerall, 2018. Disponível em: [hps://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-oaZHEcCANVB14Q4TP69c.pdf](https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-oaZHEcCANVB14Q4TP69c.pdf).

THE MUSEUM OF MODERN ART. Exhibition history. New York: The Museum of Modern Art, s.d. Disponível em: https://www.moma.org/calendar/exhibitions/history/?begin_date=1929&end_date=now&location=both&mde_type=Exhibition&sort_date=relevance. Acesso em: 4 nov. 2025.

[N]

NELSON, R. A.; DONIHUE, M. R.; WALDMAN, D. M.; WHEATON, C. What's an Oscar worth? Economic Inquiry, v. 39, n. 1, p. 1–16, 2001.

NOELLE GRAS, Louise. Uma experiência singular. In Prêmio Latinoamericano de Arquitectura Rogelio Salmona – espacios abiertos/ espacios colectivos, Primer Ciclo 2014. Bogotá, Fundación Rogelio Salmona, p. 114, 2015

NOELLE GRAS, Louise. Uma aproximação à paisagem urbana. In Prêmio Latinoamericano de Arquitectura Rogelio Salmona – espacios abiertos/ espacios colectivos, Segundo Ciclo 2016. Bogotá, Fundación Rogelio Salmona, p. 170, 2017

NOELLE GRAS, Louise. The power to behold. In: WANG, W. (ed.). On the duty and power of architectural criticism. Zürich: Park Books, 2022. p. 18-21.

[O]

OLIVEIRA, Maria Heloísa Alves de. O Ethos de uma escola: a formação do arquiteto no Recife de 1932 a 1974. Orientador: Luiz Manuel do Eirado Amorim. 2024.

[P]

PLOT. América Latina – hoje. Buenos Aires: Piedra, papel y tijera, V.24. Jun, 2015.

[R]

RED BAAL – Red de Bienales de Arquitectura de América Latina. Página inicial. Quito, s.d. Disponível em: <https://www.redbaal.com>. Acesso em: 30 out. 2025.

RESCHKE, B. P.; AZOULAY, P.; STUART, T. E. Status Spillovers: The Effect of Status-conferring Prizes on the Allocation of Attention. *Administrative Science Quarterly*, v. 63, n. 4, p. 819–847, dez. 2018.

RESTREPO, Camilo. Ambiguidade e paradoxo. *Revista Plot 24, América Latina Hoje*. Buenos Aires, 2015. p. 175.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; DE ALCANTARA, Denise; DEL RIO, Vicente. A influência do Projeto na Qualidade do Lugar. *Sociedade e Território-Revista de Estudos Urbanos e Regionais*, p. 01-18, 2005.

RICHARDSON, John G. *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*. 1986.

RODRÍGUEZ, Florencia. América Latina Hoje - A Modernidade é História. *Revista Plot 24, América Latina Hoje*. Buenos Aires, 2015.

[S]

SANTOS, Boaventura S. *A gramática do tempo*. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Fabiana F. P. dos. Em busca da América Latina e suas arquiteturas: Contextos, proposições e tensões nas exposições do MoMA (1955 e 2015). Dissertação (mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SAUER, Cássio. *Arquitetura x Escassez na produção contemporânea em território latino-americano*. 2019. 336 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do

Sul, Porto Alegre, 2019.

SCRIVANO, Paolo. Crossed Glances: Architecture and Criticism astride Geographies. CADERNOS DO PROARQ (UFRJ), v. 1, n. 43, p. 24, dez. 2024.

SEABRA, Jessica. O prêmio Pritzker e a arquitetura contemporânea premiada. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, [s. l.], v. 23, ed. 32, p. 9-29, 1º sem 2016.

SEGAWA, Hugo. Arquiteturas no Brasil 1900-1990. São Paulo: Edusp, 1998. 224p.

SEGRE, Roberto. Espaço público e democracia: experiências recentes nas cidades de América Hispânica. Arquitectos, São Paulo, ano 05, n. 060.04, Vitruvius, maio 2005.

SETTON, Maria da Graça J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma interpretação contemporânea. Revista Brasileira de Educação Anped - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, jan./abr, pp. 60-70, 2002.

SIEGER, Pete. Interior da Crown Hall no Illinois Institute of Technology, Chicago. 2023. Disponível em: <https://archeyes.com/the-crown-hall-ludwig-mies-van-der-rohes-testament-to-modern-architecture/>. Acesso em: 4 nov. 2025.

SILVA, Maria Lucy Lopes Rodrigues da. *Desdobramentos do Acordo de Santiago: o discurso sobre a arquitetura na América Latina em periódicos especializados brasileiros na década de 1980*. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Arquitetura e Urbanismo) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2025.

SMITH, J. The impact of architectural awards on careers. Journal of Architectural Studies, v. 22, n. 3, p. 45-59, 2015.

SOUZA, Gisela Barcellos de. Tessituras híbridas: encontros latino-americanos em arquitetura e o retorno à cidade. Incipit, Editora UFMG, 2019.

STEVENS, Gary. The Favored Circle: The Social Foundations of Architectural Distinction. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.

SWARTZ, David L. Symbolic power, politics and intellectuals. The political sociology of Pierre Bourdieu. Chicago: The University of Chicago Press, 2013

SWARTZ, David L. Culture and power: the sociology of Pierre Bourdieu. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.

[T]

TEIXEIRA, F. C. et.al. Metodologia da Pesquisa Histórica. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2014.

TEMPESTINI, M. Criticism goes social: exploring public architectural criticism through architecture awards. Archnet-IJAR: International Journal of Architectural Research, v. 19, n. 2, p. 411–433, 10 jun. 2025.

TORRENT, Horacio. Cristal Opaco. La arquitectura Latinoamericana como categoría historiográfica. In: Mondragón L.; Hugo; Mejía M., Catalina (org). Sudamérica Moderna. Objetos. Edificios. Territorios. Santiago de Chile: ARQ, 2015, p.274-291.

TZONIS, Alexander; LEFAIVRE, Liane. “The Grid and the Pathway: An Introduction to the Work of Dimitris and Suzana Antonakakis.” *Architecture in Greece*, n. 15, 1981, p. 164–178.

[Q]

QUINTANA GUERRERO, Ingrid (Ed.). *Divergences: Architecture in Latin America and Discourses of the End of the Century. Latina American: Thoughts*. São Paulo: Romano Guerra Editora; Austin: Nhamerica Platform, 2024.

[U]

UNIVERSIDAD DE LOS LAGOS. SAL 2024: ULagos será sede de seminario de arquitectura más antiguo de América Latina. Osorno, 28 nov. 2024. Disponível em: <https://www.ulagos.cl/2024/11/sal-2024-ulagos-sera-sede-de-seminario-de-arquitectura-mas-antiguo-de-america-latina/>. Acesso em: 4 nov. 2025.

[W]

WAISMAN, Marina. Primer Seminario de Arquitectura Latinoamericana: Un auspicioso comienzo. *Summa*, nº 217, set. 1985, p. 26-27.

WAISMAN, Marina. O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos (Trad. Anita Di Marco). São Paulo: Perspectiva, 2013.

WALLERSTEIN, I. (1974a). O sistema mundial moderno. Vol. I: a agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI. Porto: Ed. Afrontamentos.

WALLERSTEIN, I. (1974b). O sistema mundial moderno. Vol. II: o mercantilismo e a consolidação da economia-mundo europeia, 1600-1750. Porto: Ed. Afrontamentos.

WANG, Wilfred. O direito do público ao espaço público. In *Prêmio Latinoamericano de Arquitectura Rogelio Salmona – espacios abiertos/ espacios colectivos, Segundo Ciclo 2016*. Bogotá, Fundação Rogelio Salmona, p. 210, 2017.

WEBSTER, Helena. *Bourdieu for Architects*. London; New York: Routledge, 2011.

WIJETUNGE, M. N. R.; CHANDRASEKARA, T.; PERERA, W. U. U.; JAYADAS, A.; GAYANTHA, K. Elitism and the practice of architecture: insights from the Asian architects who have won the Pritzker Prize from 1979–2023. *Arch-Texts e-Journal*, v. 1, n. 2, p. 1–19, 2024.

WIJETUNGE, M. N. R.; GAYANTHA, D. W. K.; CHANDRASEKERA, Tilanka; ADITYA, Jayadas. Evaluating the influence of world systems theory on Pritzker Prize outcomes in architecture (1979–2024). *International Journal of Arts, Humanities and Social Sciences*, v. 6, n. 3, mar. 2025. DOI: 10.56734/ijahss.v6n3a4

[Z]

ZARPELON, L. F. Intenções de diálogo entre arquitetura e cidade: uma aproximação às obras do Prêmio Salmons. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2021.

ZEIN, Ruth Verde. IV Bienal Ibero-Americana: ampliando intercâmbios. *Arquitextos*, São Paulo, ano 05, n. 052.00, Vitruvius, set. 2004 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.052/544>>.

ZEIN, R.V. A arquitetura da Escola Paulista Brutalista 1953 - 1973. Tese de Doutorado. São Paulo e Porto Alegre, 2005. Volume 1.

ZEIN, Ruth Verde. O avesso do avesso: Recent Brazilian Architecture. In: *Harvard Design Magazine. Architectures of Latin America*. Cambridge: Harvard University Graduate School of Design, V.34. 2011.

ZEIN, Ruth Verde. Um prêmio de horizontes utópicos. In *Prêmio Latinoamericano de Arquitectura Rogelio Salmons – espacios abiertos/ espacios colectivos, Primer Ciclo 2014*. Bogotá, Fundação Rogelio Salmons, p. 98, 2015.

ZEIN, Ruth Verde. *Leituras críticas*. São Paulo: Romano Guerra Editora; Austin; Nhamerica, 2018.

ZEIN, Ruth Verde. O vazio significativo do cânon. *V!RUS*, São Carlos, n. 20, São Carlos, 2020. [online]. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=4&item=1&lang=pt>>. Acesso em: 31 Mai. 2021.

ZEIN, Ruth Verde (Org.). *Revisões historiográficas: arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022.

ZEIN, Ruth Verde. Contingencia latinoamericana y crítica arquitectónica: Conversación con Ruth Verde Zein. In *A&P Continuidad*, v. 10, n. 19, 12 dez. 2023.

ZIAI, Aram. Subdesenvolver o Norte. In: KOTHARI, A. et al. *Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento*. São Paulo: Editora Elefante, 2021. p. 530.

ZUCKERMAN, Harriet. *Scientific elite: nobel laureates in the United States*. New York: Free Press. 1977.